



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS
CLÁSSICAS - LIP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA - PPGL

MURILO DA SILVA BARROS

TIPOS DE VERBOS E MUDANÇA DE VALÊNCIA NA LÍNGUA FALADA PELOS
POVOS CANELA

BRASÍLIA

2024

MURILO DA SILVA BARROS

**TIPOS DE VERBOS E MUDANÇA DE VALÊNCIA NA LÍNGUA FALADA PELOS
POVOS CANELA**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília para o título de Doutor em Linguística

Orientadora: Flávia de Castro Alves

Brasília
2024

da Silva Barros , Murilo
dt Tipos de Verbos e Mudança de Valência na Língua Falada
pelos Povos Timbira / Murilo da Silva Barros ; orientador
Flávia de Castro Alves . -- Brasília, 2024.
215 p.

Tese(Doutorado em Linguística) -- Universidade de
Brasília, 2024.

1. Gramática . 2. Línguas Indígenas . 3. Tipologia
Linguística . 4. Mudança de Valência . I. de Castro Alves ,
Flávia , orient. II. Título.

MURILO DA SILVA BARROS

TIPOS DE VERBOS E MUDANÇA DE VALÊNCIA NA LÍNGUA FALADA PELOS
POVOS CANELA

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Flávia de Castro Alves (orientadora)

Universidade de Brasília (UnB)

Prof.^a Dr.^a Marília Ferreira (Membro Externo)

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Prof. Dr. Andrey Nikulin (Membro Externo)

Universidade Federal de Goiás (UFG)

Prof. Dr.^a Rozana Reigota Naves (Membro Interno)

Universidade de Brasília (UnB)

Prof.^a Dr.^a Marina Magalhães (Membro Suplente)

Universidade de Brasília (UnB)

Brasília, 28 de junho de 2024

Agradeço e dedico este trabalho:

A Deus Pai, Filho e Espírito - por sempre me ajudarem no momento da angústia;

À minha orientadora – Flávia Pahnõ Canela - por ter acreditado em mim, desde a graduação; por ter me orientado nos últimos dez anos; por ter estado sempre presente em todas as etapas deste trabalho; por ter gasto horas e mais horas de vida discutindo dados comigo; por ter me recebido várias vezes, em sua casa, para trabalhar além do expediente; por ter sido extremamente essencial para que esse trabalho existisse;

À comunidade Canela Apãniekrá por terem me recebido e me dado uma experiência de vida inesquecível;

Aos professores Canela - Ricardo, Jaime e Dermivaldo - por terem me assistido, me recebido, me escutado e me ensinado com seus grandes conhecimentos;

À minha família por todo o carinho comigo;

A minha mãe por ter me criado, mesmo sem apoio e com todo amor do mundo;

Aos queridos amigos – que sempre me escutaram e me despertaram a força de vontade;

Ao professor Thiago Chacon, por ter me dado uma primeira oportunidade na área e me apresentado conhecimentos para toda a vida;

Gostaria igualmente de agradecer a todos os meus professores do ensino básico, médio e superior – pela inspiração repassada com a dedicação ao ensino público brasileiro, que, com esforço e com luta, permanecem todos os dias, sem fraquejar, com o objetivo de promover um ensino para todos com qualidade. Em especial, aos professores do NTL: Augusto, Dionei, Marina, Walkíria, Christiane e Aline.

Com amor, Murilo

'If ever there is a tomorrow when we're not together...there is something you must always remember. You are braver than you believe, stronger than you seem, and smarter than you think. But the most important thing is, even if we're apart...I'll always be with you.

~*Winnie the Pooh*, A. A. Milne

Resumo

Essa tese analisa os grupos de verbos e as dinâmicas implicadas na mudança de transitividade da língua indígena falada pelos povos Canela. Para isso, construiu-se um *corpus* de dados da língua, a partir de exemplos do dicionário Canela (Grupp, 2012). Com esse compilado de exemplos, foi possível revisar propriedades morfossintáticas dos verbos e iniciar uma análise mais profunda dos mecanismos de mudança de valência presentes em sua gramática. Nesse ínterim, seguiu-se uma análise descritiva, com base na teoria tipológico-funcional, em que se separou as propriedades gramaticais em consonância com as tendências tipológicas linguísticas, bem como a função dessas propriedades para a língua em análise. No que diz respeito às fases de pesquisa, pode-se dividi-las em três momentos: (i) a revisão bibliográfica de trabalhos sobre os temas de pesquisa presente no capítulo 1; (ii) a separação e análise linguística de 481 exemplos do dicionário Canela presentes nos capítulos 2 e 3; e (iii) a investigação dos processos de mudança de valência na língua presente no capítulo 3. A última fase, em especial, possui a discussão principal proposta neste trabalho: a relação entre os tipos de verbos e os quatro mecanismos de mudança de valência - a. a causativização, b. o acréscimo de participantes não agentes, c. a detransitivização e d. as construções médias. Para a causativização, mostramos como o aspecto lexical é essencial para a formação de causativas morfológicas, haja vista que ela ocorre, restritamente, com verbos descritivos não ativos; e, na formação de causativas sintáticas, diferentemente, a falta de restrição lexical, já que ela ocorre com qualquer tipo de verbo. Para o acréscimo de participante não agente, mostramos como há uma grande produtividade de novos participantes com a marcação posposicional *to* (instrumental) em orações com verbos intransitivos e descritivos ativos que podem vir, após a aplicação de testes, serem analisados como aplicativas. Para a diminuição de valência (detransitivização e construções médias), evidenciou-se como é um processo, sincronicamente, pouco produtivo como alternância sintática, uma vez que há baixa ocorrência de orações transitivas correspondentes - detransitivização (26.53%) e construções médias (10.91%) - e, por conseguinte, parece ser algo restrito a alguns itens lexicais e não um mecanismo para se mudar a estrutura argumental de um grupo de verbos. Por fim, alimentamos a esperança que essas páginas de discussões e análise de dados de orações verbais venham a ser uma contribuição para a descrição gramatical do Canela.

Palavras-chave: línguas Jê; Timbira; Análise Gramatical; mudança de valência; tipologia Linguística.

Abstract

This thesis analyzes the groups of verbs and the dynamics involved in the change of transitivity in the indigenous language spoken by the Canela people. For this purpose, a *corpus* of language data was constructed, based on examples from the Canela dictionary (Grupp, 2012). With this collection of examples, it was possible to review the morphosyntactic properties of verbs and begin a deeper analysis of the valence change mechanisms present in their grammar. In the meantime, a descriptive analysis followed, based on typological-functional theory, in which we separated the grammatical properties in line with linguistic typological trends, as well as the function of these properties for the language under analysis. With regard to the research phases, they can be divided into three moments: (i) a bibliographical review of works on the research themes presented in chapter 1; (ii) the separation and linguistic analysis of 481 examples from the Canela dictionary present in chapters 2 and 3; and (iii) investigation of the processes of valence change in the language present in chapter 3. The last phase, in particular, contains the main piece of discussion proposed in this work on the relationship between the types of verbs and the four mechanisms of valence change: a. causativization, b. the addition of non-agent participants, c. detransitivity and d. middle voice. For causativization, we show how the lexical aspect is essential for the formation of morphological causatives, given that it occurs, restrictedly, with non-active descriptive verbs; and, in the formation of syntactic causatives, conversely, the lack of lexical restriction, as it occurs with any type of verb. As for the the addition of non-agent participants, we show how there is a great productivity of new participants with the postpositional marking *to* (instrumental) in sentences with active intransitive and descriptive verbs that can, after the application of tests, be considered applicatives. For the decrease in valence (detransitivity and middle voice), it was evident that it is a synchronically unproductive process such as syntactic alternation, since there is a low occurrence of corresponding transitive clauses - detransitivity (26.53%) and middle voice (10, 91%) - and, therefore, it seems to be restricted to some lexical items and not a mechanism for changing the argument structure of a group of verbs. Finally, we hope that the discussion and data analysis of verbal clauses will be a contribution to the grammatical description of Canela.

Keywords: Jê languages; Timbira; grammatical analysis; change of valence; linguistic typology.

Lista de Esquemas

Esquema 1: Tipos de Alinhamentos	27
Esquema 2: Intransitividade Cindida	27
Esquema 3: Exemplo de Alinhamento Nominativo-Acusativo	28
Esquema 4: Concordância Verbal e Marcação de Caso	28

Lista de Figuras

Figura 1: Localização dos povos Jê	12
Figura 2: Família Jê Setentrional	13
Figura 3: Exemplo de entrada do dicionário	16
Figura 4: Programa Flex	16
Figura 5: Teoria gramatical funcional	22
Figura 6: Continuum entre transitivos e intransitivos	34
Figura 7: Alinhamento de intransitividade cindida	92

Lista de Quadros

Quadro 1: Grafia das vogais e consoantes no Canela	14
Quadro 2: Postulações da funcionalidade	20
Quadro 3: Tipologia e mecanismos de valência	36
Quadro 4: Parâmetros semânticos para construções causativas	41
Quadro 5: Tipos de mudança de valência	47
Quadro 6: Comparação entre propriedades gramaticais: verbos e nomes	57
Quadro 7: Categorias de modo e modalidade no Canela	68
Quadro 8: Auxiliares aspectuais no Canela	75
Quadro 9: Nova comparação entre nomes, descritivos e verbos	84
Quadro 10: Traços semânticos e verbos monovalentes	86
Quadro 11: Conjunto de traços de propriedades morfológicas dos descritivos	87
Quadro 12: Conjunto de traços de propriedades morfológicas derivacionais dos descritivos	88
Quadro 13: Conjunto de traços de propriedades sintáticas dos descritivos	89
Quadro 14: Séries pronominais no Canela	94
Quadro 15: Comparação entre série pronominal e alinhamento morfossintático	95
Quadro 16: A terceira pessoa em verbos intransitivos	98
Quadro 17: Resumo das propriedades morfológicas em intransitivos	110
Quadro 18: Resumo das propriedades sintáticas em intransitivos	111
Quadro 19: Resumo dos contextos sintáticos em intransitivos	113
Quadro 20: Séries pronominais no Canela	116
Quadro 21: Alinhamentos morfossintáticos no Canela	118
Quadro 22: Resumo das propriedades gramaticais dos grupos principais de verbos	140
Quadro 23: As propriedades gramaticais dos argumentos O, T e R	146
Quadro 24: Tipos de verbos e causativização sintática	160

Quadro 25: Tipos de verbos e causativização morfológica	165
Quadro 26: Tipos de verbos e causativização morfológica: comparação	167
Quadro 27: Comparação entre causativização morfológica e aplicativas	172
Quadro 28: Tipos de verbos encontrados em construções com acrécimo de participante não agente posicionado por <i>to</i>	180
Quadro 29: Tipos de verbos e acréscimo de <i>x-to</i>	181
Quadro 30: Prefixos intransitivos em Apinajé	186
Quadro 31: Verbos intransitivos com morfemas detransitivizadores	188
Quadro 32: Verbos intransitivos com morfemas detransitivizadores e contraparte transitiva	179 194
Quadro 33: Verbos que possuem contraparte transitiva e posicionada	197
Quadro 34: Síntese da pesquisa com detransitivização no Canela	200
Quadro 35: Verbos com morfema <i>pi=</i> e contraparte transitiva	203
Quadro 36: Verbos com morfema <i>pi=</i> e contraparte posicionada	205

Lista de Tabelas

Tabela 1: Comparação numérica entre conjunto de traços e classes de intransitivos	85
---	-----------

LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

1	primeira pessoa	Masc	masculino
2	segunda pessoa	MD	voz média
3	terceira pessoa	MT	estado do Mato Grosso
ABS	marcação de caso absolutiva	NEG NF	negação forma não-finita
ACC	marcação de caso acusativa	N.FUT NOM	não-futuro marcação de caso nominativa
ACT	aspecto lexical ativo		
ANTICAUS	anticausativa	NON	não
ANTIPASS	antipassiva	NMZ	nominalização
APL	aplicativa	PA	estado do Pará
ASP	aspecto	PASS	tempo pretérito
AUM	grau aumentativo	PAT	papel semântico de paciente
CAUS	causativo		
CL	classificador	PE	pessoa
CONT	contável	PL	plural
COP	cópula	POSP	posposição
DAT	marcação de caso dativa	PRF	perfectivo
DEM	pronome demonstrativo	PR	prefixo relacional
DIM	grau diminutivo	PRG	progressivo
DTR	detransitivizador	PST	tempo pretérito
ERG	marcação de caso ergativa	R1 REL	prefixo relacional relativo
F	gênero feminino	RFL	voz reflexiva
INCL	pessoa inclusiva	S	forma singular
IND	modo indicativo	SA	único argumento de verbo intransitivo que mais se parece com o agente
INS	papel semântico de instrumento		
IRR	modo irrealis		
LOC	locativo	SUB	subordinador
M	masculino	TO	estado do Tocantins
MA	estado do Maranhão	TOP	tópico

SUMÁRIO

1. Referencial teórico	1
1.1. A teoria funcional	18
1.1.1 A teoria funcional-tipológica	21
1.1.2 Contribuições tipológicas para a teoria funcional	24
1.2. A mudança de valência sob um ponto de vista funcional tipológico	31
1.2.1 Estudos funcionais sobre a mudança de valência	31
1.2.2 Estudos tipológicos sobre a mudança de valência	35
2. Tipos de verbos no Canela	50
2.1. Os verbos monovalentes	51
2.1.1 Os verbos descritivos	51
2.1.2 Os verbos intransitivos	84
2.2. Os verbos divalentes	113
2.3. Os verbos trivalentes	142
3. Mudança de valência no Canela	151
3.1 Aumento de valência no Canela	153
3.1.1 Construções causativas	154
3.1.2 Acréscimo de participante não agente	167
3.2 Diminuição de valência	182
3.2.1 Construções com morfema detransitivizador	179
3.2.2 Construções com morfema <i>pi=</i>	202
Considerações Finais	205
Referências Bibliográficas	206

Introdução

Os capítulos reunidos nesta tese têm por objetivo oferecer o trabalho de pesquisa em linguística desenvolvido, no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL), por Murilo da Silva Barros, sob orientação da Dra. Flávia de Castro Alves, com o seguinte tema: tipos de verbo e mudança de valência no Canela (Macro-Jê, família Jê, complexo dialetal Timbira).

Como proposta inicial de investigação, pretendíamos identificar a relação entre grupos de verbos e as possibilidades de tipos de alternância de valência na língua Canela, um campo ainda não explorado em trabalhos anteriores de descrição dessa língua. Para isso, iniciamos um trabalho de análise de construções da língua dentro do projeto de pesquisa 'Trabalho de campo colaborativo, documentação e descrição do Canela com foco nos direitos à língua materna', coordenado por Flávia de Castro Alves.

O foco desse trabalho de análise, em específico, foi a busca de construções com mudança de valência na língua Canela para a identificação posterior de tendências funcionais de emprego dessas construções.

Nossa justificativa para a pesquisa foi a falta de uma investigação mais profunda sobre a dinâmica entre forma e função nas alternâncias de valência na língua. A esse respeito, Dixon & Aikhenvald (2000, p. 27) elencam, dentro do universo de estudos tipológicos necessários no assunto 'valência', a falta de pesquisas sobre a variabilidade tipológica de parâmetros semânticos e mudança de valência nas línguas do mundo. Assim sendo, assumimos como compromisso contribuir para os estudos em Sintaxe Funcional-Tipológica, no quesito função e tipologia, de mecanismos de mudança de valência.

O percurso acadêmico, desses anos de doutorado, se deu em três partes principais: em primeiro plano - pesquisa bibliográfica na temática 'mudança de valência'; depois - a separação de dados com mudança de valência presentes no dicionário Canela de Grupp (2ª ed. 2015); por fim - a investigação sobre a relação entre o tipo de verbo e o emprego de mecanismos para a alternância de valência.

O capítulo 1 é o fruto das leituras e das discussões em disciplinas de Tópicos Atuais em Linguística, Seminário de Gramática e Sintaxe Avançada ofertadas pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística, as quais fizeram uso de autores contemporâneos nos estudos tipológicos e funcionais em gramática como, por exemplo, Thomas Payne, Talmy Givón, Marianne Mithun, Martin Haspelmath, Balthasar Bickel, Dennis Creissels, Alexandra Aikhenvald, entre outros.

O capítulo 2, por sua vez, tem como foco realizar uma revisão das propriedades gerais dos verbos no Canela. Nesse intuito, fizemos tal sistematização, a partir da apresentação de trabalhos anteriores sobre a língua, bem como da verificação das propriedades verbais com compilação de novos dados do dicionário Canela.

O capítulo 3, por outro lado, apresenta os tipos de mudanças de valência no Canela e, principalmente, a pesquisa sobre a relação entre essas alternâncias e os tipos de verbos na língua. Para a sua construção, utilizamos de horários em disciplinas de laboratório linguístico do mesmo Programa de Pós-Graduação para separar exemplos do dicionário Canela e discutimos, em grupo, a decomposição gramatical dos morfemas desses exemplos, por meio da orientação pela coordenadora do projeto sobre a separação dos dados, entre outras etapas de análise de dados.

Antes de partirmos para os textos alcançados com esses trabalhos, contextualizaremos aos leitores desses capítulos, rapidamente, o que pesquisamos (Da língua), para que pesquisamos (Dos objetivos de pesquisa) e o como pesquisamos (Da metodologia de pesquisa).

• Da língua

Canela é a denominação popular dada a povos originários brasileiros que habitam terras indígenas na área central do estado do Maranhão. Atualmente, os povos Canela se subdividem em dois grupos principais: Apãniekrá e Mêmõrtumre. Esses povos são genética e linguisticamente relacionados com outros povos irmãos que se denominam povos Timbira (Krahô, Gavião Pykobjê, Gavião Parkatêjê e Krĩkati). Os Timbira e outros povos (Apinajé, Mebêgôkre, Tapayuna, Suyá) formam o ramo Setentrional da família Jê. No mapa abaixo, podemos notar a proximidade geográfica entre esses povos.

Figura 1: Localização de povos Jê Setentrionais

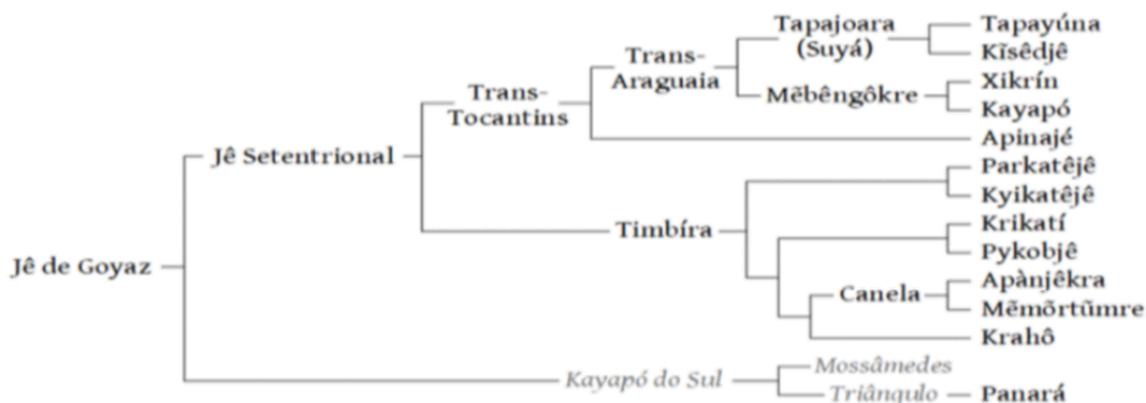


Fonte: <https://glottolog.org/resource/languoid/id/jese1235.bigmap.html#6/7>.

A família Jê configura-se como um grupo de línguas relacionadas desde os trabalhos comparativos iniciais (e também subsequentes) sobre as línguas indígenas da América do Sul - cf. Martius (1867); Davis (1967). Rodrigues (1986:48), apresentando uma pequena comparação lexical, identifica a relação muito próxima entre as línguas Canela, Apinajé, Kayapó, Xavante, Xerente e Kaingáng.

Nikulin (2020), ao realizar um estudo profundo de comparação fonológica e lexical, mostra evidências para o reagrupamento de línguas Macro-Jê e, adicionalmente, para um novo sub-agrupamento de línguas da família Jê e Jê Setentrional:

Figura 2: Família Jê Setentrional



Fonte: Nikulin (2020, p. 7)

Sobre os estudos linguísticos descritivos da variedade Timbira falada pelos Canela, dois tipos de trabalho foram realizados historicamente: um esboço gramatical e compilação de dados lexicais realizados por missionários do *Summer Institute of Linguistics* (SIL) (Popjes & Popjes, 1972, 1986; Grupp, 2015) e pesquisas acadêmicas científicas realizadas por Castro Alves (1994, 2000a, 2000b, 2002a, 2004, 2007b, 2008, 2009a, 2009b, 2010a, 2010b, 2012, 2014, 2018a, 2018b, 2020, 2021). O presente trabalho buscará contribuir com a descrição da língua em desenvolvimento na esfera acadêmica.

É importante dizer ainda sobre a língua que os dados do Canela neste trabalho estão transcritos em ortografia elaborada por professores indígenas no ensino da língua em contexto escolar. No quadro abaixo (1), é possível encontrar as correspondências fonológicas dos símbolos utilizados na ortografia:

Quadro 1 – Grafia das vogais e consoantes do Canela

Ortografia	Fonologia	Ortografia	Fonologia
i	i	p	p
ĩ	ĩ	t	t
y, ÿ	i, ã	c, qu	k
u	u	h	ʔ, h
ũ	ũ	x	tʃ
à, ã	ɜ, ẽ	k	k ^h
ỳ, ã	ə, ẽ	r	r
ô	o	m	m
e	ɛ	n	n
ẽ	ẽ	g	ŋ
e	ɛ	w	w
o	ɔ	j	j
õ	õ		
a	a		

- **Dos objetivos de pesquisa**

O que buscamos alcançar com a pesquisa tem um viés geral e alguns específicos. Isto é, temos como objetivo geral:

(i) Mapear a relação entre as classes de verbos da língua Canela de acordo com o emprego de mecanismos de mudança de valência.

Ao buscar o objetivo geral de pesquisa, esperamos alcançar também outros objetivos pequenos como, por exemplo:

- (i). Entender a dinâmica entre os tipos de verbos no que se refere à transitividade e os tipos de verbos no que se refere à alternância de valência;
- (ii). Explicar qual característica funcional motiva, envolve ou restringe uma estratégia de mudança de valência na língua Canela.

• Da metodologia de pesquisa

Utilizamos, para a análise a ser apresentada, em nossos capítulos, uma separação de verbos da língua Canela assinalados pela mudança de valência que podem apresentar. Para chegar nessa análise, passamos por algumas etapas metodológicas que iremos relatar resumidamente. Cabe salientar a análise descritivo-analítico que esperamos obter durante toda a pesquisa.

Espera-se que pesquisas linguísticas, sobre línguas originárias brasileiras, façam uso de *corpus* com dados reais da língua estudada para uma análise gramatical de forma descritiva. Desse modo, queremos poder contar com um grande número de dados, ao fim dessa investigação, para poder alicerçar as hipóteses em dados concretos.

Nos primeiros semestres de estudo, utilizamos dados bibliográficos em trabalhos anteriores sobre a língua e, principalmente, dados do dicionário bilíngue Português-Canela publicado por Grupp (2015), a partir de relatórios linguísticos que os missionários do SIL (Popjes & Popjes) já tinham feito.

O trabalho de separação de dados de construções com mudança de valência do dicionário ocupou grande parte do tempo de pesquisa. Isso se deu pelos seguintes motivos: o grande número de entradas no dicionário Canela, a não presença de uma análise gramatical para os dados contidos na coletânea e também a ausência de um contexto explícito para muitos exemplos advindos de recortes textuais. Cabe mencionar que muitos desses exemplos foram formulados por colaboradores Canela a pedido dos missionários como, por exemplo, passagens bíblicas, o que retira o aspecto de dados espontâneos. Ilustramos, por exemplo, uma entrada do dicionário:

Figura 3 - Exemplo de entrada no dicionário

ah.na hàprâr (de: hàprâr) [ah.na ah.prã]
 D.2.2. vt. **vangloriar-se contra.** brag or
 boast against. **Capêr te Pyhtô na**
hàprâr. Capêr vangloriou-se de que era
 melhor que Pyhtô. *Capêr bragged that he*
was better than Pyhtô. **Wa itỳj me a.na**
ahprã ne me awjarê! Eu vou ganhar com
 certeza de todos vocês! *I will surely win*
over you!

Na figura acima, podemos notar a presença de uma expressão na língua com uma tradução para o português e inglês e dois exemplos de seu uso em trechos textuais. A partir desses exemplos do trabalho lexicográfico, buscamos construções que apresentassem mudança de valência. Quando encontrávamos essas construções, separamos os morfemas gramaticais e lexicais a fim de poder fazer uma análise da oração compiladas. Devemos lembrar que, nessa etapa, contamos com o auxílio da orientadora dessa tese, bem como do grupo de pesquisa sobre a língua Canela. Cabe citar que esse grupo foi reunido pela orientadora dessa tese - Flávia de Castro Alves - e orientandos de pós-graduação e graduação na Universidade de Brasília (Andrey Nikulin, Dyogo Koga, Victoria Arlina e Haru Figueiredo). Para essa etapa, fizemos a separação em tabelas comparativas e no programa *Flex (FieldWorks Language Explorer)*, conforme é exemplificado na imagem a seguir:

Figura 4: Programa Flex

373	Palavra	ite		ihkàhhôc	to	amji	jarêc
	Morfemas	i-	te	ihkàhhôc	to =	amji	j- *arêc
	Entradas Léx.	i ₁	te ₁	ihkàhhôc	to =	amjĩ+sp. var. of	j- *arêc
	Glosa Léx.	IACC	ERG	livro	PVB	REFL	TH alçar coisa pesada
	Info. Gram. Léx.	pp:(acc)	pp.-cu	n. abs.	pp.I	???	*** vt. nc. II
	Word Gloss	***		livro	***	REFL	***
	Cat. da Palavra	pp.-cu		n. abs.	pp.I		vt. nc. II
	Livre	eu me ensino com livros					

O uso do programa Flex a partir de arquivos já sistematizados pela equipe do projeto Canela possibilitou um bom entendimento das construções do dicionário e possibilitou

realizarmos a análise que apresentaremos nos Capítulos 2 e 3 desta tese.

Com a separação das quase mil orações do dicionário, pudemos formar o *corpus* com exemplos de orações verbais e, principalmente, com as construções em que havia alternância de valência a fim de possibilitar uma análise melhor do comportamento dos verbos.

Um dos desafios, por exemplo, que temos com esse *corpus* é distinguir as construções separadas de construções análogas como subordinação, serialização verbal, orações com participantes oblíquos, entre outras, haja vista o uso de um mesmo morfema 'to' em todos os casos citados. Sob outro ponto de vista, foi justamente com esse morfema que avançamos bastante na análise do aumento de valência e pudemos contar, inclusive, com a colaboração de professores Canela. Para isso, encontramos com professores indígenas estudantes, em regime de licenciatura intercultural, na Universidade Federal de Goiás (UFG). Nesses encontros, testamos orações com aumento de valência e elicitamos novos dados além dos presentes no dicionário.

Desse modo, adiantamos que os estudos com mecanismos de aumento estão mais detalhados que os de diminuição, os quais esperamos aprofundar a pesquisa após essa etapa registrada nos capítulos que se seguem.

1. Referencial Teórico

As operações de mudança de valência vêm sendo objeto de constantes pesquisas e estudos, com variados enfoques de tratamento, tais como a estrutura, a tipologia, a diacronia e a função dessas alternâncias. Valência (termo empregado por Tesnière, em 1959), tratada aqui, diz respeito às construções que afetam a relação entre relações gramaticais e papéis semânticos em orações simples, conforme definido por Payne (2007).

Propomos, nesta tese, o estudo da relação entre função e alternâncias de valência na língua Canela (tronco Macro-Jê, família Jê, complexo dialetal Timbira). Em específico, investigaremos os grupos de verbos que compartilham os mesmos mecanismos de mudança gramatical na língua. Para isso, necessitamos, antes, revisar as postulações teóricas sobre mudanças de valência.

Neste referencial, reunimos um conjunto de trabalhos publicados sobre o tema que tocam na natureza funcional das alternâncias de valência. Neles se fazem presentes discussões tipológico-funcionais que evidenciam a dinâmica indissociável entre semântica, pragmática e sintaxe para a constituição da valência verbal nas línguas do mundo. Nesse intuito, revisamos, principalmente, autores seminais da teoria funcional como, por exemplo, Talmy Givón, a fim de embasar o foco dado para o fenômeno gramatical analisado: a valência verbal.

Esclarecemos também que pretendemos discutir, ao longo do trabalho, a relação entre função e mudança de valência nas gramáticas das línguas do mundo, perguntando-nos quais seriam os traços semânticos e/ou pragmáticos que implicam uma mudança morfossintática.

Para tanto, iremos desenvolver dois tópicos: os pressupostos teóricos da teoria Funcional-Tipológica (1.1) e a relação entre forma e função nos mecanismos para mudança de valência em diversas línguas do mundo (1.2).

1.1. A Teoria Funcional

O termo 'funcionalismo' pode ser empregado para designar, de forma ampla, tendências linguísticas que pesquisam a interação entre estrutura de uma língua e o seu contexto comunicativo.

Neves (2001, p. 2) nos lembra que 'ao lado de uma noção essencial que a linguagem é um instrumento de comunicação, encontra-se, nos funcionalistas, um tratamento

funcional da própria organização interna da linguagem'. Ou seja, há correntes de linguistas que pesquisam a funcionalidade da linguagem como um aspecto que forma a própria estrutura linguística. A partir da observação realizada pela autora, podemos entender que existem correntes funcionalistas que não só escolhem investigar a dimensão funcional da linguagem, mas que também assumem a indissociabilidade entre forma e função.

Thomas Payne (2007), em seu manual de linguística descritiva, faz uma analogia entre relação forma-função da linguagem e um martelo para explicar o que linguistas entendem por forma e função.

'Toda ferramenta tem dois componentes: a função e a forma. A função é o trabalho que a ferramenta é desenhada para desempenhar e a forma é a estrutura tangível para esse desempenho. Por exemplo, a função principal de um martelo é inserir os pregos em uma madeira e a forma desse martelo é adaptada a essa função' (Payne, 2007, p. 1).¹

O funcionalismo, portanto, envolve um olhar que ultrapassa apenas a categorização gramatical, exigindo também a investigação das motivações para a emergência de uma estrutura linguística. Talmy Givón, no livro '*On Understanding Grammar*', disserta sobre a não autonomia da gramática:

'Todos os funcionalistas assumem o postulado da não-autonomia: a língua (e a gramática) não pode ser descrita como um sistema autônomo, já que a gramática não pode ser entendida sem referência a parâmetros como cognição e comunicação, processamento mental, interação social e cultura, mudança e variação, aquisição e evolução' (Givón, 1995, traduzido por Neves, 2001).

A diferença primordial, portanto, entre o pensamento formalista e funcionalista, como podemos atestar em trabalhos teóricos sobre linguística, é o pressuposto de a gramática ser independente do contexto comunicativo (formalismo) ou dependente do contexto comunicativo (funcionalismo).

Sobre as implicações de se tomar uma abordagem funcionalista ou formalista, citamos a seguir tabela adaptada por Neves (2001) a partir do trabalho de Dik (1978):

¹ Tradução livre de '*Every tool has two components: a function and a form. The function is the job the tool is designed to accomplish, and the form is the tangible structure that accomplishes that job. For example, the main function of the kind of hammer pictured here is to pound nails into wood and to remove them*' (Payne, 2007, p. 1).

Quadro 2: Postulações do Funcionalismo

Implicação	Funcionalismo
Como definir a língua:	Instrumento de interação social.
Principal função da língua:	Comunicação.
Correlato psicológico:	Competência comunicativa: habilidade de interagir socialmente com a língua.
O sistema e seu uso:	O estudo do sistema deve se fazer dentro do quadro de uso.
Língua e contexto/situação:	A descrição das expressões deve fornecer dados para a descrição de seu funcionamento num dado contexto.
Aquisição da linguagem:	Faz-se com a ajuda de um <i>input</i> extenso e estruturado de dados apresentado no contexto natural.
Universais linguísticos:	Explicados em função de restrições: comunicativas; biológicas ou psicológicas; contextuais.
Relação entre a sintaxe, a semântica e a pragmática:	A pragmática é o quadro dentro do qual a semântica e a sintaxe devem ser estudadas; as prioridades vão da pragmática à sintaxe, via semântica.

fonte: Dik (1987, p. 5), apud Neves (2001, p. 47).

A tabela acima esquematiza os paradigmas da abordagem funcional. Podemos ver, por exemplo, que ela possui visão contextual para restrições linguísticas gerais, a definição de língua como um instrumento de comunicação e como a própria comunicação humana.

Além da distinção entre paradigmas formais e funcionais, cabe lembrar que existem muitos funcionalismos. Neves (2001, p. 1) diz que 'dentro do que vem sendo denominado -

ou autodenominado - 'funcionalismos', existem modelos muito diferentes'.

Segundo a autora, teóricos funcionalistas podem ter uma perspectiva conservadora (Kumo), moderada (Dik, Halliday, Van Valin, Givón) ou extremada (Garcia, Hopper & Thompson). Essas classificações dizem respeito ao grau de importância dada à não autonomia da forma. Para ela, os funcionalistas conservadores investigam a função, mas não negam uma estrutura gramatical autônoma; funcionalistas extremados, por sua vez, assumem a estrutura linguística como totalmente dependente do contexto funcional em que ela se insere; e funcionalistas moderados estão entre os dois grupos, ou seja, não negam certa autonomia à forma, mas consideram também as variáveis funcionais.

Queremos, nesta tese, realizar uma investigação que considere paradigmas funcionais da língua. Para isso, adotaremos noções presentes na Teoria Funcional-Tipológica que faz uso da tipologia para entender melhor a dinâmica entre forma e função. Faz-se mister, então, apresentar na próxima seção as bases dessa teoria funcional.

1.1.1. A Teoria Funcional-Tipológica

Entre os tipos de funcionalismos presentes na literatura, iremos destacar a Teoria Funcional-Tipológica. Nessa teoria, a investigação tipológica oferece evidências de bases funcionais que moldam a estrutura gramatical das línguas no mundo. Elegemos essa linha teórica, por conseguinte, pelo caráter descritivo, tipológico e funcional de seus pesquisadores.

Um bom passo para se conhecer a Teoria Funcional-Tipológica é por meio do teórico Talmy Givón. Esse autor, entre outros, contribuiu amplamente para a disseminação de pesquisas funcionais. Além de ele ter descrito a gramática de uma língua indígena da América do Norte, o Ute (família Uto-Azteca), postulou parâmetros teóricos para pesquisas funcionalistas. É possível, ao observar o raciocínio traçado pelo autor, indicarmos que o estudo gramatical, realizado por ele, considera não só a estrutura, mas também as variáveis contextuais, tipológicas e diacrônicas.

Podemos entender, por isso, os pressupostos teóricos da análise gramatical de Givón quando lemos o capítulo 'A abordagem funcional para a linguagem e a abordagem tipológica para a gramática' de seu *Manual de Sintaxe* (Volume 1). Nesse capítulo o autor faz um histórico sobre o pensamento funcionalista. Vamos pontuar agora alguns aspectos importantes dessa corrente teórica.

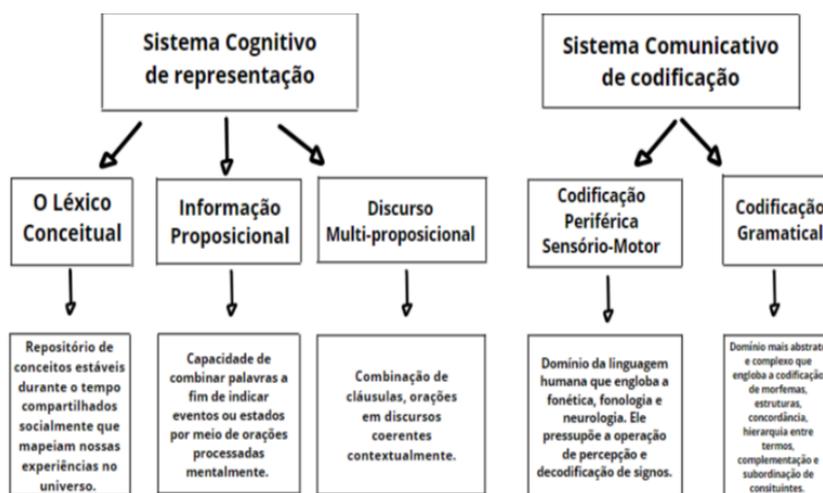
O autor supracitado aponta que na biologia, por exemplo, a funcionalidade é essencial para a formação da estrutura de um ser vivo. A anatomia, ciência que lida com a estrutura de um corpo, e a fisiologia, ciência que estuda a função da estrutura, lembra-nos Givón (2001, p. 3), são mais bem compreendidas quando estudadas em conjunto.

Para o funcionalismo, portanto, a estrutura só pode ser compreendida interrelacionada à sua função. Cabe dizer que esse pensamento vai de encontro ao estruturalismo linguístico, no qual a estrutura é separada de seu contexto para se realizar uma análise. Observamos essa dicotomia na citação abaixo:

'Toda estrutura, a qual é moldada por pressões adaptativas requeridas funcionalmente - idealizada - é encontrada na sua performance. Esse é o lugar em que a língua é adquirida e onde a gramática emerge e se modifica; em que a forma se auto ajusta, entra em contato com outras estruturas e forma novos significados e moldes' (Givón, 2001, p. 6)²

A citação demonstra como a função é primordial para a formação de uma estrutura. Desse modo, não seria possível separá-las para investigação. A partir da necessidade de uma teoria gramatical que não privilegie a forma, em detrimento da função, Givón elabora um modelo teórico que considere a representação cognitiva e a codificação comunicativa:

Figura 5: Teoria Gramatical Funcional



fonte: Givón (2001, p. 7-11, adaptado)

² Tradução do seguinte trecho: 'All functional-adaptive pressures that shape the synchronic — idealized — structure of language are exerted during actual performance. This is where language is acquired, and where grammar emerges and changes. This is where form adjusts itself — creatively and on the spur of the moment's opportunistic construal of context—to novel functions and extended meanings'

Vimos acima que Givón postula um modelo teórico que considera os domínios cognitivos e comunicativos para se entender como se dá o processamento da informação gramatical pelo ser humano. Os domínios estruturais (fonemas, morfemas, orações) são associados aos domínios conceituais, discursivos e comunicativos.

Para falarmos em Teoria Funcional-Tipológica, temos que entender o porquê de se falar em tipologia para fundamentar a teoria. Givón (2001, p. 21) demonstra como a tipologia revela parâmetros funcionais de formação da gramática das línguas. Para tanto, ele exemplifica a formação de passivas (i.b; ii.b., iii.b e iv.b) em quatro diferentes línguas do mundo:

(i). Construção passiva originada de construções adjetivas-estativas do Inglês:

- | | | | | | | | |
|----|----------------------|-----------|---------------|----|----------------------------------|------------|---------------|
| a. | <i>it</i> | <i>is</i> | <i>broken</i> | b. | <i>it</i> | <i>was</i> | <i>broken</i> |
| | 3 | estar | quebrar.NMZ | | 3 | ser.PASS | quebrar.NMZ |
| | ‘Ele está quebrado’. | | | | ‘Ele foi quebrado (por alguém)’. | | |

(ii). Construção passiva originada de construções reflexivas do Espanhol:

- | | | | | | | | | | | | |
|----|-------------------------------------|-------------|-----------|--------------|------------|--------------|----|------------------------|-------------|----------|---------------|
| a. | <i>se</i> | <i>armó</i> | <i>de</i> | <i>todas</i> | <i>sus</i> | <i>armas</i> | b. | <i>se</i> | <i>curó</i> | <i>a</i> | <i>brujos</i> |
| | REF | armar | PREP | todas | suas | armas | | REF | curar | a | bruxos |
| | ‘Se armou com todas as suas armas’. | | | | | | | ‘Se curou aos bruxos.’ | | | |

(iii). Construção passiva originada de construção nominalizada do Ute:

- | | | | |
|----|---------------------------|--------------------|-----------------|
| a. | <i>múusa-paxá-ta</i> | <i>ka-’áy-wa-t</i> | <i>’ura-’ay</i> |
| | gato-matar-NMZ | NEG-bom-NEG-NMZ | ser-INM |
| | ‘Matança de gato é ruim’. | | |

- | | | |
|----|---------------------|---------------------|
| b. | <i>múusa-ci</i> | <i>paxá-ta-puga</i> |
| | gato-OBJ | matar-PASS-REM |
| | ‘O gato foi morto’. | |

(iv). Construção passiva originada de construção impessoal com deslocamento-L do Kimbundu:

- | | | | | | | |
|----|------------------------------|------------|----------|---------------------------|------|------|
| a. | Nzua, aana | a-mu-mono | b. Nzua, | a-mu-mono | kwa | meme |
| | John, crianças | eles-o-ver | John | eles-o-ver | PREP | mim |
| | ‘John, as crianças o viram’. | | | ‘John foi visto por mim?’ | | |

Os exemplos acima demonstram que, diacronicamente, a estrutura passiva é formada de diferentes formas, mas todas elas possuem uma função em comum: demover participantes agentivos. Isso nos revela como a investigação de traços funcionais por meio da comparação entre línguas é ricamente produtiva.

Givón (2001, p. 25) postula que 'a explicação gramatical teórica quando realizada por meio de descrições empíricas não pode ser restrita a pressuposições universais'. Desse modo, o estudo da variação entre línguas permite identificar as possíveis restrições estruturais gerais da linguagem melhor do que a idealização de estrutura com métodos introspectivos de gramaticalidade e agramaticalidade em certa língua. Dada a importância dos estudos tipológicos, separamos, a seguir, uma subseção para definir parâmetros tipológicos dessa área.

1.1.2. Contribuições Tipológicas para a Teoria Funcional

Esta subseção visa apresentar brevemente conceitos básicos para o entendimento da tipologia gramatical. Os estudos em tipologia de alinhamentos morfossintáticos realizados por Comrie (1989), Dixon (1994), Haspelmath (2011), Bickel (2011) foram escolhidos para a composição do referencial teórico desta pesquisa tendo em vista que são mais adequados para a descrição de línguas pouco conhecidas. Primeiro, definiremos algumas noções empregadas por tipólogos como, por exemplo, 'papel argumental' e, depois, apresentaremos os principais tipos de alinhamentos morfossintáticos postulados nos trabalhos citados acima.

A partir da década de 1970, linguistas descritivos começaram a utilizar o termo 'papel argumental' para denominar macro-papéis semânticos codificados gramaticalmente como argumentos verbais (Haspelmath 2011, p. 1). Os diferentes tipos de papéis argumentais foram rotulados com as siglas A, S e O (ou P) por Dixon (1994). Essas siglas também foram adotadas, por inúmeros linguistas comparativistas, na tentativa de fugir de categorias gramaticais tidas como universais, como o sujeito e o objeto. Por isso, o uso de siglas para papéis argumentais permite identificar diferentes tipos de estruturas linguísticas presentes, nas mais diversas línguas do mundo, sem a necessidade de uso de funções universais como 'sujeito' ou 'objeto'.

O debate sobre a funcionalidade do uso de papéis argumentais e rótulos como A, S e O para a descrição gramatical é presente em Mithun & Chafe (1999, p. 571). Os autores lembram que o uso de papéis argumentais soluciona a problemática de pré-definições para questões polêmicas como a distinção entre argumentos e adjuntos, haja vista que as línguas possuem diferentes características gramaticais para questões como essa.

Uma observação importante que devemos fazer também é o debate que há entre

diferentes autores para a determinação semântica e morfossintática dos papéis. Entre Dixon e Comrie, por exemplo, encontramos pontos de vistas distintos sobre a maior predominância de aspectos gramaticais (Comrie); ou semânticos (Dixon) para a determinação de um papel. Mithun & Chafe (1999), no entanto, explicam que o propósito principal desses rótulos foi o de fornecer uma ferramenta de identificação das relações gramaticais nucleares.

O termo alinhamento morfossintático, entretanto, foi primeiro empregado por Plank (1979) a fim de diferenciar dois tipos de línguas: (i) línguas em que o argumento que mais parece com o agente da oração transitiva (Payne, 2007; Dryer, 1995; Haspelmath, 2009) é similar ao único argumento do verbo intransitivo e diferente do outro argumento transitivo (alinhamento nominativo-acusativo: A=S≠O) e (ii) línguas em que o argumento de verbos transitivos que mais se parece com o paciente é similar, morfossintaticamente, ao único argumento do verbo intransitivo e diferente do outro argumento do transitivo (alinhamento ergativo-absolutivo: A≠S=O).

Os rótulos A, S e O podem ser usados em línguas como o Português para a rotulação de argumentos de verbos transitivos e intransitivos:

S

(1) *eu_i* *and-o_i*

A O

(2) *eu_j* *o* *mat-ei_j*

Os mesmos termos também podem ser usados para rotular argumentos de línguas como o *Dyirbal* (família *Pama-Nyunga*). Nessa língua, o sujeito, diferentemente do Português, não controla a concordância verbal, nem possui marcação de caso nominativo e nem possui a mesma forma morfológica, quando é um argumento do verbo intransitivo, conforme ilustrado nos exemplos 3-5 a seguir:

S

(3) *ɲuma* *banaga-nyu*
pai+ABS retornar-NF
'O homem retornou'. (Dixon, 1994, p. 10)

O A

(4) *ɲuma* *yabu-ɲgu* *bura-n*
pai+ABS mulher-ERG ver-NF
'A mulher viu o pai'. (idem)

	O		A	
(5)	<i>yabu</i>		<i>ɲuma-ɲgu</i>	<i>bura-n</i>
	mulher+ABS		pai-ERG	ver-NF
	'O pai viu a mãe'. (idem)			

Os rótulos A, S e O permitem, portanto, a identificação de argumentos verbais sem a pressuposição de funções. Além dos argumentos nucleares (A, S e O), Haspelmath (2005), entre outros, acrescenta os rótulos T e G (ou R) para argumentos de verbos ditransitivos, pois é possível encontrar línguas que os diferenciam gramaticalmente de argumentos de verbos transitivos e ditransitivos. No Português, por exemplo, o T e o G seriam os argumentos em verbos com a mesma grade argumental encontrada no verbo 'dar':

	T		G
(6)	<i>eu dei o presente</i>		<i>para ele</i>

A distinção feita acima pode ser importante na composição da estrutura argumental de algumas línguas: 'Em línguas europeias, encontramos contraste lexical entre transitivos com argumentos 'O', que desencadeia o caso acusativo (ex: *unterstützen* 'assistir' em alemão), e argumentos G, que desencadeiam o caso dativo (ex: *helfen* 'ajudar' também em alemão)' (Bickel, 2011, p. 14). A língua Gyirong (família Sino-Tibetana), por exemplo, a qual possui argumentos de verbos transitivos (A1) ergativos e argumentos de verbos ditransitivos (A2) são nominativos (Bickel, 2011, p. 4).

Em resumo, a descrição por meio de papéis argumentais permite demonstrar como eles se relacionam ou se alinham entre si em determinada língua ou construção gramatical presente nela.

Como mencionado, o conceito de papel argumental foi usado por Dixon (1994) para mostrar que, na língua Dyirbal (Pama-Nyunga), os argumentos 'O' e 'S' são, morfossintaticamente, diferentes. No Dyirbal, língua classificada como ergativa, 'A' é diferente, gramaticalmente, de 'O' e de 'S'. Nessa língua, os argumentos 'S' e 'O' são semelhantes e chamados de argumentos absolutivos. No caso em que se aproximam os argumentos ergativos e absolutivos, o alinhamento é identificado como ergativo-absolutivo. Desse modo, os principais tipos de alinhamentos morfossintáticos, comumente citados na literatura tipológica, estão ilustrados no esquema 1:



Fonte: Haspelmath (2011, p.5), adaptado.

Uma configuração morfosintática ainda não citada é a intransitividade cindida. Nela, o único argumento de um verbo intransitivo (S) é dividido em dois grupos: um alinhado com o argumento 'A' e outro alinhado com o argumento 'O':



A denominação 'intransitividade cindida' se refere ao fato de o argumento do verbo intransitivo ser subdividido em duas classes. Em muitas línguas indígenas americanas, por exemplo, o alinhamento de intransitividade cindida é amplamente presente.

Duas questões teóricas são investigadas em estudos de alinhamentos morfosintáticos: (i) como identificar o(s) tipo(s) de alinhamento(s) que orientam processos morfosintáticos de uma língua e (ii) quais são processos morfosintáticos que podem estar aproximando ou distanciando argumentos.

Payne (2007) recomenda a linguistas, que buscam determinar o possível sistema de alinhamento de determinada língua, que primeiro observem as orações com o tipo simples, afirmativa e declarativa, devido à natureza básica desse tipo de oração.

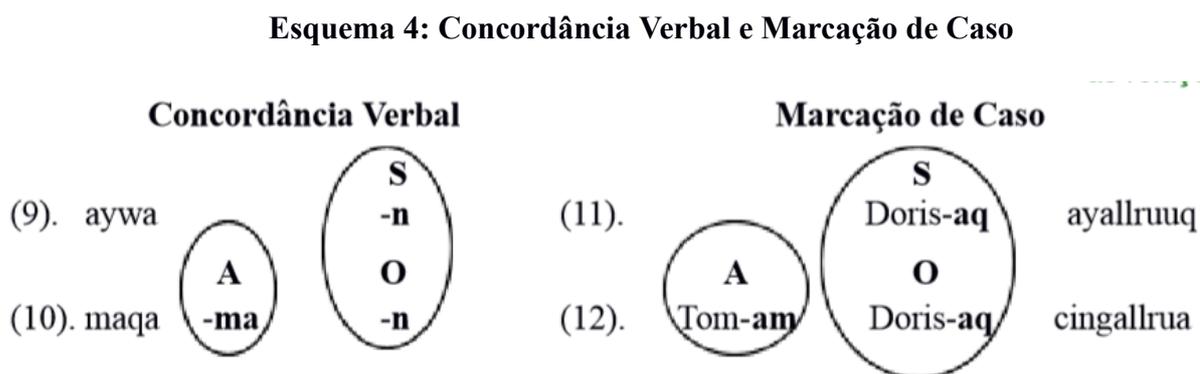
O autor também destaca três critérios como essenciais em perspectiva tipológica nos estudos de relações gramaticais: a marcação de caso, a concordância verbal e a ordem dos

constituintes.

No Português, por exemplo, a marcação de caso pronominal e a concordância verbal evidenciam um alinhamento consistentemente nominativo-acusativo:



Na língua Yupik (Eskimo-Aleut), diferentemente, a marcação de caso (9 e 10) e a concordância verbal (11 e 12) demonstram uma diferente dinâmica entre os argumentos verbais. Nessa língua, o argumento 'A', do verbo transitivo, é diferenciado de outros argumentos verbais (O e S), conforme ilustrado no esquema 4:



Fonte: Payne, 2007, p. 219

Cabe lembrar que estudos recentes apontam algumas considerações, no que diz respeito tanto ao condicionamento do alinhamento, como aos critérios para a sua identificação e ao grau de domínio na estrutura das línguas. De início, por exemplo, havia a compreensão de que a língua possuía um único tipo de alinhamento predominante em toda sua gramática. Plank (1979), contudo, já alertava para o também postulado por Bickel (2011) – uma língua pode apresentar vários tipos de alinhamentos condicionados por construções específicas - como indica a citação abaixo:

Tem sido amplamente aceito que diferentes processos e padrões gramaticais (como marcação de caso, concordância verbal e, talvez, ordem dos constituintes) podem refletir a identificação de dois alinhamentos diferentes (...) e que também diferentes processos e padrões em uma mesma língua não precisam se harmonizar no seu alinhamento (PLANK, 1979, p. 4)

É nesse sentido que alguns autores entendem que as relações gramaticais em uma língua, ou melhor, a forma como os argumentos se alinham podem oscilar de acordo com o tipo de contexto morfossintático inserido. A língua Nepali (família Indo-Europeia, Himalayas), por exemplo, apresenta em uma mesma construção os padrões ergativo e nominativo, de acordo com o processo morfossintático. Ela possui, por esse motivo, o padrão ergativo na marcação de caso dos argumentos; porém, o padrão nominativo na concordância entre os mesmos argumentos e o verbo:

- (13) **S**
ma *ga-ẽ*
 1.S.NOM ir-1.S.PST
 'Eu fui.' (Bickel, 2011, p. 2)

- (14) **A** **O**
mai-le timro *ghar=dekh-ẽ*
 1S-ERG .POSS casa=NOM VER-1.S.PST
 'Eu vi tua casa.' (Idem)

Antes de prosseguir, é importante comentar a pesquisa realizada por Bickel (2011). Ao analisar alinhamentos morfossintáticos de maneira tipológica, o autor acrescentou critérios pouco mencionados como a relativização, o foco contrastivo, o controle de correferência, *conjunction reduction*, a diátesis, a mudança de referência, entre outros, para a identificação de alinhamento. Na língua Oirata (Timor-Alar-Pantar), por exemplo, é possível a relativização dos argumentos S e O. Logo, na relativização, S=O ≠ A (ergativo-absolutivo):

- (15) **S**
 inte [**ihar** [mara-n]] asi
 1.PE.NOM cachorro ir-REL ver
 'Nós vimos o cachorro que tinha saído.' (Donohue and Brown, 1999)

- (16) **O**
 [**Ihar** [ante asi-n]] mara
 cachorro 1.S.NOM VER-REL ir
 'O cachorro que eu vi saiu.' (Idem)

- (17) **A**
 *[ihar [ani asi-n]] mara cachorro
 1S.ACC ver-REL ir
 ‘O cachorro que me viu saiu.’ (Idem)

Os critérios denominados ‘referências’ também são lembrados pelo autor ao notar que geralmente algumas informações gramaticais como animacidade, número, especificidade, participante fora ou do ato de fala, definitude são deixadas de fora das pesquisas em relações gramaticais. Na língua Tauya (família Trans-Nova-Guiné), por exemplo, o argumento ‘A’ só recebe marcação ergativa quando o outro argumento do verbo transitivo é marcado com o traço [+humano] (Macdonald 1990):

- (18) **A** **O**
 ya-ni fanu yau-e-ʔa
 1.S-ERG homem ver-1-IND
 ‘Eu vejo o homem.’ (Idem)

- (19) **A** **O**
 ya pai yau-eʔa
 1.S.NOM porco 3.ver-3.IND
 ‘Eu vi o porco.’ (Idem)

Os alinhamentos morfossintáticos também podem ser condicionados por noções como tempo, pessoa, cenário, tipo de construção, entre outros. No Nepali (família Indo-Europeia, Himalayas), por exemplo, o argumento ‘S’ sofre variação na marcação de caso de acordo com o tipo de predicado. Em situações em que o predicado é um argumento experienciador, o argumento ‘A’ é marcado com o caso dativo (20 e 21) e não nominativo (22):

- (20) **S**
 ma rãmro thiẽ malãi
 1.S.NOM bom COP 1.S.PST
 ‘Eu era bom.’ (Bickel, 2011, p. 14)

- (21) **S**
 malãi alchi lãgyo
 1.S.DAT preguiçoso ser.3.S.PST
 ‘Eu era preguiçoso.’ (Idem)

- (22) **A**
 malãi tyo ciyã dherai man par-yo
 1.S.DAT DEM chá chá.NOM muito 3.S-PST
 ‘Eu gosto muito daquele chá.’ (Idem)

Vimos, até o momento, os parâmetros gerais de tipologia linguística. Na próxima seção falaremos, especificamente, sobre a mudança de valência. Usaremos, para isso, os pressupostos da Teoria Funcional-Tipológica para isso: a tipologia e a função da mudança de valência nas línguas do mundo.

1.2. A mudança de valência sob um ponto de vista funcional-tipológico

Na primeira parte, revisamos autores seminais da teoria funcional-tipológica para que compreendêssemos melhor o que seria o ponto de vista funcionalista em estudos linguísticos, bem como também postulamos conceitos presentes em estudos em tipologia gramatical.

Na sequência, começaremos a abordar o tema principal desta pesquisa: os mecanismos de mudança de valência. Faremos uso de trabalhos desenvolvidos de autores funcionais-tipológicos que investigaram o tema para compor essa segunda parte de nosso referencial teórico.

Sobre parâmetros funcionais envolvidos em alternâncias de valência, referenciaremos em 1.2.1 a pesquisa clássica de Hopper & Thompson (1980); e sobre as variáveis tipológicas envolvidas nos mecanismos de mudança, referenciaremos em 1.2.2 as pesquisas de Dixon & Aikhenvald (2000) e Payne (2007).

1.2.1. Estudos funcionais sobre a mudança de valência

Um dos grandes desafios da pesquisa funcional em análise gramatical é compreender quais são as variáveis semânticas e pragmáticas moldam a estrutura de uma língua. Com respeito à valência, Hopper & Thompson (1980) realizaram uma análise de parâmetros funcionais que influenciam a distinção entre intransitivos, transitivos e transitivos indiretos. Os autores postularam, como resultado de pesquisa, que a transitividade seria um *continuum* formado por traços semânticos e pragmáticos. O trabalho fruto dessa pesquisa, publicado no periódico *Language*, se tornou um clássico para um entendimento amplo do assunto valência.

Entre as características encontradas nas mais variadas línguas pelos autores para a transitividade verbal, podemos citar: pontualidade, referencialidade, telicidade, afetação, intensidade, volição, afirmação, entre outros. A seguir, descreveremos brevemente esses parâmetros e exemplificaremos com dados compilados pelos autores.

A pontualidade, segundo os autores, é a característica que um verbo possui ao indicar uma ação que não teve uma duração longa entre o seu início e término (idem, 1980, p. 252). Um exemplo da relação entre a ação verbal pontual e a transitividade pode ser visto no

Espanhol, em que verbos como, por exemplo, ‘dormir’ indicam uma ação não pontual (24):

- (23) *Juan durmió (toda la noche)*
João dormir (toda ART noite)
‘João dormiu (toda a noite)’ (Hopper & Thompson, 1980, p.266)

- (24) *Juan se durmió (*toda la noche)*
João RFL dormir toda ART noite
‘João acordou (toda a noite)’ (idem)

Outra característica da transitividade seria a presença de um participante O (o outro argumento de um verbo transitivo) referencial, ou seja, um O conhecido pelo contexto ou já mencionado anteriormente. Há muitas línguas, como apontam os autores, em que o O, quando não referencial ou indefinido, pode ser omitido ou representado apenas por afixos. No Húngaro, por exemplo, há uma conjugação objetiva quando o O é indefinido (25), a qual é a mesma conjugação empregada em construções transitivas derivadas (27):

- (25) *Péter olvassa az újságot*
Pedro ler (OBJ) ART jornal
‘Pedro está lendo o jornal.’ (Hooper & Thompspon, 1980, p. 258)

- (26) *A szél fúj*
ART vento soprar
‘O vento está soprando.’ (idem)

- (27) *A szél fújja a levelet*
ART vento sopra (OBJ) ART folha
‘O vento está soprando a folha.’ (idem)

A telicidade, ações com um final inerente, também é apontada como característica da transitividade por Hopper & Thompson (1980). No Finlandês, por exemplo, o acusativo é acompanhado por sentenças télicas e perfeitas (28), enquanto o partitivo marca sentenças atélicas e imperfectivas (29):

- (28) *liikemies kirjoitti kirjeen valiokunna-lle*
empresário escrever carta.ACC comitê-POSP
‘O empresário escreveu uma carta para o comitê.’ (idem, p. 262)

- (29) *liikemies kirjoitti kirjettä valiokunna-lle*
 empresário escrever carta.PART comitê-POSP
 ‘O empresário estava escrevendo uma carta para o comitê’ (idem)

A afetação do O, ou o grau da ação transferida para um paciente, é outra característica da transitividade. Um exemplo dessa característica é presente na língua Trukesa em que a forma intransitiva é usada para O partitivo (30), enquanto a forma transitiva para O não partitivo (31):

- (30) *wúpwe wún ewe kkónik*
 eu.vou beber.INTR ART água
 ‘Eu vou beber um pouco de água’ (Hooper & Thompson, 1980, p.263)

- (31) *wúpwe wúnúmi ewe kkónik*
 eu.vou beber ART água
 ‘Eu vou beber a água’ (idem)

A intensidade também é uma característica encontrada na pesquisa dos autores para a constituição da transitividade verbal. No Árabe, por exemplo, um morfema causativo é codificado no verbo quando ele indica uma ação intensificada:

- (32) *birik* ‘ajoelhar’ → *birrik* ‘forçar ajoelhar’ (idem, p. 264)

A volição, uma característica de participantes que agem conscientemente em uma ação, também faz parte de eventos transitivos presentes em algumas línguas. No Pomo Central há um contraste entre os morfemas *ha* (A) utilizado em situações que o participante age voluntariamente (33) e *wí* (O), um pronome de primeira pessoa para orações em que o participante não age de forma voluntária, ou seja, com volição (34):

- (33) *wí ce-xélka* ‘eu estou escorregando’ (Hopper & Thompson, 1980, p. 265)

- (34) *ha ce-xélka* ‘eu estou deslizando’ (idem)

Segundo os autores em muitas línguas o O, quando em construções negativas ou acionado no modo *irrealis*, pode ser facilmente deletado ou encontrar-se em contexto oblíquo, com alguma posposição. No Francês, por exemplo, os participantes O’s partitivos devem ser

empregados sem artigos definidos (36):

(35) *nous avons du pain*
nós ter PART-ART pão
'Nós temos (alguns) pães.' (Hooper & Thompson, 1980, p. 277)

(36) *nous n'avons plus de pain*
nós NEG-ter mais PART pão
'Nós não queremos mais pão.' (idem)

Essas variáveis e outras foram postuladas por Hopper & Thompson (1980) como envolvidas na transitividade da estrutura de línguas em geral. Abaixo reproduzimos o resumo feito pelos autores:

Figura 6: *continuum* entre transitivos e intransitivos

transitivo	intransitivo
----->	
ativo	não-ativo
télico	atélico
pontual	não pontual
volicional	não volicional
afirmação	negação
realis	irrealis
A de alta potencialidade	A de baixa potencialidade
O afetado totalmente	O não afetado
O totalmente individualizado	O não individualizado

Fonte: Hopper & Thompson, 1980, p. 252

Na figura acima, encontramos uma síntese de vários parâmetros semânticos encontrados pelos autores envolvidos em mudanças de valência em diversas línguas do mundo. Além disso, percebemos, com a observação desses diversos traços funcionais, haver uma relação contínua e não categórica no que diz respeito à transitividade.

Em suma, a pesquisa de Hopper & Thompson demonstrou a impossibilidade de se analisar fenômenos relacionados à valência separados do contexto comunicativo. Eles declararam, por exemplo, que 'sem conexão com a função comunicativa, os componentes da relação transitiva são relações arbitrárias' (Hopper & Thompson, 1980, p. 280). Assim sendo, qualquer pesquisa, que realizarmos no campo da transitividade, deve considerar fenômenos funcionais.

Na próxima subseção, entraremos nos estudos tipológicos sobre mudança de valência a fim de mostrar as contribuições desse campo para o fenômeno.

1.2.2. Estudos tipológicos sobre a mudança de valência

Nesta seção, listaremos as possibilidades de alternância de valência presentes nas mais variadas línguas do mundo levantadas por estudos tipológicos. Focaremos, no entanto, em mecanismos de aumento de valência, tendo em vista que serão mecanismos explorados nos capítulos posteriores desta tese.

Nesse intuito, referenciaremos os trabalhos realizados por Dixon & Aikhenvald (2000) e Payne (2007). Escolhemos esses autores por categorizarem tipos de mudanças de transitividade a partir de operações presentes em línguas de diferentes regiões, famílias linguísticas e tipos morfológicos e sintáticos. Cabe mencionar também que os autores classificam fenômenos gramaticais de forma funcional, ou seja, consideram os níveis semânticos e pragmáticos que permeiam as mudanças de valência. Podemos verificar a abordagem funcional para a mudança de valência em Payne:

'Construções relacionadas à valência podem ser caracterizadas em termos de como elas afetam a cena evocada pelo verbo. O efeito comunicativo de se aumentar a valência pode ser caracterizado principalmente por trazer um participante que não é parte da cena para a posição central e o de se diminuir valência por marginalizar um participante principal" (Payne , 2007, p. 240).³

Notamos, pela citação acima, que o autor considera a cena mental implicada no evento gramatical para se postular mudanças de valência. Ele divide os tipos de mecanismos de valência em dois grandes grupos (mecanismos de aumento de valência e mecanismos de diminuição de valência) subdivididos em razão do tratamento dado aos participantes nas orações. Enquanto há mecanismos que indicam um novo participante controlador ou afetado é promovido ou demovido, há mecanismos que indicam decréscimo de um participante controlador ou afetado, conforme é ilustrado a seguir:

³ Tradução literal de: 'Valence-related constructions can be categorized in terms of how they affect the idealized scene evoked by particular verbs. The communicative effect of increasing syntactic valence can be characterized most generally as bringing a participant that is normally not part of a scene, or on the margin of a scene, onto 'center stage.'

Quadro 3 - Tipologia de mecanismos de valência

Construções de Diminuição de Valência		Construções de Aumento de Valência	
Reflexivas Recíprocas Médias	Aquelas que combinam o controlador e o afetado em um mesmo participante.	Causativas	Aquelas que adicionam um participante controlador.
Omissão de sujeito voz passiva	Aquelas que demovem um participante controlador.	Aplicativas Mudança de Dativo Alçamento de Possuidor Dativo de Interesse	Aquelas que adicionam um participante afetado.
Omissão de objeto antipassiva demonção de objeto incorporação de objeto	Aquelas que demovem um participante afetado.		

Fonte: Payne, 2007, p. 240, adaptado.

Payne (2007) listou quatorze possíveis mecanismos de mudança de valência que podem ser encontrados nas mais variadas línguas do mundo. Como dito anteriormente, o autor dividiu os tipos de mudança levando em conta a cena denotada pelo evento verbal. Dentre esses tipos de mudança de valência, destacamos nesse referencial quatro tipos de as causativas e as aplicativas (aumento de valência); e as antipassivas e anticausativas. Isso se dá por esses mecanismos serem objetos de pesquisa em nosso capítulo 3. A seguir, veremos, um pouco sobre as variáveis envolvidas na causativização (1.2.2.1), na formação de aplicativas (1.2.2.2), nas antipassivas (1.2.2.3) e nas anticausativas (1.2.2.4):

1.2.2.1. Construções causativas

Payne (2007, p. 258) classifica as construções causativas como um dos tipos mais comuns nas línguas do mundo de aumento de valência. O autor mostra que, em uma construção denominada como causativa, há o acréscimo de um participante agentivo, o qual é inserido na sentença como um provocador da situação. Isso pode ser verificado no exemplo (37) em que uma oração intransitiva do Turco (família Túrquica): 'Hasan morreu' pode ser

expressa com o acréscimo do participante agentivo (Ali) e do morfema 'dür': 'Ali matou Hasan':

- (37) a. *hasan* *öl-dü*
 Hasan morrer-PASS
 'Hasan morreu.' (Payne, 2007, p. 257)
- b. *ali* *hasan-t* *öl-dür-dü*
 Ali Hasan-ACC matar-CAUS-PASS
 'Ali matou Hasan.' (idem)

O autor exemplifica que essa noção de causativização, assim como os demais mecanismos, pode ser expressa de três maneiras: lexical, morfológica ou sintática. Nos exemplos abaixo, ele ilustra como se dá a causativização lexical (38), em que não há distinção morfológica e o sentido causativo se dá por meio do próprio significado verbal; como se dá a causativização morfológica (39), em que morfemas são envolvidos em construções com o sentido causativo; e como se dá a causativização sintática (40) em que verbos diferentes são empregados para atribuir o sentido causativo em uma oração:

- (38) a. *the* *vase* *broke*
 ART vaso quebrar
 'O vaso quebrou.' (Payne, 2007, p. 259)
- b. *calvin* *broke* *the* *vase*
 Calvin quebrar ART vaso
 'Calvin quebrou o vaso.' (idem)
- (39) a. *müdüür* *Mektub-ü* *imzala-di*
 diretor carta-ACC assinar-PASS
 'O diretor assinou a carta.' (Payne, 2007, p. 260)
- b. *dişçi* *Mektub-ü* *müdüür-e* *imzala-t-ti*
 dentista-NOM carta-ACC diretor-DAT assinar-CAUS-PASS
 'O dentista fez o diretor assinar a carta.' (idem)

- (40). a. *he made me do it*
 3.P fez 1.P fazer isso
 ‘Ele me fez fazer isso.’ (Payne, 2007, p. 264)

No exemplo (38), Payne (2007) mostra que a língua inglesa permite o acréscimo de um novo participante (Calvin) em (38b) sem nenhuma modificação estrutural na oração. Nesse caso, temos uma causativização lexical. Em (39), por sua vez, temos mais um exemplo da língua Turca (Altaica) que faz uso de morfema causativo (-*t*-) para indicar a acomodação de um novo participante agente para o verbo *imzala* (assinar), como podemos verificar em (39a) e (39b).

Por último, ele exemplifica como a língua inglesa pode formar o sentido causativo com o uso de uma construção com o verbo *do* (fazer) em (40). O trabalho de Payne, portanto, aponta possíveis formas como as línguas do mundo podem formar construções com a função causativa.

Dixon & Aikhenvald (2000) também apontam características tipológicas gerais para a formação de uma construção causativa nas línguas do mundo elencadas a seguir:

- A oração intransitiva forma uma oração transitiva derivada;
- O argumento S se torna em O;
- Um novo argumento (o causador) é introduzido em uma função A.

Os autores fazem uso dos rótulos A, S e O para ilustrar como se dá o processo de causativização prototípica nas línguas do mundo. Em um dos capítulos do trabalho de Dixon & Aikhenvald, Dixon aprofunda o estudo sobre a tipologia de construções causativas. Ele descreve, por exemplo, a formação de causativas em diferentes tipos de verbos, levando em conta a transitividade original desses verbos. Isto é, a forma como verbos intransitivos e transitivos formam causativas.

Em orações intransitivas, Dixon (2000, p. 45) postula que o original S se torna o O da construção causativa com a chegada de um novo participante.

Em orações transitivas, Dixon (2000, p. 48) desenvolve a descrição de tipos de causativas com mais exemplos em que é possível verificar as diferentes mudanças de papéis envolvidos para o aumento de valência. Desse modo, o autor dividiu as causativas advindas de construções transitivas em cinco tipos:

- Tipo (i). É acrescentada uma marca especial no *causee*.

- Tipo (ii). O *causee* continua com a marca do A.
- Tipo (iii). O participante A original recebe a marcação do O.
- Tipo (iv). O original A se torna o novo O e o O original se torna periférico.
- Tipo (v). O O original permanece como O e o A se torna periférico.

O tipo (i) de causativização de verbos transitivos diz respeito às construções em que o *causee* recebe uma marca especial quando ocorre em construção causativa, conforme é exemplificado no exemplo do Nivkh:

- (41) a. *öla lep phnanak xim'd*
 criança pão irmã dar.FIN
 ‘A criança deu o pão para a sua irmã mais velha.’ (Dixon, 2000, p. 48)
- b. *ətək öla-ax lep phnanak xim-gu-d’*
 pai criança-CAUSEE pão irmã dar-CAUS-NF
 ‘O pai fez a criança dar o pão para a sua irmã mais velha.’ (idem)

Os exemplos (41a) e (41b) mostram o contraste existente entre a construção transitiva original (41a) e a oração causativa (41b) em que o *causee öla* (criança) é marcado morfologicamente com o sufixo *-ax*.

O tipo (ii) de causativização de verbos transitivos diz respeito às construções em que o *causee* não perde suas características de A quando se encontrava em orações transitivas. Dixon (2000, p. 49) ilustra esse tipo com um exemplo da língua Trumai (isolada) como podemos verificar no exemplo abaixo:

- (42). *alaweru-k hai-ts axos disi-ka*
 nome-ERG 1.sg-ERG criança+ABS bater-CAUS
 ‘Alaweru me fez bater na criança.’ (Dixon, 2000, p. 49)

No exemplo (42) temos uma oração causativa em que o *causee 'hai'* (me) conserva a marca de ergatividade típica de participantes A de orações transitivas. Portanto, é possível verificar que não houve alteração morfológica no participante afetado na causativização nesse tipo de causativização.

O tipo (iii) de causativização de verbos transitivos diz respeito às construções em que o A original leva uma marca típica de O quando se encontra em uma causativização, mesmo

que o O conserve a sua marca de O também. Dixon (2000, p. 50) mostra como no Hebraico há a possibilidade de uma causativização em que o A e o O de orações transitivas levam uma marca acusativa na oração derivada:

- (43). *hirkadə-ti* [*et ha-talmid-im*] [*et ha-rikud ha-xadaš*]
 dançar+CAUS+PASS-1.SG ACC ART-estudante-PL ACC ART-dança ART-novo
 ‘Eu fiz os estudantes dançarem uma nova dança.’ (Dixon, 2000, p. 50)

No exemplo acima, podemos atestar a presença da marca morfológica acusativa *et* nos dois participantes que exerciam função de A e O na oração transitiva original: *talmid* (estudante) e *rikud* (dança).

O tipo (iv) de causativização de verbos transitivos diz respeito às construções em que o original A de uma oração transitiva se torna o novo O da derivada e o antigo O ocupa a posição periférica. Vemos essa modificação de papéis no exemplo abaixo do Javanês:

- (44) a. *asu-ne* *nguyak* *Bambang*
 cachorro-DEF perseguir nome
 ‘O cachorro perseguiu Bambang.’ (Dixon, 2000, p. 52)
- b. *sri* *nguyak-ake* *asu-ne* *marang* *Bambang*
 nome perseguir-CAUS cachorro-DEF DAT nome
 ‘Sri fez o cachorro perseguir o Bambang.’ (idem)

No exemplo (44a), temos um exemplo de oração transitiva com o participante A *asu* (cachorro) e o participante O *Bambang* (nome próprio) representando argumentos do verbo *nguyak* (perseguir). Na oração derivada (44b), porém, o participante A ocupa a posição de um O e o antigo participante O ocupa uma posição periférica. O autor afirma tais modificações ao considerar a posição pós-verbal do participante *asu* (cachorro) e a marca de caso dativo *marang* presente com o participante *Bambang* (nome próprio) na oração causativizada.

O tipo (iv) de causativização de verbos transitivos diz respeito às construções em que o O original permanece na mesma função e o A original é demovido a uma posição periférica:

- (45) a. *je* *ferai* *courir* *Jean*
 1.SG fazer+FUT+1.SG correr+INF nome
 ‘Eu devo fazer Jean correr.’ (Dixon, 2000, p. 54)

b. *je ferai manger les gâteaux à Jean*
 1.SG fazer+FUT+1.SG comer+INF ART bol PREP nome
 ‘Eu devo fazer Jean comer bolos.’ (idem)

Nos exemplos acima, é possível perceber as posições ocupadas por argumentos S, A e O em orações causativizadas no Francês. Na oração (45a) o antigo participante S *Jean* ocupa a posição O. Na oração derivada de construção transitiva (45b), por sua vez, o antigo participante O ocupa uma posição periférica marcada pela preposição *à*.

Vimos até o momento os tipos de construções causativas de verbos transitivos descritos por Dixon (2000). Outra contribuição para a tipologia de causativas presente no trabalho do autor é a investigação da distinção provocada por características semânticas nessas construções de aumento de valência.

O processo de causativização como nos mostraram pesquisadores em tipologia linguística não se caracteriza como um mecanismo de aumento de valência uniforme. Ou seja, as línguas podem expressar o sentido causativo de diferentes maneiras (lexical, morfológico ou sintático), bem como ter diferentes formas de construção causativas derivadas de orações intransitivas e transitivas. A pergunta que nos fazemos é: o que provocaria o uso de diferentes mecanismos para a mesma função?

Dixon (2000, p. 62) elenca nove parâmetros semânticos envolvidos na distinção entre tipos de causativas em várias línguas do mundo: ação/estado; transitividade; controle; volição; afetação; diretividade; intencionalidade; naturalidade; e envolvimento. Cada parâmetro desse se relaciona a um elemento específico da construção causativa. No quadro a seguir, podemos relacionar esses parâmetros ao elemento que ele é indicado para o autor:

Quadro 4 - Parâmetros semânticos para construções causativas

A. Relacionado ao verbo	B. Relacionado ao <i>causee</i>	C. Relacionado ao <i>causador</i>
Estado/Ação; Transitividade.	Controle; Volição; Afetação.	Diretividade; Intencionalidade. Naturalidade; Envolvimento

Fonte: Dixon (2000, p. 62)

No que se refere aos parâmetros semânticos que podem distinguir mecanismos de mudança de valência relacionados aos verbos, Dixon destaca dois: a distinção entre

estado/ação e a transitividade. O autor cita que ,na língua Bahasa, por exemplo, o sufixo causativo *-ka* só é empregado em construções causativas com verbos de estado e processo. Assim sendo, para se fazer uma causativa com verbos de ação, é necessária a formação de uma causativa perifrástica.

No que diz respeito aos parâmetros semânticos que podem distinguir mecanismos de mudança de valência que são relacionados ao *causee*, Dixon destaca três: o controle, a volição e a afetação.

Sobre o parâmetro volição, por exemplo, o autor exemplifica que, no Japonês, o *causee* é marcado com a posposição dativa *ni* sempre que ele atua de forma voluntária, como podemos notar nos exemplos a seguir:

- (46) a. *taroo ga konsaato e it-ta*
 nome NOM concerto para ir-PASS
 ‘Taroo foi a um concerto.’ (Dixon, 2000, p. 65)
- b. *ryooshin ga taroo o konsaato e ik-ase-ta*
 familiares NOM nome ACC concerto para ir-CAUS-PASS
 ‘[Seus] familiares fizeram Taroo ir para um concerto.’ (idem)
- c. *ryooshin ga taroo ni konsaato e ik-ase-ta*
 familiares NOM nome DAT concerto para ir-CAUS-PASS
 ‘[Seus] familiares deixaram Taroo ir para o concerto.’ (idem)

Nos exemplos acima, há duas possibilidades de estratégia de causativização no Japonês: Em (46b) há uma causativização em que o *causee* não possui marca morfológica; e em (46c) o *causee* é marcado pela posposição dativa ‘*ni*’. Associada à distinção de estratégia gramatical, está a distinção na voluntariedade do *causee* para o evento: em (46a) o *causee* ‘Taroo’ foi involuntariamente para o concerto e em (46b) ele foi voluntariamente.

No que se tange aos parâmetros semânticos que podem distinguir mecanismos de mudança de valência que são relacionados ao *causador*, Dixon destaca quatro: a diretividade, a intencionalidade, a naturalidade e o envolvimento.

Sobre o parâmetro intencionalidade, por exemplo, o autor exemplifica que, no Kammu, o *causador* é marcado com o prefixo *p-* sempre que ele atua de forma intencional, como podemos notar nos exemplos a seguir:

- (47) a. *kəə* *p-háan* *tráak*
 3.SG+M CAUS-morrer búfalo
 ‘Ele esfaqueou o búfalo.’ (Dixon, 2000, p. 70)
- b. *kəə* *tòk* *háan* *míuc*
 3.SG+M CAUS morrer formiga
 ‘Aconteceu que ele matou o formiga (por acidente).’ (idem)

Nos exemplos acima, há duas possibilidades de estratégia de causativização no Kammu : em (47b) há uma causativização em que o *causador* não possui prefixo; e em (47a) o *causee* é marcado com o prefixo *p-*. Associada à distinção de estratégia gramatical, está a distinção na intencionalidade do *causador* para o evento: em (47a) o *causer* *kəə* matou intencionalmente o búfalo e em (47b) ele matou a formiga sem nenhuma intenção.

Em suma, a causativização é um processo complexo com inúmeras variáveis morfossintáticas e semânticas. Sobre esse tema, os estudos tipológicos que apresentamos, nesta subseção, apontam caminhos de investigação das variáveis causativas no Canela. Na próxima subseção falaremos um pouco sobre as construções aplicativas.

1.2.2.2. Construções aplicativas

Payne (2007, p. 264) categoriza as construções aplicativas como um outro tipo de aumento de valência bem produtivo nas línguas do mundo. O autor mostra, por exemplo, que, em uma construção denominada como aplicativa, geralmente, há a promoção de um participante periférico para a posição de objeto direto. Isso pode ser verificado no exemplo (48) em que uma oração transitiva com um participante oblíquo do Yagua 'Ele explodiu dentro' pode ser expressa com o participante periférico em posição de argumento: 'Ele o explodiu'. Além disso, um novo morfema *tá* é acrescentado à oração derivada:

- (48) a. *sa-duu* *rá-viim*
 3.SG-explodir INAN-dentro
 ‘Ele o explodiu.’ (Payne, 2007, p. 265)
- b. *sa-duu-tá-ra*
 3.SG-explodir-APL-INAN.OBJ
 ‘Ele explodiu dentro.’ (idem)

Dixon & Aikhenvald (2000, p. 13), em trabalho sobre tipologia de mecanismos de valência, elencaram características tipológicas gerais para construções aplicativas:

- A oração intransitiva forma uma transitiva derivada;
- O argumento S se torna um argumento A;
- Um argumento periférico é promovido para a função O;
- Há uma marca explícita formal de uma construção aplicativa, geralmente um afixo ou outro processo morfológico verbal.

Ou

- Um argumento A permanece em sua função;
- Um argumento periférico é promovido a função O;
- O argumento O é demovido ou omitido para uma função periférica;
- Há uma marca formal explícita em construções aplicativas, geralmente um afixo ou outro processo morfológico verbal.

Podemos notar, com as características listadas acima, que existe uma variabilidade de características possíveis em construções classificadas como aplicativas nas descrições gramaticais das línguas do mundo. Inferimos, todavia, com as descrições desse mecanismo em vários trabalhos de tipologia, a presença de uma alternância entre participante periférico e em posição argumental como elemento funcional essencial para esse tipo de mudança.

Mithun (2000, p. 108), por exemplo, descreve que, na língua *Yup'ik*, há um morfema aplicativo *-(u)te-* para promoção de participantes periféricos:

- (49) *uumikuqalaruciiqamken*
uumiku qalarte-**ute**-ciiqe-ar-mken
próxima-vez falar-**para**-futuro-INDIC.TR-1SG/2SG
'Eu vou falar com você depois.' (Mithun, 2000, p. 109)

Em outros exemplos do uso desse morfema aplicativo, a autora mostra como a semântica de participantes empregados com o morfema pode variar. Nos próximos exemplos, há o emprego do morfema aplicativo em participantes que assumem o papel semântico distintos 'realizar a festa' (50a) e 'com ele' (50b)

- (50) a. *kalukaulluta* *unuaquani*
kalukar-**ute**-lu-ta unuaqu-ani
realizar.festa-**para**-SUB-1PL próxima-vez-3SG/3SG.ABL
‘Ele nos fez a Kalukaq (realizar festa) para o próximo dia.’ (idem)
- b. *eliin* *ayaullua*
elliin ayag-**ute**-lu-a
3SG.ERG ir-**com**-SUB-1SG
‘Ele me levou com ele.’ (idem)

Os exemplos do Yup’ik mostram uma variabilidade de papéis semânticos possíveis para argumentos assinalados com morfemas aplicativos. A função de acréscimo de um participante, antes periférico, a argumento verbal é presente em todos os exemplos.

Martin (2000, p. 390) descreveu para a língua Creek a existência de um morfema dativo *in-* utilizado em certas construções com a função de promover argumentos periféricos. Isso pode ser notado no exemplo abaixo em que é adicionado um novo argumento acrescido do morfema *in-* (51b) a uma oração transitiva (51a):

- (51) a. *cá-ni-t* *istaha-kocí-n* *ha-y-ís*
John-NOM boneco-OBLQ fazer:LGR-INDIC
‘John está fazendo a boneca.’ (Martin, 2000, p. 390)
- b. *cá-ni-t* *cími-n* *istaha-kocí-n* *ha-y-ís*
John-NOM Jim-OBLQ boneco-OBLQ DAT-fazer:LGR-INDIC
‘John está fazendo a boneca para Jim.’ (idem)

Para promover argumentos instrumentais, porém, o Creek emprega o morfema *ís-*, o que evidencia a existência de mais de um morfema com a função aplicativa na língua em consonância com a semântica do participante envolvido na alternância de valência. A seguir temos um exemplo de aplicativa de participantes instrumentais:

- (52) a. *Bill* *có-ka-n* *hó-eceyc-ís*
Bill carta-OBLQ escrever:LGR-INDIC
‘Bill está escrevendo a carta.’ (Martin, 2000, p. 392)

- b. *Bill isho-ecéycka* *có-ka-n ís-hó-eceyc-ís*
 Bill caneta carta-OBLQ INST-escrever:LGR-INDIC
 ‘Bill está escrevendo a carta com a caneta.’ (idem)

Em (52a) temos um exemplo de oração transitiva comum e em (52b) um exemplo de oração com acréscimo de um novo participante assinalado com morfema aplicativo *-ís*. Martin (2000, p. 390) indica que a função principal desses morfemas na língua é adicionar um ‘objeto indireto’ ao verbo ao qual ele é relacionado, podendo vir com semânticas variadas (benefactivo, malefactivo, alvo, fonte ou possuidor). Sobre a constituição de construções aplicativos, Croft (1994, p. 95) citado por Martin (2000, p. 390) diz: ‘Aplicativas derivadas possuem o efeito de promover ao papel de objeto direto participantes em outro papel que não de paciente como, por exemplo, malefactivo ou benefactivo⁴’.

Vimos até o momento a grande variabilidade de possibilidades de emprego de morfemas aplicativos. Nos trabalhos descritivos de Martin (2000), Mithun (2000) e Dixon & Aikhenvald (2000), observamos haver características distintas no que se refere ao número de morfemas aplicativos, o tipo de verbo que recebe esses morfemas e o papel semântico atribuído ao participante promovido.

É possível encontrar até línguas em que o morfema aplicativo é extremamente restrito a contextos específicos. LaPolla (2000) descreve que, na língua Rawang, o morfema aplicativo representado pelo sufixo *-a* somente ocorre em construções com sentido benefactivo, conforme podemos observar nos exemplos abaixo:

- (53) a. *ngàí* (*àng-svng/dvpvt*) *shong róngãngòě*
 ngà-í àng-svng/dvpvt shong ró-ng-ã-ng-ò-ě
 1SG-AGT 3SG-LOC/para madeira carregar-1SG-BEN-1SG-3+TR.N.PASS-N.PASS
 ‘Eu estou levando a madeira para ele.’ (LaPolla, 2000, p.305)

⁴ No original: ‘(...) derived applicatives have the effect of assigning to direct object role some participant other than the ‘patient’ (endpoint of the verbal segment) of the basic verb form (...)’.

- b. àng dvpvt rv máhvng shvláãàẽ
 àng dvpvt rv má-hvng shvlá-ã-à-ẽ
 3SG para campo-campo ser.bom-BEN-3+TR.N.PASS-N.PASS
 ‘Os campos são bons para ele.’ (idem)

Em resumo, os trabalhos tipológicos que observaram a presença de construções aplicativas dizem respeito à promoção de um novo argumento posposicionado. Dixon & Aikhenvald (2000) sistematizam os principais mecanismos de mudança da seguinte maneira:

Quadro 5: Tipos de mudanças de valência

Tipo de Verbo	Tipo de operação	
Transitiva	Passiva: O se torna S	Antipassiva: A se torna S
Intransitiva	Causativa: S se torna O	Aplicativa: S se torna A

Fonte: Dixon & Aikhenvald (2000, p. 6), adaptado.

Da forma como está disposto na tabela acima as distinções entre os mecanismos de mudança com os rótulos A, S e O, é possível verificar de forma sistematizada as diferenças de alternâncias entre os tipos de mudança de valência.

Mostraremos a seguir, rapidamente a tipologia de dois mecanismos de diminuição de valência: as antipassivas e as anticausativas.

1.2.3. Construções antipassivas

Segundo Dixon & Aikhenvald (2000, p. 9), antipassivas são construções em que: (i) o participante O é demovido ou apagado; (ii) o participante A torna-se S; (iii) o participante O pode virar um participante oblíquo; e (iii) há alguma marcação morfológica no verbo quando isso ocorre. Payne (2006, p. 255) exemplifica essa alternância sintática com a língua Yup'ik:

- | | | | |
|----------|---|---------------------|-----------------------|
| | A | O | V |
| (54). a. | <i>Yero-m</i> | <i>keme-q</i> | <i>nere-llru-a</i> |
| | Yero-ERG | carne-ABS | comer-PASS-3.SG |
| | ‘Yero comeu a carne.’ (Payne, 2006, p. 235) | | |
| | ↓ | | |
| | S | Oblíquo | V |
| b. | <i>Yero-q</i> | <i>(kemer-meng)</i> | <i>nere-llru-u-q</i> |
| | Yero-ABS | carne-INST | comer-PASS-INSTR-3.SG |
| | ‘Yero comeu (a carne).’ (Payne, 2006, p. 235) | | |

No exemplo acima, é possível verificar uma alternância entre uma oração transitiva com o verbo *comer* (*nere*) e dois participantes (A *Yero-m* e O *keme-q*) e uma oração intransitiva com o mesmo verbo e um participante S (*Yero-q*). Outrossim, também nota-se um acréscimo de um morfema *-u-* ao verbo quando ele é intransitivizado, bem como a possibilidade de ele apresentar um participante oblíquo, o qual anteriormente era o argumento O.

1.2.4. Construções anticausativas

Payne (2006, p. 249) destaca que muitas línguas no mundo possuem descrições de construções que invertem a lógica das causativas, ou seja, ao invés de adicionar participantes causadores de um evento, há a ausência de um participante desse tipo. Essa alternância é verificada no exemplo do autor:

- | | |
|----------|--------------------------------------|
| (55). a. | <i>Sa-supatá-ra</i> |
| | 3.SG-tirou-INAN |
| | ‘Ele o tirou.’ (Payne, 2007, p. 249) |
| b. | <i>Rá-supáta-y</i> |
| | INAN-tirou-ANTICAUS |
| | ‘Ele saiu.’ (idem) |

No exemplo (55), há a distinção de contexto para o uso do morfema *-y* ao verbo quando perde a noção causativa de evento ocasionado por um agente causador da ação. Dixon & Aikhenvald (2000, p. 24) compara essa noção a outras como a passiva:

Passiva

Anticausativas

- (i). a. A original é demovido ou se torna um oblíquo.
Ex: A taça foi quebrada.
(por alguém).
- b. A não existe ou não é importante.
Ex: A taça quebrou.

Depois de mapear as distinções tipológicas entre os mecanismos de mudança de valência como a diminuição citada acima, Dixon & Aikhenvald (2000) destacam tópicos nos estudos desse tema que necessitam de mais estudos tipológicos:

- Investigar a variação de transitividade entre línguas;
- Estudar como a semântica determina a transitividade em verbos.

No próximo capítulo, abordaremos os tipos de verbo presentes na língua Canela. Especificamente, investigaremos os tipos de verbo que são passíveis de alternâncias de aumento de valência na língua. Para depois, fazemos um estudo de como a semântica se relaciona com as mudanças de valência na língua.

Capítulo 2: Tipos de verbos no Canela

Este capítulo se destina ao estudo dos verbos da língua Canela. Ele foi pensado, especificamente, como um mapeamento de propriedades gramaticais descritas em trabalhos anteriores para essa classe em um conjunto maior de dados, compilados de um dicionário da língua publicado por Bernhard Grupp (2015). Os dados apresentados neste capítulo, portanto, foram organizados, separados e analisados por meio dos exemplos publicados no dicionário Canela que foi possível formular hipóteses, com um número maior de verbos, sobre a relação entre léxico e gramática na estrutura do Canela.

Ao todo, compilamos 1.970 exemplos de orações verbais presentes na obra lexicográfica, as quais foram separadas em grupos de verbos (descritivos, intransitivos e transitivos). Depois disso, analisamos linguisticamente todos os exemplos com o auxílio do software *Flex* e também por meio de discussões no grupo de estudos do Projeto 'Trabalho de Campo colaborativo, documentação e descrição da língua falada pelos povos Canela' na Universidade de Brasília (UnB). Após a compilação e análise das orações verbais, identificamos as propriedades gramaticais presentes em cada entrada lexical do nosso *corpus* de verbos.

A partir de agora, vamos apresentar os resultados desse trabalho de mapeamento nos verbos monovalentes (descritivos e intransitivos) e transitivos (divalentes e trivalentes).

2.1. Os verbos monovalentes

Iniciaremos o mapeamento sobre tipos de verbos no Canela pelos verbos que requerem tipicamente apenas um participante: os monovalentes. Esse único participante é rotulado como 'S' na tipologia linguística. Logo, uma oração simples monovalente pode requerer apenas um participante S:

S

(1) [Eu] caí.

É importante mencionar, dentre os estudos gramaticais da linha funcional, a contribuição de Givón (2001, p. 125), que postula a codificação das noções de estados, eventos ou ações por verbos desse tipo. Além disso, o autor também mostra como o sujeito

desses verbos (S) pode ter o papel semântico de agente, paciente ou experienciador. Isso pode ser verificado nos exemplos abaixo:

				<u>Semântica</u>	
				<u>Verbo</u>	<u>Sujeito</u>
(2)	a.	<i>He worked</i>	‘Ele trabalhou.’	ação	agente
	b.	<i>She dreamed</i>	‘Ela sonhou.’	psicológico	experienciador
	c.	<i>He slept</i>	‘Ele dormiu.’	estado	paciente

Nos exemplos acima, resumimos a pesquisa de Givón (2001) para verbos monovalentes. O autor postulou possíveis campos semânticos codificados por verbos que requerem um participante e o papel semântico desse participante que compõem uma oração monovalente simples. Os verbos monovalentes, portanto, caracterizam-se funcionalmente por serem verbos de ações, estados ou estados-mentais (psicológicos), os quais podem formar orações com um único participante no papel de agente, paciente ou experienciador.

Nos estudos sobre a gramática da língua Canela, pode-se citar a tese de Castro Alves (2004) como um trabalho de referência sobre as propriedades dos verbos na língua. A autora mostrou em sua pesquisa como as propriedades de TAM (tempo, aspecto e modo) e mudança de valência definem a classe de verbos. Ademais, ela verificou uma importante característica da estrutura da língua: a cisão na classe de verbos monovalentes.

No Canela, os verbos monovalentes podem ser divididos em dois tipos: intransitivos e descritivos. Uma diferença entre esses tipos está na codificação da informação do único participante (S) por meio de pronomes. Além disso, os verbos descritivos são monovalentes que sempre tem o S codificado por série pronominal presa ao verbo. Os verbos intransitivos, diferentemente, são monovalentes que sempre tem o S codificado por série pronominal livre, desde que não estejam no tempo passado recente. Dessa maneira, temos uma cisão dentro da classe de monovalentes, conforme os exemplos abaixo:

		Verbo Descritivo			Verbo Intransitivo
(3)	a.	<i>a=cakôc</i>	b.	<i>ca apu cre</i>	
		2=falar		2 PRG cantar	
		‘Você fala’ (C.A, 2004, p. 58)		‘Você está cantando’ (idem, p. 111)	

Dessa forma, temos uma cisão na classe de verbos monovalentes correspondente à referenciação pronominal. É importante mencionar o alinhamento morfossintático entre o único argumento dos verbos monovalentes e os argumentos dos verbos divalentes. No que diz respeito ao verbo descritivo, o único participante é codificado por pronomes de série similar ao outro participante de verbos transitivos (O); no que diz respeito ao verbo intransitivo, o único participante é codificado por pronomes de série similar ao participante que mais se parece com o agente (A) em orações transitivas. Isso pode ser verificado nos exemplos a seguir:

Descritivos (So=O)						
	So-V		A		O-V	
(4).	a.	<i>a-carĩc</i>		b.	<i>wa ha a-cakwĩ</i>	
		2-ser.silecioso			1 IRR 2-bater	
		'Você é silencioso.' (Grupp, 2015, p. 108)			'Eu vou te bater.' (idem, p. 32)	
Intransitivos (Sa=A)						
		Sa			A	
(5).	a.	<i>wa ha amti</i>		b.	<i>wa ha a-cakwĩ</i>	
		1 IRR sonhar			1 IRR 2-bater	
		'Eu vou sonhar.' (Grupp, 2015, p. 101)			'Eu vou te bater.' (idem, p. 32)	

Um aspecto crucial da estrutura gramatical do Canela, portanto, é a cisão da classe de verbos monovalentes que configura a língua em um sistema de intransitividade cindida. Cabe mencionar que a língua possui outros sistemas de alinhamento em outros contextos. Nas seções a seguir, vamos explorar as propriedades gramaticais e semânticas dos verbos descritivos (2.1.1) e intransitivos (2.1.2), a partir dos exemplos compilados do dicionário Canela.

2.1.1 Os verbos descritivos

Os verbos descritivos, no Canela, formam um grupo peculiar por apresentarem propriedades da classe de nomes e da classe de verbos. Pode-se inferir dos trabalhos de descrição sobre a língua que os descritivos estão em um nível intermediário entre nomes e

verbos. Relembraremos, nesta seção, quais são as propriedades dessa classe, por meio da revisão bibliográfica dos trabalhos de Castro Alves, e, depois, mostraremos como essas propriedades estão presentes nos exemplos do dicionário Canela.

Castro Alves (2004, p. 55-60) descreveu as características semânticas e gramaticais gerais dos verbos descritivos. No que diz respeito à semântica, segundo a autora, o grupo denota estados, qualidades e ações não controladas. Já, no que diz respeito à gramática, o grupo apresenta o sujeito representado por pronomes dependentes e propriedades verbais como a causativização. Alguns exemplos de Castro Alves (2004) desse grupo de verbos (6a, 6b) demonstram a semântica não-ativa típica dos descritivos e a presença de um sujeito (So) representado por pronomes dependentes:

So

- (6) a. *i=cacro*
 1=ser.quente
 ‘Eu estou com febre.’ (Castro Alves, 2004, p. 55)

So

- b. *i=ncrà*
 3=ser.seco
 ‘Ele está seco.’ (idem)

Castro Alves (2010, p. 443-447) realizou um amplo estudo sobre os tipos de alinhamentos morfossintáticos da gramática do Canela. Nessa pesquisa, a autora classificou o alinhamento geral do Canela como o alinhamento de intransitividade cindida, em que os argumentos dos verbos descritivos (So) se comportam morfossintaticamente como o outro argumento de um verbo transitivo (O), diferentemente dos argumentos do verbo intransitivo (Sa) e o participante que mais se parece com o agente (A) de verbos transitivos, conforme ilustrado abaixo:

So-V

- (7) a. *cu ha pah-pym*
 3 IRR 1.INCL-cair
 ‘Nós vamos cair.’ (Castro Alves, 2010, p. 444)

- A O=V
 b. *ca* *ha* **ih**=cura
 2 IRR **3**=matar

‘Você vai matá-lo.’ (Castro Alves, 2004, p. 67)

Além da análise dos tipos de alinhamento morfossintático, no mesmo trabalho, Castro Alves (2010) postulou três propriedades gramaticais importantes dos descritivos presentes na classe de verbos do Canela: o modo imperativo, a estratégia de relativização e a causativização:

	Descritivos	Intransitivos
(8).	a. <i>a=pym</i> 2=cair ‘Caia!’ (C.A, 2010, p. 447)	b. <i>a=pec!</i> quieto ‘Fique quieto!’ (C.A, 2010, p. 447)
(9).	a. <i>hũmre ita ih=mpej ne mõr</i> homem DEM 3=ser.bom e sair ‘O homem que é bom saiu.’ (C.A, 2010, p.446)	b. <i>hũmre ita ih=ncrer ne mõr</i> homem DEM 3=cantar e sair ‘O homem que cantou saiu.’ (C.A, 2010, p. 446)
(10).	a. <i>ca ha motor to ih=ken</i> 2 IRR motor CAUS 3=ser.ruim ‘Você vai estragar o motor.’ (C.A, 2010, p. 445)	b. <i>rop apu cô to kõ</i> cão PRG água CAUS beber ‘O cão está bebendo água.’ (C.A, 2010, p. 445)

Os exemplos acima são utilizados por Castro Alves (2010) para demonstrar a natureza verbal dos descritivos no Canela. Isto é, propriedades como o modo imperativo (8a, 8b), relativização (9a, 9b) e aumento de valência (10a, 10b) evidenciam uma similaridade de comportamento sintático entre as classes de descritivos e intransitivos. Isso é um ponto importante nos estudos sobre verbos em línguas Jê, haja vista que os descritivos também possuem propriedades morfológicas como a codificação de pessoas como pronomes dependentes com nomes, o que gera debate entre os linguistas que estudam tais línguas.

Para confirmar a natureza verbal da classe de descritivos, podemos fazer referência ao trabalho de Barros & Castro Alves (2021), em que se encontra uma comparação entre as classes de nomes, descritivos e intransitivos. Nesse trabalho, os autores traçaram uma série de propriedades que mostram similaridades e disparidades entre as classes de descritivos, nomes e verbos. Os autores listaram propriedades comuns a descritivos e nomes (morfemas intensificadores), às três classes (prefixo relacional e clítico pessoal) e algumas presentes somente nas classes verbais de descritivos e intransitivos (nominalização, forma não finita, modo imperativo, modo *irrealis*, aspecto progressivo e aumento de valência).

	Descritivos	Nomes
	<ul style="list-style-type: none"> ● Intensificadores 	
(11)	a. <i>a=j-o=re</i> 2=PR-ser.redondo=DIM ‘Redondinho.’ (PDN ⁵)	b. <i>rop=ti</i> cão=AUM ‘Onça.’ (idem)

	Descritivos	Intransitivos	Nomes
	<ul style="list-style-type: none"> ● Prefixo Relacional 		
(12)	a. <i>x-àr</i> PR-ser.cozido ‘Estar cozido.’ (PDN)	b. <i>x-wa</i> PR-banhar ‘Banhar’ (idem)	c. <i>j-arkwa</i> PR-boca ‘Boca.’ (idem)
	<ul style="list-style-type: none"> ● Clítico Pessoal 		
(13)	a. <i>a=carěj</i> 2=gritar ‘Você grita.’ (PDN)	b. <i>i=tur</i> 1=urinar.NF ‘Eu urinei.’ (idem)	c. <i>ih=krã</i> 3=cabeça ‘Cabeça dele.’ (idem)

	Descritivo	Intransitivo
	<ul style="list-style-type: none"> ● Nominalização: 	
(14)	a. <i>i=pec=xà</i> 1=ser.fraco=NMLZ ‘Minha preguiça.’ (PDN)	b. <i>i=xwỳr=xà</i> 1=banhar=NMLZ ‘Meu banho.’ (idem)

⁵ Sigla para Projeto Documentação de Narrativas e elaboração de dicionário Canela, supervisionado pela professora doutora Flávia Castro Alves.

- **Forma não finita**

- (15). a. *cato/cator* ‘Sair.’ (PDN) b. *ko/kõn* ‘Beber.’ (idem)

- **Modo irrealis**

- (16). a. *quê ha pah=cacro*
3 IRR 1.INCL=ser.quente
‘Nós vamos ficar quentes.’ (PDN) b. *quê ha pôj*
3 IRR sair
‘Ele vai sair.’ (idem)

- **Modo imperativo**

- (17) a. *a=pej*
2=ser.bom
‘Seja bom!’ (PDN) b. *gõr*
dormir.NF
‘Durma!’ (idem)

- **Aspecto progressivo**

- (18) a. *wa apu i=hêj*
1 PRG 1=mentir
‘Eu estou mentindo.’ (PDN) b. *wa apu apà*
1 PRG comer
‘Eu estou comendo.’ (idem)

- **Aumento de valência**

- (19) a. *cô to=ih=cacro*
água CAUS=3=ser.quente
‘Ele esquentou a água.’ (PDN) b. *to=a=kõn*
APL=2=beber
‘Você bebeu (algo)’ (idem)

O quadro 1 a seguir sintetiza as propriedades exemplificadas acima referentes a cada classe de palavras citada:

Quadro 6 - Comparação entre propriedades gramaticais: verbos e nomes

		Intransitivos	Descritivos	Nomes
Morfologia	Intensificadores (-re, -ti)	-	X	X
	Prefixo Relacional	X	X	X
	Clítico Pessoal	X	X	X
	Nominalização	X	X	-
	Forma Não Finita	X	X (restrito)	-
Sintaxe	Modo Irrealis	X	X	-
	Modo Imperativo	X	X	-
	Aspecto Progressivo	X	X	-
	Aumento de Valência	X	X	-

Fonte: adaptado de Barros (2019, p. 54)

Em resumo, os trabalhos anteriores sobre a língua Canela mostraram que os descritivos são uma classe definitivamente verbal, sendo o seu comportamento sintático paralelo à classe de verbos. Como pode ser verificado no quadro 1, propriedades como o modo, aspecto, aumento de valência e nominalização são próprias das classes de descritivos e também da classe de intransitivos. Apesar de haver propriedades morfológicas próprias de nomes como morfemas intensificadores de aumentativo (-ti) e diminutivo (-re), os descritivos estão mais próximos em comportamento dos verbos.

Nas próximas seções, iremos abordar como se manifestaram as propriedades dos descritivos com o compilamento de orações verbais realizado com o auxílio do dicionário Canela (Grupp, 2015). Isso se dá, pois o objetivo principal deste trabalho é verificar o comportamento dos descritivos com um número maior de orações. Além disso, fomentar as bases para o estudo da relação léxico-gramatical do aumento de valência dessa classe no capítulo 3.

2.1.1.1 Propriedades gramaticais dos descritivos

Esta seção abordará a análise descritiva realizada com a compilação de 476 exemplos de orações com 95 verbos descritivos presentes no dicionário Canela (Grupp, 2015).

Cabe lembrar que esses exemplos foram publicados por Bernhard Grupp, os quais foram elicitados por Jack e Josefina Popjes, SIL, com o auxílio de várias pessoas da etnia Canela como Armando Prefeito, Joselino Xihcapro e Ari Karompey (Grupp, 2015, p. 7). Outrossim, a natureza dos exemplos são registros de falas cotidianas, trechos de textos elaborados e exemplos encontrados em diários e outros tipos de anotações. Esses exemplos, entretanto, não se encontram analisados linguisticamente na publicação, o que fez com que parte do trabalho fosse a segmentação e análise dos morfemas gramaticais e lexicais para a posterior sistematização dos dados extraídos do dicionário.

Primeiro, apresentaremos as propriedades morfológicas encontradas (clítico pessoal, prefixo relacional, morfemas intensificadores *-re/-ti*, formas finita e não finita e morfemas nominalizadores); e, depois, indicaremos as propriedades sintáticas (modo e aspecto); por último, mostraremos exemplos que trazem novas questões a serem investigadas sobre os descritivos ainda não exploradas como, por exemplo, idiosincrasias da possibilidade de aumento de valência nessa classe.

- **O clítico pessoal**

A língua Canela possui pronomes dependentes clíticos presos à raiz verbal como uma das formas de codificação de pessoa na língua. Castro Alves (2021) descreve as seguintes formas como presentes no quadro pronominal do Canela: *i=* (1ª pessoa), *pa(h)=* (1ª pessoa inclusiva), *a=* (2ª pessoa) e *ih=*, *h=*, *ø=*, *cu=* (3ª pessoa).

Esses clíticos, como mostraram descrições anteriores, podem ocorrer com nomes, verbos intransitivos e verbos descritivos. Eles possuem diferentes funções de acordo com a classe a que se associam. Isto é, na classe de nomes nomes, esse clíticos codificam um possuidor; na classe de verbos intransitivos, quando no passado, codificam sujeito absoluto e, com a classe de descritivos, sempre codificam o sujeito (So).

Pelo fato de o único participante dos verbos descritivos vir sempre como um clítico pessoal, pode-se dizer ser essa uma propriedade geral de todos os itens da classe de descritivos, não havendo uma distinção lexical para essa propriedade. Abaixo, listamos

exemplos de descritivos com as mais variadas semânticas encontrados no dicionário com o sujeito como clítico pessoal:

- | | |
|---|--|
| <p>(20). a. <i>a=cahàc</i>
 2=ralhar
 ‘Você ralha.’ (Grupp, 2015, p. 28)</p> | <p>b. <i>pa=ncryc</i>
 1.INCL=ter.raiva
 ‘Estamos com raiva.’ (idem, p. 11)</p> |
| <p>c. <i>i=cakôc</i>
 1=falar
 ‘Eu falo.’ (idem, p. 52)</p> | <p>d. <i>i=cukwỳr</i>
 1=andar.vacilando
 ‘Eu ando vacilando.’ (idem, p. 193)</p> |
| <p>e. <i>i=caquêquê</i>
 1=ser.machucado
 ‘Eu estou machucado.’ (idem, p.34)</p> | <p>f. <i>i=carôt</i>
 1=esforçar-se
 ‘Eu me esforço.’ (idem, p. 35)</p> |
| <p>g. <i>i=cri=re</i>
 1=ser.pequeno=DIM
 ‘Sou pequeno.’ (idem, p. 9)</p> | <p>h. <i>h=àhtôa</i>
 3=ser.muito
 ‘Eles são muitos.’ (idem, p. 149)</p> |
| <p>i. <i>i=cati</i>
 3=ser.grande
 ‘Maior.’ (idem, p. 36)</p> | <p>j. <i>ih=hêj</i>
 3=mentir
 ‘Ele mentiu.’ (idem, p. 113)</p> |
| <p>k. <i>i=cator</i>
 1=chegar.NF
 ‘Eu cheguei.’ (idem, p. 202)</p> | <p>l. <i>ih=hi=re</i>
 3=ser.magro=DIM
 ‘Ele é magro.’ (idem, p. 13)</p> |
| <p>m. <i>pa=ncrê=re</i>
 1.INCL=ser.pouco=DIM
 ‘Somos poucos.’ (idem, p. 134)</p> | <p>n. <i>i=j=ipô</i>
 1=PR=abaixar.a.cabeça
 ‘Eu não abaixei a cabeça.’ (idem, p. 84)</p> |

Nos exemplos acima, compilados do dicionário Canela, há a presença de clíticos pessoais codificando a noção de pessoa para os exemplos de descritivos de forma sistemática. Ou seja, mesmo com um maior número de exemplos, não encontramos diferentes formas para codificação de pessoa para a classe, o que corrobora a propriedade como própria dessa classe.

- | | | |
|----|--|---|
| | olho PR-ser.branco | 1 IRR PRG 1=PR-brincar |
| | ‘Branco do olho.’ (idem, p. 137) | ‘Eu vou brincar, contar piadas.’ (idem) |
| g. | <i>kwỳr j-akare</i>
mandioca PR-ser.branco
‘Mandioca branca.’
(idem, p. 127) | h. <i>aryjhy j-àhtôa</i>
arroz PR-ser.muito
‘Muito arroz.’
(idem, p. 164) |
| i. | <i>ata j-irôa=re</i>
DEM PR-ser.fraco=DIM
‘Aquele que é fraco.’
(idem, p. 86) | j. <i>Capi j-ôxy</i>
Capi PR-ser.avarento
‘Capi é avarento.’
(idem, p. 92) |
| k. | <i>hũmre j-ũjapê</i>
homem PR-ser.ciumento
‘O homem é ciumento (...).’
(idem, p. 1) | l. <i>Tephot j-amreare</i>
Tephot PR-não.ser.nada
‘Tephot é inocente (...).’
(idem, p. 67) |

Encontramos o prefixo relacionado manifestado como *j-* em muitas entradas lexicais com sentido estativo como, por exemplo: *irôa* 'ser fraco', *apjê* 'ser alto', *ôxy* 'ser avarento'. Uma entrada com sentido ativo também foi encontrada: *-apactu* 'fazer brincadeiras'. Por isso, os estudos sobre o prefixo relacional mostram que ele é presente em variados contextos, relacionados ou não à semântica do evento ou contingência com o participante mais próximo. É importante mencionar como ele acontece sempre na posição do argumento interno ao sintagma verbal (So) como podemos comparar nos exemplos a seguir:

- | | | | |
|------|---|----|--|
| | So=V | | So PR-V |
| (22) | a. <i>i=cacro</i>
1=ser.quente
‘Eu estou com febre.’ (C.A, 2004, p. 55) | b. | <i>Capi j-ôxy</i>
Capi PR-ser.avarento
‘Capi é avarento.’ (Grupp, 2015, p. 92) |

Podemos atestar a presença de prefixos relacionais, em situações em que o argumento de verbo monovalente ocupa a posição de um **So**, como no exemplo *Capi j-ôxy* 'Capi é avarento'. Vimos, até o momento, duas propriedades morfológicas da classe de descritivos no

Canela: o clítico pessoal e o prefixo relacional. A primeira é uma propriedade própria da classe que ocorre sistematicamente, sem exceção, sempre que a pessoa é codificada pronominalmente; a segunda é uma propriedade da classe de descritivos e outras classes de palavras, a qual é condicionada lexicalmente e evidencia uma relação de proximidade entre o participante e o verbo. A próxima propriedade que iremos explorar são os clíticos intensificadores.

● **Intensificadores**

A língua Canela possui dois clíticos (=re, =ti) que indicam funcionalmente, respectivamente, os graus morfológicos diminutivo e aumentativo. Esses intensificadores podem vir presentes em nomes e descritivos.

Cabe mencionar que, em algumas línguas como, por exemplo, o Apinajé, foi encontrada por Oliveira (2003) a presença dos intensificadores em algumas orações verbais. No Canela, no entanto, ainda não há o registro desses morfemas em verbos intransitivos ou transitivos. Listamos a seguir as ocorrências dos descritivos com esses sufixos no dicionário Canela:

- | | |
|---|---|
| (23) a. <i>j-apjê=ti</i> ‘ser alto.’ (Grupp, 2015, p. 25) | b. <i>j-atuj=re</i> ‘ser curto.’ (idem, p. 80) |
| c. <i>cacruj=re</i> ‘ser morno.’ (idem, p. 30) | d. <i>carã=re</i> ‘ser claro.’ (idem, p. 34) |
| e. <i>cati=ti</i> ‘ser grande.’ (idem, p. 169) | f. <i>cri=re</i> ‘ser pequeno.’ (idem, p. 9) |
| g. <i>cunĩh=ti</i> ‘estar em choque.’ (idem, p. 111) | h. <i>curuj=re</i> ‘ser morno.’ (idem, p. 112) |
| i. <i>cutac=ti</i> ‘ser ligeiro.’ (idem, p. 111) | j. <i>j-aka=re</i> ‘ser branco.’ (idem, p. 200) |
| k. <i>jirôat=re</i> ‘ser fraco.’ (idem, p. 86) | l. <i>hy=re</i> ‘ser.pouco.’ (idem, p. 114) |
| m. <i>j-amrea=re</i> ‘ser inocente.’ (idem, p. 67) | n. <i>kên=re</i> ‘ser mal’ (idem, p. 152) |
| o. <i>mpej=ti</i> ‘ser bom.’ (idem, p. 91) | p. <i>peac=re</i> ‘ser fraco.’ (idem, p. 86) |
| q. <i>recri=re</i> ‘ser macio.’ (idem, p. 182) | r. <i>tep=ti</i> ‘ser vermelho.’ (idem, p. 87) |
| s. <i>tũm=ti</i> ‘ser sujo.’ (idem, p. 2) | t. <i>wej=ti</i> ‘ser velho.’ (idem, p. 9) |
| u. <i>tyc=re</i> ‘ser preto.’ (idem, p. 50) | v. <i>tỳj=ti</i> ‘ser forte.’ (idem, p. 190) |
| x. <i>xyc=re</i> ‘ser impuro.’ (idem, p. 140) | z. <i>xy=ti</i> ‘ser amargo.’ (idem, p. 55) |

O levantamento com morfemas intensificadores, os quais ocorrem em descritivos, mostra uma tendência de itens lexicais com semântica estativa sempre serem ambientes típicos desses clíticos. Comprova-se isso ao verificar os vinte e quatro descritivos acima terem o aspecto lexical estativo como *tũm* 'ser sujo' ou *wej* 'ser velho'. Além disso, nota-se a

ausência de descritivos ativos - *cakôc* 'falar' ou *hêj* 'mentir' - com esses morfemas intensificadores. Ou seja, nota-se uma relação entre a função dos morfemas intensificadores com o grupo de descritivos em que eles ocorrem (descritivos estativos).

É importante mencionar que os morfemas intensificadores também são uma das únicas propriedades exclusivas compartilhadas por descritivos e nomes. O inverso será mostrado a seguir: formas não finitas são típicas de verbos e ocorrem com poucos descritivos do tipo ativo (os quais estão dentro do grupo semântico de verbos que indicam atividades, ações com participantes mais agentivos).

- **Formas não finitas**

Uma propriedade presente, apenas na classe de verbos, é a variação entre formas denominadas na literatura Jê de formas finitas e não finitas ou formas curtas e longas. Na forma não finita, o verbo sofre alteração morfológica no fim de seu radical em contextos sem a presença de marcadores de TAM ou de auxiliarização verbal. Castro Alves (2004) identificou o uso da forma não finita nos alinhamentos ergativo-absolutivo e nominativo-absolutivo no Canela, assim como também em orações com noção temporal de passado.

As formas não finitas não são preponderantes no grupo de descritivos, quando se observa a maioria dos exemplos registrados dessa classe. Logo, deve-se notar que essa propriedade é restrita a apenas poucos exemplos e não uma característica geral da classe de descritivos.

Encontramos apenas dois descritivos (*cato/cator* 'chegar/sair' e *cuto/cutor* 'partir') com essa alternância gramatical, como pode ser observado abaixo:

Formas finitas	Formas não finitas
<p>(24). a. <i>quê ha ita kam cato</i> 3 IRR DEM POSP chegar 'Ele chegará hoje.' (Grupp, 2015, p. 1)</p>	<p>b. <i>i=cator</i> 1=chegar.NF 'Eu cheguei.' (idem, p. 202)</p>
<p>(25). a. <i>quê ha gĩ cuto</i> 3 IRR 2.carne ir.embora 'A sua carne vai embora.' (Grupp, 2015, p. 180)</p>	<p>b. <i>amxy cutor</i> vespas ir.embora.NF 'As vespas foram embora.' (idem, p. 54)</p>

Evidencia-se, portanto, a presença, embora restrita a pouquíssimos vocábulos, dessa propriedade verbal também na classe de descritivos.

Até o momento, vimos que propriedades morfológicas de nomes como os morfemas intensificadores estão presentes na classe de descritivos. Além disso, morfemas como clíticos pessoais e prefixos relacionais são presentes em nomes, verbos e descritivos. Por fim, verificamos que formas não finitas verbais ocorrem em descritivos de forma restrita.

A partir de agora, mostraremos propriedades compartilhadas de forma produtiva apenas entre verbos e descritivos. Iniciaremos pelos morfemas nominalizadores.

- **Morfemas nominalizadores**

Uma propriedade importante para a classificação de descritivos como uma classe verbal é a possibilidade do uso de morfemas nominalizadores. Ou seja, é possível derivar um nome a partir de um descritivo por meio de clíticos nominalizadores assim como se transformam verbos em nomes.

Castro Alves (2004, p. 53) descreve dois nominalizadores para a classe de verbos: =*catê* e =*xà*. O primeiro, segundo a autora, serve para nominalizar participantes agentivos (*hàpên=catê* 'trabalhador'), enquanto o segundo participantes não agentivos e locativos (*itêm=xà* 'a minha viagem').

No dicionário Canela, pudemos encontrar alguns descritivos que passam por esse processo morfológico derivacional, da mesma maneira que ocorre com verbos intransitivos e transitivos na língua:

- (26) a. *ih-kên=xà* *cunea pupun to=ipa*
 3-ser.ruim=NMLZ tudo ver.NF PV=viver
 ‘Ver a situação ruim dele.’ (Grupp, 2015, p. 116, adaptado)
- b. *wa* *i=te* *a=kên=xà* *pupun*
 1 1=ERG **2=ser.ruim=NMLZ** ver.NF
 ‘Eu vi o seu sofrimento.’ (Grupp, 2015, p. 116)

c. *ne ih=kaj na me pah=kên=xà ton*
 e 3=ser.errado SUB PL 1.INCL=ser.ruim=NMLZ fazer.NF

mã cu=te h=icu
 DAT 3=ERG 3=parar

ne to to i=nõ ne ih=hur
 e POSP POSP 3=deitar e 3=cancelar.NF

‘E nós todos cometemos pecados, mas ele os deixou,
 esqueceu e cancelou.’ (p. 114)

d. *jũ mã ri Capi cakôc=xà te*
 alguém POSP POSP Capi falar=NMLZ te
 ‘Sobre o que falou Capi.’ (Grupp, 2015, p. 149)

e. *ita cator=xà wỳr*
 DEM chegar.NF=NMLZ DIR
 ‘Antes deste tempo.’ (Grupp, 2015, p. 201)

f. *i=cator=xà wỳr capêtyc ma tễ*
 1=chegar.NF=NMLZ DIR Capêtyc POSP ir
 ‘Capêtyc foi embora logo antes do meu chegar (da minha chegada).’
 (Grupp, 2015, p. 201)

g. *pryti cator=xà j-ikaj=xà*
 gado chegar.NF=NMLZ esperar

ca ha tep krễ
 2 IRR peixe comer

‘Come peixe enquanto espera o boi chegar.’ (Grupp, 2015, p. 83)

- h. *pahpam pa=xà*
 Deus **viver=NMLZ**
 ‘Lugar onde Deus mora.’ (Grupp, 2015, p. 140)
- i. *i=pa=xà*
3=viver=NMLZ
 ‘Local de viver.’ (p. 140)
- j. *in=xy=xà*
3=divertir-se=NMLZ
 ‘Brincadeiras.’ (Grupp, 2015, p. 140)
- k. *mehĩ xy=xà*
 índio **divertir-se=NMLZ**
 ‘Festas, costumes, leis.’ (Grupp, 2015, p. 140)
- l. *Capêr na i=krihkrit=xà*
 Capêr POSP **1=ter.medo=NMLZ**
 ‘Eu tenho medo por Capêr (na sua situação perigosa).’ (Grupp, 2015, p. 121)

Nos exemplos acima, podemos visualizar o uso amplo do morfema =xà, em vários verbos descritivos (*krihkit* ‘ter medo’, *xy* ‘divertir-se’, *cator* ‘chegar’ e *kên* ‘ser ruim’), o que possibilita uma leitura nominal para os eventos denotados por esses verbos (o medo, a diversão, a chegada/partida e o mal).

O segundo morfema usado na nominalização da língua Canela (=catê) foi descrito por Castro Alves (2004) em contextos de nominalização agentiva como, por exemplo, *hâpên=catê* ‘trabalhador’ do verbo *âpên* ‘trabalhar’. No *corpus* de descritivos levantado a partir de dados do dicionário, encontramos ocorrências desse morfema nominalizador associado aos descritivos *kên* ‘ser ruim’ e *pahàmno* ‘ter.vergonha=neg’:

(27) a. *meh=krã* *kên=catê-jê* *ata-jê* *meh=kên*
 PL=cabeça ser.ruim=NMLZ-PL DEM-PL PL=ser.ruim

kam *cama* *ame* *amji* *to* *acto*
 LOC somente PL RFL POSP perder-se

‘Aqueles malfeitores estão se destruindo com suas malvadezas.’
 (Grupp, 2015, p. 23)

b. *cu=pê* *ih=pahàm=nõ=catê*
 3=GEN 3=ter.vergonha=NEG=NMLZ

‘Ele é um namorador (Lit: Ele é um sem vergonha).’ (Grupp, 2015, p. 124)

No exemplo acima, é possível notar o uso do morfema =*catê* para indicar a ideia de alguém que realiza coisas ruins a partir do descritivo *kên* ‘ser mal’. Urge mencionar também que, apesar de pouca ocorrência, encontramos descritivos ocorrendo com o morfema =*xi*, um nominalizador também usado para noção agentiva:

(28) a. *ih=cakôc* *kên=xi*
 3=falar ser.ruim=NMLZ
 ‘Pessoa falando mal.’ (Grupp, 2015, p. 117)

b. *mam* *ih=hêj=xi* *ata* *pra* *mã* *ih=kôt catyt*
 antes 3=mentir=NMLZ DEM andar SD 3-POSP direito

kam *ampeaj* *kam* *pra*
 POSP ser.bom POSP andar

‘Primeiro chega o mentiroso, mas depois vem a verdade.’
 (Grupp, 2015, p. 113)

Os exemplos encontrados no dicionário evidenciam o uso do morfema =*xi* como nominalização dos descritivos *hêj* ‘mentir’ e *kên* ‘ser ruim’ para dar as noções de pessoa ruim e pessoa mentirosa.

talvez 2 IRR no.final.das.contas ser.rico
 ‘Parece que você vai enriquecer, contrário às expectativas.’
 (Grupp, 2015, p. 13)

b. *quê* **ha** *cati*
 3 IRR ser.grande
 ‘Quando ele crescer (...).’ (Grupp, 2015, p. 96)

c. *quê* **ha** *ita=kam* *cato*
 3 IRR dem=LOC sair
 ‘Ele chegará hoje.’ (Grupp, 2015, p. 1)

d. *wa* **ha** *ikre* *pê* *i=cato*
 1 IRR casa POSP 1=sair
 ‘Eu vou sair da casa.’ (Grupp, 2015, p. 37)

e. *wa* **ha** *ampo to* *i=cuto*
 1 IRR coisas POSP 3=ir.embora
 ‘Eu vou partir com as coisas.’ (Grupp, 2015, p. 190)

f. *wa* **ha** *apu* *i=j-apactu*
 1 IRR PRG 1=PR-brincar
 ‘Eu vou brincar, contar piadas.’ (Grupp, 2015, p. 70)

g. *wa* **ha** *na-Bar* *mã* *i=kràr*
 1 IRR Barra DAT 1=desejar
 ‘Eu estou querendo ir para a Barra (pronto para ir).’ (Grupp, 2015, p. 121)

Verificamos nos exemplos acima como o aspecto irrealis é muito utilizado no Canela em orações formadas por um predicado descritivo para indicar ações futuras. Desse modo, predicados intransitivos como *i-cati* 'eu sou grande' podem ocorrer com a partícula *ha* para indicar incerteza: *quê ha cati* 'quando ele crescer...?'.
 ...

Além do modo *irrealis*, Castro Alves (2009) descreve outras formas de expressar modalidade no Canela. A autora mostrou que palavras funcionais ocorrem no fim da oração expressando categorias de modalidade. Isto é, alguns verbos descritivos (*kên* 'ser ruim', *mpej* 'ser bom', *crire* 'ser pouco' e *hàhtô* 'ser muito') ocorrem modificando outra oração verbal para indicar uma situação avaliativa como nos exemplos abaixo:

- (31) *i=ncrer=catê* *i=ncrer* ***mpej***
 3=cantar=NMLZ 3=cantar **ser.bom**
 ‘O cantador canta bem.’ (Castro Alves, 2009, p. 12)

Do dicionário Canela, separamos exemplos de descritivos modificando orações conforme foi descrito por Castro Alves. É importante verificar abaixo que tanto podemos ter descritivos modificando descritivos (32a, 32f e 32g), como descritivos modificando outros verbos (32b, 32c, 32d e 32e):

- (32) a. *ih=cakôc* ***kên***
 3=falar **ser.ruim**
 ‘Falar mal.’ (Grupp, 2015, p. 106)
- b. *hapackre* ***kên***
 aprender **ser.ruim**
 ‘Aprender devagar.’ (Grupp, 2015, p. 70)
- c. *wa* *i=j-ôť* *ne* *i=te* *i=pĩmtir* ***kêan=re***
 1 1=PR-dormir.NF e 1=ERG 1=sonhar.NF **ser.ruim=DIM**
- ne* *i=j-ôť* *nare* *na* *apě*
 e 1=PR-dormir.NF NEG POSP manhã
- ‘Eu dormi e sonhei ruim e não dormi bem até de manhã.’ (Grupp, 2015, p. 26)
- d. *ih=cakôc* ***pĩhho***
 3=falar **ser.diferente**
 ‘Falar diferente.’ (Grupp, 2015, p. 106)

- e. *hõxy* *cati*
 ser.avarento **ser.grande**

‘Pessoa avarenta que não dá para os vizinhos.’ (Grupp, 2015, p. 92)

Os cinco exemplos acima possuem descritivos (*kên* ‘ser ruim’, *pihho* ‘ser diferente’ e *cati* ‘ser grande’), em posição final, modificando uma oração constituída por outro verbo. Esses exemplos possuem estrutura similar à descrita por Castro Alves (2009) para descritivos atuando como partículas de modo, haja vista que funcionalmente elas dão uma posição avaliativa em relação ao evento. É importante dizer que estruturalmente temos descritivos na posição de modificador de um verbo, uma característica importante de seu comportamento sintático.

Dentro das possibilidades de modo no Canela, Castro Alves (2009) também indica que a polaridade (afirmação/negação) é formada na língua por processo gramaticalmente paralelo à modalidade avaliativa. A autora demonstra nesse artigo que o morfema *nare* (negação) foi gramaticalizado como auxiliar verbal advindo de um antigo verbo em línguas Jê Setentrionais *inore* ‘acabar’. Cabe mencionar que ela elucida percurso diacrônico comum em formação de negação em diversas línguas do mundo. Exemplificamos a seguir como se dá a negação no Canela:

- (33) *ca* *ha* *a=wryk* ***nare***
 2 IRR 2=descer NEG
 ‘Você não vai descer.’ (Castro Alves, 2009, p. 14)

No exemplo acima, temos a forma básica para a negação no Canela: o morfema *nare* é usado em posição final com o verbo principal usado com sua forma não finita. Abaixo separamos dois exemplos de orações com descritivos com o auxiliar negativo:

- (34) a. *nee* *i=kam* *a=cryc* ***nare***
 NEG 3=LOC 2=ser.zangado NEG
 ‘Me perdoe! não fique zangado comigo.’ (Grupp, 2015, p. 135)
- b. *cu=te* *intête* *me* *cu=mãn* *quê* *apu* *i=to* *ih=kên* ***nare***
 3=ERG fora PL 3=POSP 3 PRG 1=POSP 3=ser.ruim NEG
 ‘Ele os ordenou (fora dele) que não fizessem mal para mim.’ (idem, p. 136)

Awera e Korasnowkhova (2022) citam, em estudo tipológico, sobre línguas Jê como a negação no Canela é fruto de processos gramaticalização de verbos com sentidos específicos como ‘acabar’, ‘finalizar’, ‘terminar’, em que o morfema gramatical atual (*nare*) continua sofrendo mudanças estruturais evoluindo para formas abreviadas como ‘*na*’.

No que diz respeito à possibilidade de descritivos serem usados como operadores modais, é importante dizer que encontramos os descritivos *tỳj* ‘ser forte’ e *hêj* ‘mentir’ sendo utilizados para modificar orações com dois sentidos: certeza e incerteza. Nos exemplos a seguir, temos o descritivo *tỳj* ‘ser forte’ indicando certeza para eventos como ganhar (*awajarê*), mostrar (*hahkre*), trabalhar (*apê*) e ir (*tê*):

(35) a. *wa ih=tỳj me a=na ahprã*
 1 **3=ser.forte** PL 2=POSP vangloriar
ne me awajarê
 e PL ganhar
 ‘Eu vou ganhar com certeza de todos vocês.’ (Grupp, 2015, p. 5)

b. *ca ha a=tỳj to hahkre*
 2 IRR **2=ser.forte** POSP mostrar
 ‘Você tem que estudar bem/mesmo.’ (idem, p. 190)

c. *wa ha i=tỳj amji kam apê*
 1 IRR **1=ser.forte** RFL LOC trabalhar
 ‘Com certeza vou me esforçar para trabalhar.’ (idem, p. 17)

d. *wa ha i=tỳj Nabar mã tẽ*
 1 IRR **3=ser.forte** Barra DAT ir
 ‘Com certeza eu vou para a Barra.’ (idem, p. 130)

e. *wa ha i=pê inxũa pyrãac ne i=tỳj cu=mã apê*
 1 IRR 1=GEN pai ser.similar e **3=ser.forte** 3=DAT trabalhar
 ‘Eu serei igual ao meu pai e certamente trabalharei para ele.’ (idem, p. 50)

Nos próximos exemplos, temos a função oposta. O descritivo *hêj* 'mentir' é utilizado para dar a noção de incerteza para os eventos cair (*pòm*) e orações complexas a presente em (36c):

- (36) a. *wa ih=hêaj to i=pòm*
 1 3=mentir POSP 3=cair
 'Parece que eu vou cair.' (Grupp, 2015, p. 112)
- b. *inxũ quê ih=hêaj to cu=pê Pahpãm kra*
 pai 3 3=mentir POSP 3=POSP Deus filho
 'Mas pai, ele poderia ser mesmo filho de Deus.' (Grupp, 2015, p. 112)
- c. *ca ih=hêaj ne a=te Jeju caca=xà ita cryc*
 2 3=mentir e 2=ERG Jesus pensar=NMLZ DEM ser.zangado
- me pan=caca=xà j=icu*
 PL 1.INCL=pensar=NMLZ PR=parar
- 'Você parece estar acompanhando agora Jesus e esquecendo nossa cultura.'
 (Grupp, 2015, p. 43)

Uma última categoria de modo ainda não citada é o modo imperativo. Nos trabalhos anteriores sobre o Canela, vemos a possibilidade de se formular uma noção de ordem por meio do uso do verbo intransitivo em sua forma finita sem prefixo pessoal, como nos exemplos abaixo de Castro Alves:

- (37) a. *gõr*
 dormir
 'Durma!' (PDN)
- b. *apà*
 apà
 'Coma!' (PDN)

Lira (2011) realizou um estudo aprofundado sobre as distinções sintáticas entre orações imperativas e proibitivas em algumas línguas Jê. Para o Canela, o autor mostra como a construção imperativa varia de acordo com a transitividade. Nesse sentido, os intransitivos

não apresentam prefixo pessoal nesse modo, ao passo que os intransitivos ocorrem na construção com um sintagma nominal ou prefixo pessoal (Lira, 2011, p. 102).

Com a pesquisa sobre as orações formadas por predicados descritivos no dicionário Canela, encontramos dois exemplos de uso do modo imperativo. Nesses exemplos, dispostos a seguir, analisamos, além do uso de verbo para indicar uma ordem, a presença da marca de pessoa com os clíticos pessoais obrigatórios em descritivos:

- (38) a. *a=carĩc*
2=ficar.em.silêncio
‘Quietos! calar a boca!’
(Grupp, 2015, p. 108)
- b. *a=cato*
2=sair
‘Saia!’
(Grupp, 2015, p. 37)

Em resumo, os descritivos aparecem com várias categorias de modo e modalidade como, por exemplo, o modo *irrealis* e imperativo, a modalidade avaliativa, a polaridade, bem como podem funcionar como operadores de modalidade. No próximo tópico, veremos as categorias aspectuais em orações descritivas.

- **O aspecto verbal**

Castro Alves (2009, p. 6) identifica a possibilidade da categoria de aspecto por meio de auxiliares e outros operadores no fim de orações. Assim sendo, as noções aspectuais como, por exemplo, a progressividade, a continuidade, a terminação, a ingressão, a completude são codificadas gramaticalmente por meio de auxiliares verbais geralmente no fim da sentença. Alguns exemplos da língua coletados e analisados pela autora mostram essa estrutura gramatical:

- (39) a. *cu=te ih=krẽn par*
3=ERG 3=comer.NF **tudo**
‘Ele comeu tudo.’ (Castro Alves, 2009, p. 11)
- b. *pah=prõ apu h=ãmĩr to=ih=krã=cura*
1.INCL=esposa PRG 3=moquear **POSP=3=cabeça=matar**
‘Nossas esposas estão moqueando completamente alguma carne.’ (idem)
- c. *hũmre ih=cakôc to=mõ*
homem 3=falar **PV=ir**

‘O homem vai falando.’ (idem, p. 8)

d. *wa* ***apu*** *apà*
 1 PRG comer

‘Eu estou comendo.’ (idem, p. 6)

Vemos nos exemplos descritos por Castro Alves, em seu artigo x, a manifestação dos aspectos completivo (39a, 39b) e progressivo (39c, 39d). A autora sistematizou várias ocorrências desses auxiliares aspectuais na quadro a seguir:

Quadro 8: Auxiliares aspectuais do Canela

Aspectos imperfectivos		Aspectos perfectivos
Progressivo	Iterativo	Terminativo
<i>apu</i>	<i>pyxit</i>	<i>to=hamre</i>
<i>to=mõ</i>	<i>aj/pi-akrut</i>	<i>to=hipej</i>
<i>to=tẽ</i>	<i>ncre</i>	<i>to=hicu</i>
	<i>to=hàhto</i>	
Continuativo	Ingressivo	Completivo
<i>ncrà</i>	<i>kam=to=tẽ</i>	<i>par</i>
		<i>ih=krã=cura</i>

fonte: Castro Alves, 2009.

A expressão de progressividade pode ser expressa na língua por meio da partícula *apu* e de auxiliares verbais com marcados por *to* (*to=mõ*, *to=tẽ*). Nos exemplos compilados do dicionário Canela, encontramos várias orações com descritivos no aspecto progressivo marcado pela partícula *apu*:

(40) a. ***apu*** *i=cakôc*
 PRG 1=falar
 ‘Estou falando.’ (Grupp, 2015, p. 27)

- b. *apu amji cutor*
 PRG RFL ir.NF
 ‘Andando para esquecer.’ (Grupp, 2015, p. 54)
- c. *wa apu i=j-ôpajpaj*
 1 PRG 1=PR-vomitar
 ‘Eu quero vomitar (Lit: eu estou vomitando).’ (Grupp, 2015, p. 91)
- d. *hũmre ita apu ih=kên*
 homem DEM PRG 3=ser.ruim
 ‘Este homem está devagar.’ (Grupp, 2015, p. 27)
- e. *xà ca ha caxwa ita*
 INTERR 2 IRR noite DEM

kam apu a=pahàm=nõ
 POSP PRG 2=ter.vergonha=NEG
 ‘Você vai namorar hoje a noite?
 (Lit: você não vai ter vergonha hoje a noite).’ (Grupp, 2015, p. 124)
- f. *i=xô=re wa apu i=pa*
 1=ter.fome=DIM 1 PRG 1=viver
 ‘Eu estou vivendo com fome.’ (idem, p. 139)
- g. *apu i=pa*
 PRG 3=viver
 ‘Vivendo.’ (idem, p. 140)
- h. *wa apu krênre to pên to=i=pa*
 1 PRG pássaro POSP perseguir PV=1=viver
 ‘Eu estou indo perseguindo perequitos.’ (idem, p. 197)

Outra forma de expressar o aspecto progressivo no Canela é por meio de um auxiliar verbal formado pela posposição *to* mais um verbo monovalente (*mõ* ‘ir’, *tẽ* ‘ir’). Castro Alves (2018) dissertou sobre as propriedades gramaticais da construção em que um verbo não finito forma uma oração em que se insere o pré-verbo *to* junto com um verbo de movimento como

o *mõ*, conforme ilustra o exemplo abaixo:

- (41) *cormã i=pikãn to=mõ*
 ainda 3=derreter.NF PV=ir
 ‘Ainda está derretendo (a manteiga).’ (Castro Alves, 2018, p. 2)

O exemplo acima mostra uma oração com o aspecto progressivo gerado pela combinação do pré-verbo com o verbo de movimento *mõ* ‘ir’. No dicionário Canela, encontramos diversas orações com descritivos em orações com aspecto progressivo como listado a seguir:

- (42). a. *cajê to=mõ*
 ser.fosco PV=ir
 ‘Ficar fosco (Lit: ficando fosco).’ (Grupp, 2015, p. 32)
- b. *ih=jôc to=mõ*
 3=ser.velho PV=ir
 ‘Envelhecendo.’ (Grupp, 2015, p. 84)
- c. *ramã ih=tyc to=mõ*
 já 3=ser.morto POSP=ir
 ‘Ele está morrendo.’ (Grupp, 2015, p. 129)
- d. *cu=te me to ih=wên to=mõ*
 3=ERG PL POSP 3=rarear PV=ir
 ‘Estão rareando.’ (Grupp, 2015, p. 130)
- e. *i=krare ih=tu kam cati to=mõ*
 1=criança 3=barriga LOC ser.grande PV=ir

ne ih=tu jũ na i=pahàm
 e 3=barriga POSP POSP 1=ter.vergonha

‘Minha criança engravidou (anda com barriga grande) e por causa da barriga dela estou com vergonha. (a filha engravidou sem ser casada).’

(Grupp, 2015, p. 129)

- f. *ne cagã tàkam=ry` cator to=mõ*
e cobra pouco.a.pouco sair.NF **pv=ir**
'E a cobra saiu (fora do rio) devagar/ pouco a pouco.'
(Grupp, 2015, p. 184)

Vemos, nos exemplos listados acima, que o aspecto progressivo é bem produtivo em orações descritivas tanto com o morfema *apu*, como com o auxiliar formado pelo pré-verbo *to* e o verbo de movimento *mõ* 'ir'.

É importante dizer ainda que a formação de auxiliares aspectuais em posição final junto com o pré-verbo, como com os verbos de movimento *mõ* 'ir' e *tẽ* 'ir', pode ocorrer também a partir de descritivos. Um exemplo disso é o auxiliar *to=ipa* como nas orações compiladas do dicionário Canela a seguir:

- (43) a. *prejaka tehti na into=xar to=i=pa*
Prejaka Tehti POSP 3=olho=morder **pv=3=viver**
'O Prejaka vive mantendo Tehti para si.' (Grupp, 2015, p. 6)
- b. *capi ahna apu me aràn to=i=pa*
Capi LOC PRG PL ajudar.completar.trabalho **pv=3=viver**
'Capi anda ajudando-lhes a completar o trabalho.' (Grupp, 2015, p. 6)
- c. *hũmre ita ih=kra krã kên*
homem DEM 3=filho cabeça ser.ruim
to h=àpên to=i=pa
POSP 3=trabalhar.NF **pv=3=viver**
'O homem vive castigando o seu filho ruim.' (Grupp, 2015, p. 191)
- d. *me a=to apa to=i=pa*
PL 2=POSP ouvir **pv=3=viver**
'Ele vive com saudade de você.' (Grupp, 2015, p. 191)
- e. *rop tyc=ti apu carõrõ to=i=pa*
cão ser.preto=AUM PRG farejar **pv=3=viver**

‘A onça preta está andando, farejando e bufando.’ (Grupp, 2015, p. 35)

f. *wa* *apu* *me* *a=mã* *hakam* ***to=i=pa***
1 PRG PL 2=DAT animar **PV=3=viver**

‘Ando sempre te animando.’ (Grupp, 2015, p. 46)

Os exemplos mostram o auxiliar *to=ipa*, o qual gera uma significação de habitualidade para as orações acima. Importa dizer, então, que o aspecto pode se dar em orações descritivas e que descritivos também podem formar auxiliares aspectuais no Canela. No próximo tópico, iremos resumir todas as propriedades gramaticais dos descritivos antes de seguir com o outro grupo de verbos monovalentes: os intransitivos.

• Resumo das propriedades gramaticais dos descritivos

Nos tópicos acima, listamos exemplos de descritivos separados por propriedade gramatical da classe. O nosso objetivo, com isso, foi verificar a manifestação dessas propriedades já descritas em trabalhos anteriores em um número maior de exemplos extraídos do dicionário Canela (Grupp, 2015), a fim de entender melhor como elas perpassam os itens lexicais desse tipo de verbo.

Na morfologia, deparamos-nos com exemplos, conforme esperávamos, de verbos descritivos com os seguintes morfemas: clíticos pessoais para a expressão de pessoa, prefixos relacionais e clíticos intensificadores:

	Clítico pessoal		Prefixo relacional	Clítico intensificador
(44)	a.	<i>h=</i> <i>aka</i> ‘ <i>ser.branco</i> ’	b.	<i>j=</i> <i>aka</i> <i>=re</i> ‘ <i>ser.branco</i> ’
		(Grupp, 2014, p. 200)		(Grupp, 2015, p. 85)

Faz-se mister ressaltar que, dos três morfemas supracitados, os intensificadores, os quais são típicos em nomes na língua, foram encontrados só em descritivos com aspecto lexical estativo. Quanto a outras características morfológicas, descritivos podem passar por mudanças morfológicas para formas nominais como, por exemplo, podem ter o acréscimo de morfemas nominalizadores e ter, mesmo que em pouquíssimos exemplos, forma não finita:

	Clíticos nominalizadores	Forma não finita
(45)	a. <i>kên</i> ‘ser.ruim’ / <i>kên=xà</i> ‘sofrimento’ <i>kên</i> ‘ser.ruim’ / <i>kên=xi</i> ‘malvado’ <i>kên</i> ‘ser.ruim’ / <i>kên=catêjê</i> ‘os malvados’	b. <i>cato/cator</i> ‘chegar/sair’ <i>cuto/cutor</i> ‘partir’

Sobre a possibilidade do acréscimo de morfemas nominalizadores, cabe dizer que os clíticos nominalizadores perpassam a classe de descritivos como um todo, haja vista que temos nominalizadores nos mais variados itens lexicais da classe. A forma não finita, por outro lado, ocorre apenas com raros itens lexicais e, peculiarmente, em dois itens encontrados que indicam movimento: *cato(r)* ‘chegar/sair’ e *cuto(r)* ‘partir’.

Na sintaxe da língua, os descritivos ocupam posições variadas. Isto é, podemos encontrar descritivos como núcleo de predicado, como modificador de nomes, modificador de verbo, formando auxiliares verbais:

	Núcleo de predicado
(46)	a. <i>cupê=kà</i> <i>prêc</i> pano ser.velho ‘O pano é velho.’ (Grupp, 2015, p. 126)

	Modificador de nomes
b.	<i>wa</i> <i>Jôjô</i> <i>me</i> <i>i=te</i> <i>pĩ</i> <i>pỹ=ti</i> 1 Jôjô PL 3=ERG madeira ser.pesado=AUM <i>na</i> <i>me</i> <i>i=j=àhwỳ</i> <i>ne</i> <i>me</i> <i>to</i> <i>cator</i> POSP PL 3=PR=carregar e PL POSP chegar.NF ‘Jôjô e eu carregamos cambaleando a madeira pesada e chegamos.’ (Grupp, 2015, p. 4)

Modificador de verbos

- c. *h=apackre kên*
3=aprender **ser.ruim**
'Aprender devagar.' (Grupp, 2015, p. 70)

Auxiliar verbal

- d. *wa apu me a=mã hakam to=i=pa*
1 PRG PL 2=DAT animar **pv=1=viver**
'Ando sempre te animando.' (Grupp, 2015, p. 46)

Ainda sobre os contextos de distribuição de verbos descritivos, encontramos, no dicionário Canela, exemplos de descritivos em construção comparativa formada pela posposição *jirôapê* 'mais que':

- (47) a. *i=caca=xà i=cukrêj j-irôapê cati*
1=respirar=NMLZ 1=posses **PR-mais.que ser.grande**
'Minha vida vale mais que meus bens.' (Grupp, 2015, p. 36)

- b. *wa i=pej=ti na i=pa kam*
1 1=ser.bom=AUM SUB 1=viver LOC

i=jô pore j-irôapê i=cati
1=GEN dinheiro **PR-mais.que 3=ser.grande**

'Viver com saúde é mais importante do que o dinheiro.' (Grupp, 2015, p. 36)

- c. *hũmre cawrô j-irôape cati*
homem cavalo **PR-mais.que ser.grande**

'Um homem é mais valioso que um cavalo.' (Grupp, 2015, p. 36)

- d. *hũmre cati cawrô j-irôapê*
homem **ser.grande** cavalo **PR-mais.que**

'Um homem é mais valioso que um cavalo.' (Grupp, 2015, p. 36)

- e. *g=irôpê i=pej*
2=mais.que 1=ser.bom
 ‘Eu sou melhor do que você.’ (Grupp, 2015, p. 86)

- f. *wapo ita wapo ata j-irôpê wapej*
 faca DEM faca DEM **PR-mais.que ser.agudo**
 ‘Esta faca é mais aguda que aquela faca.’ (Grupp, 2015, p. 86)

Os contextos sintáticos, em que se encontram os descritivos, portanto, são variados. Eles funcionam como predicados como as classes de verbos e nomes, modificam nomes como os verbos e nomes, formam auxiliares verbais como outros verbos e têm a peculiaridade de modificarem verbos e formarem estruturas comparativas. Sobre o último contexto sintático, encontramos no dicionário apenas descritivos estativos nessas estruturas de comparação.

Haja vista a morfologia comum das classes de palavras na língua e a variabilidade sintática, os estudos sobre o Canela classificam os descritivos como verbos por propriedades verbais como o Tempo, Aspecto e Modo (TAM) e mecanismos de mudança de valência.

Mencionamos nos tópicos anteriores que as orações com verbos descritivos podem conter várias categorias de aspecto, modo e modalidade. Ilustramos mais uma vez como os descritivos manifestam essas categorias:

Aspecto progressivo

- (48). a. *apu i=pa* b. *ih=jôc to=mõ*
 PRG 3=viver 3=ser.velho PV=ir
 ‘Vivendo.’ (Grupp, 2014, p. 140) ‘Envelhecendo.’ (idem, p. 84)

Modo irrealis/imperativo

- (49). a. *quê ha cati* b. *a=cato*
 3 IRR ser.grande 2=sair
 ‘Quando ele crescer (...).’ ‘Saia!’
 (Grupp, 2015, p. 96) (idem, p. 37)

Modalidade

- (50). a. *h=õxy`* *cati*
 3=ser.avarento **ser.grande**
 ‘Pessoa avarenta que não dá para os vizinhos.’ (Grupp, 2015, p. 92)

Ao longo do dicionário, foi possível também encontrar, além das categorias exemplificadas acima, descritivos com morfemas que indicam aspecto para a oração como as formadas com os morfemas *ramã* ‘já’ e *cormã* ‘ainda’:

- (51) a. **ramã** *ih=wên=re*
 já 3-ser.pouco=DIM
 ‘Já são poucos, espalhados.’ (Grupp, 2015, p. 130)

- b. **ramã** *i=tic*
 já 1-ser.grávida
 ‘Já estou grávida.’ (Grupp, 2015, p. 117)

- c. **ramã** *ih=tyc* *to=mõ*
 já 3-ser.morto POSP=ir
 ‘Ele está morrendo (Lit: Ele já vai morrer).’ (Grupp, 2015, p. 129)

- d. **ramã** *pry=ti* *ata* *wên=re*
 já gado=AUM DEM ser.pouco=DIM
 ‘Tem pouco gado.’ (Grupp, 2015, p. 130)

- e. **cormã** *ih=cunĩ* *na* *i=pa*
 ainda 3=ser.puro SUB 3=viver
 ‘Ainda virgem.’ (p. 111)

- f. ca ha nee **cormã** ne me a=caràr nare
 2 IRR NEG **ainda** e PL 2=gritar NEG

wa ha pa me a=caràr ne me a=mê
 1 IRR primeiro PL 2=gritar e PL 2=lançar

ca ha **cormã** a=me=caràr
 2 IRR **ainda** 2=PL=gritar

‘Não gritem ainda; primeiro vou dar ordem e depois vocês vão gritar.’ (P. 41)

Tendo em vista as considerações realizadas até o momento, podemos atualizar nosso quadro comparativo de nomes, verbos e descritivos, com mais informações obtidas por meio da pesquisa, em cima dos dados do dicionário Canela:

Quadro 9: Nova comparação entre nomes, descritivos e verbos

		Nomes	Descritivos	Verbos
Estrutura morfológica				
Clítico pessoal		X	X	X
Prefixo relacional		X	X	X
Clíticos intensificadores		X	X	-
Forma não finita		-	X (Restrito)	X
Clíticos nominalizadores		-	X	X
Propriedades sintáticas				
Aspecto	Progressivo <i>apu</i>	-	X	X
	Progressivo <i>to=mõ</i>	-	X	X
Modo	Imperativo	-	X	X
	<i>Irrealis</i>	-	X	X
Modalidade		-	X	X
Causativização		-	X	X
Comportamento sintático				
Núcleo de predicado		X	X	X
Modificador de nomes		X	X	X

Modificador de verbos	-	X	-
Auxiliar verbal	-	X	X
Estrutura comparativa	-	X	-

O quadro 4 sumariza de que forma os descritivos partilham características verbais. Ademais, ele mostra características comportamentais próprias da classe como comportamentos sintáticos próprios, o que nos esclarece para o fato de que ela constitui um tipo específico de verbos monovalentes. No próximo tópico, iremos explorar as particularidades léxico-semânticas dessa classe.

2.1.1.2. Relação entre aspecto lexical e propriedades gramaticais

O assunto que vamos trabalhar, nesse tópico, é a relação entre aspecto lexical (*Aktionsart*) dentro da classe de descritivos e as propriedades gramaticais da classe. Isto é, testaremos a partir dos exemplos compilados se é possível relacionar o sentido inerente de um grupo de verbos com o seu comportamento gramatical. Essa possível relação constitui uma investigação importante, nos estudos funcionais da estrutura gramatical, bem como uma pesquisa importante também nos estudos gramaticais sobre a língua Canela.

É importante mencionar que a classe de descritivos no Canela forma uma cisão do tipo Intransitividade Cindida, a qual configura o alinhamento morfossintático padrão da estrutura gramatical da língua. Estudos tipológicos sobre o alinhamento evidenciam como em muitas línguas propriedades gramaticais podem distinguir grupos de verbos intransitivos. Geralmente, importante citar a referenciação pronominal mostra essa cisão dentro dos intransitivos.

Além da distinção gramatical, estudos de tipólogos como Dryer (2007, p. 263) apontam a existência de uma correlação entre semântica e gramática, haja vista que a diferenciação na classe de monovalentes pode ocorrer entre verbos que são mais ativos ou menos ativos (língua Hunzib - família Caucasiana); ou verbos com um participante mais agente ou mais paciente (Bukiyip - família Torricelli); ou ainda verbos mais volitivos ou menos volitivos (Choctaw - Família Muscoguiana). Embora haja evidências para a relação entre função e forma quando o assunto é a intransitividade cindida, o autor alerta que nem sempre é predizível essa relação e, em muitos casos, a distinção é mais lexical do que guiada semanticamente.

Nos estudos sobre a língua Canela, Barros & Castro Alves (2021) registraram uma pesquisa sobre a relação entre traços semânticos e a cisão da classe de monovalentes na gramática do Canela. Com um *corpus* de 316 verbos monovalentes, 180 descritivos e 136 intransitivos, os autores realizaram a comparação de traços semânticos entre os dois grupos. Ou seja, os autores compara verbos descritivos e intransitivos que apresentam traços como [evento], [performance] e [controle] a fim de verificar a existência de um cisão guiada por *Aktionsart*, agentividade ou volitude como em muitas línguas do mundo. No quadro a seguir, damos exemplos de verbos que apresentam os traços citados:

Quadro 10 - Traços semânticos e verbos monovalentes

Conjunto de traços semânticos	Descritivos	Intransitivos
Grupo 1 [+ evento, + performance, + controle]	<i>cakôc</i> ‘falar.’ <i>hêj</i> ‘mentir.’ <i>harĩhrĩ</i> ‘pular.’	<i>amti/pĩmtir</i> ‘sonhar.’ <i>acxa/ipixar</i> ‘sorrir.’ <i>acto/pictor</i> ‘perder-se.’
Grupo 2 [- evento, - performance, - controle]	<i>hakare</i> ‘ser branco.’ <i>cajõc</i> ‘ser curvado.’ <i>caprêc</i> ‘ser vermelho.’	<i>ajpã/ikipã</i> ‘bêbado.’ <i>aptõ/hãptõ</i> ‘preocupar-se.’ <i>ajcagã/ipicagã</i> ‘despedaçado.’

Fonte: Barros & Castro Alves (2021, adaptado)

Os autores, que realizaram o estudo comparativo, contabilizaram as ocorrências de verbos das duas classes de monovalentes (descritivos e intransitivos) em seis conjuntos de traços que resumimos no quadro abaixo em dois conjuntos maiores:

Tabela 1 - Comparação numérica entre conjuntos de traços e classes de intransitivos

Conjunto de traços semânticos	Descritivos	Intransitivos
[+ evento, + performance, + controle]	55 (30,4%)	116 (87,77%)
[- evento, - performance, - controle]	125 (69,36%)	16 (12,13%)

Fonte: Barros & Castro Alves (2021, adaptado)

A comparação numérica entre as classes de monovalentes no Canela mostrou uma forte tendência, apesar de não universal, em verbos do tipo intransitivo (Sa) serem verbos com os traços [+ evento, + performance e + controle], ao passo que os verbos do tipo descritivo (So) serem verbos com os traços [- evento, - performance e - controle].

Tendo em vista que a classe de descritivos é composta por sua maioria de verbos com os traços [- evento, - performance e - controle] e uma minoria com traços opostos, iniciamos uma pesquisa dentro da classe de descritivos a fim de descobrir se as propriedades gramaticais seriam também guiadas de acordo com essa diferenciação. Assim, haveria grupos de descritivos com comportamento gramatical específico devido seu aspecto lexical? Para responder essa pergunta, porquanto, separamos de forma comparativa descritivos com conjunto de traços mais ativos e menos ativos por propriedade gramatical.

Começamos pela morfologia, em que identificamos três morfemas importantes: clítico pessoal, prefixo relacional e clíticos intensificadores. A propriedade de ter a pessoa referenciada por clíticos pessoais é uma propriedade geral de toda a classe, por isso não há a necessidade de verificar se ela ocorre em todos os descritivos. No quadro a seguir, separamos os descritivos que encontramos com o prefixo relacional e com clíticos intensificadores em comparação com traços semânticos:

**Quadro 11: Conjunto de traços de propriedades
morfológicas dos descritivos**

Propriedade Gramatical	Grupo 1 [+ evento, + performance, + controle]	Grupo 2 [- evento, - performance, - controle]	
Prefixo Relacional	<i>apactu</i> 'brincar'	<i>j-apêj</i> 'ser fino.' <i>j-atuj=re</i> 'ser curto.' <i>j-aka</i> 'ser branco.' <i>j-àhtôa</i> 'ser muito.' <i>j-ôxy</i> 'ser avarento.' <i>j-amreare</i> 'ser inocente.'	<i>j-apjê-ti</i> 'ser alto.' <i>j-àhcajrên</i> 'ser generoso.' <i>j-apêj</i> 'ser fino.' <i>j-irôa=re</i> 'ser fraco.' <i>j-ũjapê</i> 'ser ciumento.'
Clíticos Intensificadores	-	<i>apjê=ti</i> 'ser alto.' <i>cacry=re</i> 'ser morno.' <i>cati=ti</i> 'ser grande.' <i>cunĩh=ti</i> 'estar em choque.' <i>cutac=ti</i> 'ser ligeiro.' <i>irôat=re</i> 'ser fraco.' <i>amrea=re</i> 'ser inocente.' <i>mpej=ti</i> 'ser bom.' <i>recri=re</i> 'ser macio.' <i>tũm=ti</i> 'ser sujo.' <i>tyc=re</i> 'ser preto.' <i>xyc=re</i> 'ser impuro.'	<i>atuj=re</i> 'ser curto.' <i>carã=re</i> 'ser claro.' <i>cri=re</i> 'ser pequeno.' <i>curuj=re</i> 'ser morno.' <i>aka=re</i> 'ser branco.' <i>hy=re</i> 'ter dor.' <i>kên=re</i> 'ser mal' <i>peac=re</i> 'ser fraco.' <i>tep=ti</i> 'ser vermelho.' <i>wej=ti</i> 'ser velho.' <i>tỳj=ti</i> 'ser forte.' <i>xy=ti</i> 'ser amargo.'

No quadro acima, podemos notar que os descritivos com o grupo de traços semânticos 2 (- evento, - performance e - controle) constituem a maioria do grupo de verbos com prefixos relacionais, bem como são os únicos presentes em ocorrências dos clíticos intensificadores. No que se refere aos prefixos relacionais, não há um número suficiente de testes para verificar essa correspondência semântica. No caso dos clíticos intensificadores, todavia, vê-se que a função de intensificar, por meio dos graus diminutivo e aumentativo, ocorre em verbos com um aspecto mais estativo dos descritivos. Apresentaremos agora a ocorrência de formas nominais em descritivos de acordo em comparação com esses dois grandes grupos de traços semânticos:

**Quadro 12: Conjunto de traços de propriedades
morfológicas derivacionais dos descritivos**

Propriedade gramatical		Grupo 1 [+ evento, + performance, + controle]	Grupo 2 [- evento, - performance, - controle]
Forma não finita		<i>cato/cator</i> 'sair.' <i>cuto/cutor</i> 'partir.'	-
Nominalização	clítico =xà	<i>cakôc=xà</i> 'a língua.' <i>cator=xà</i> 'a chegada'.	<i>kên=xà</i> 'o sofrimento.' <i>krihkrit=xà</i> 'o medo.' <i>pa=xà</i> 'local de viver.' <i>xy=xà</i> 'a diversão.'
	clítico =xi	<i>hêj=xi</i> 'o mentiroso.'	<i>kên=xi</i> 'o malvado.'

O quadro acima apresenta as ocorrências de formas nominais e clíticos nominalizadores em descritivos do grupo de traços semânticos 1 e 2. É perceptível não haver diferença no que se refere ao aspecto lexical para o uso de clíticos nominalizadores na classe. Logo, as poucas ocorrências de verbos descritivos com uma contraparte não finita se deram com verbos de movimento, os quais apresentam traços semânticos do grupo 1. Enfim, no próximo quadro, faremos a mesma análise com outras propriedades distributivas:

Quadro 13: Conjunto de traços de propriedades distributivas dos descritivos

Propriedade Gramatical		Grupo 1 [+ evento, + performance, + controle]	Grupo 2 [- evento, - performance, - controle]
Modo	<i>Irrealis</i>	<i>cato</i> ‘sair.’ <i>cuto</i> ‘partir.’ <i>apactu</i> ‘brincar.’ <i>kràr</i> ‘desejar.’	<i>ajkràj</i> ‘ser rico.’ <i>cati</i> ‘ser grande.’ <i>hà</i> ‘doer.’
	Imperativo	<i>cato(r)</i> ‘sair.’	<i>carĩc</i> ‘ficar em silêncio.’
Aspecto Progressivo	Auxiliar <i>apu</i>	<i>cakôc</i> ‘falar.’ <i>cuto</i> ‘partir.’	<i>kên</i> ‘ser ruim.’
	Auxiliar <i>to=mõ</i>	<i>cator</i> ‘chegar/sair.’	<i>cajê</i> ‘ser fosco.’ <i>jôc</i> ‘ser velho.’ <i>tyc</i> ‘ser morto.’ <i>wên</i> ‘rarear.’

Notamos, ao analisar o quadro 13, que as categorias de modo e aspecto perpassam a classe de descritivos como um todo, ou seja, ocorrem tanto em orações com predicados descritivos do grupo 1, como com orações com predicados descritivos do grupo 2. É mister dizer que não citamos até o momento mecanismos de mudança de valência nem do ponto de vista gramatical, nem do ponto de vista semântico. Isso se dá, pois no capítulo 3 desta tese iremos realizar um estudo aprofundado sobre essa propriedade em particular.

Por último, vamos verificar os contextos sintáticos que se encontram os dois grupos de descritivos de acordo com traços semânticos:

Quadro 13 a: Conjunto de Traços de Propriedades Distributivas dos Descritivos

Contexto sintático	Grupo 1 [+ evento, + performance, + controle]	Grupo 2 [- evento, - performance, - controle]
Núcleo de predicado	X	X

O primeiro contexto sintático que os verbos descritivos podem ocupar é o de núcleo de predicados. Podemos verificar a partir da análise dos dados do dicionário que tanto descritivos mais ativos, como descritivos menos ativos, podem ocupar essa posição. Alguns exemplos abaixo corroboram essa afirmação:

Grupo 2	Grupo 1
(52). <i>côt ca ha ajte ajkràj</i> talvez 2 IRR HAB ser.rico	(53). <i>wa ha apu i=j-apactu</i> 1 IRR PRG

l=PR-brincar

'Parece que você vai enriquecer, contrário às expectativas." (Grupp, 2015, p. 13)

'Eu vou brincar, contar piadas.'
(Grupp, 2015, p. 70)

Nos outros contextos sintáticos que podem ocorrer descritivos, encontramos uma maior distinção entre esses grupos, pois os descritivos com traços semânticos do grupo 2 são maioria absoluta nos exemplos, conforme mostra o quadro 13b:

Quadro 13b: Conjunto de traços de propriedades distributivas dos descritivos

Contexto sintático	Grupo 1 [+ evento, + performance, + controle]	Grupo 2 [- evento, - performance, - controle]
Modificador de nomes	-	<i>cati</i> ‘ser grande.’ <i>kên</i> ‘ser ruim.’ <i>mpej</i> ‘ser bom.’ <i>pytĩ</i> ‘ser pesado.’ <i>tepti</i> ‘ser vermelho.’ <i>tỳj</i> ‘ser forte.’
Modificador de verbos	-	<i>cati</i> ‘ser grande.’ <i>kên</i> ‘ser ruim.’ <i>mpej</i> ‘ser bom.’ <i>tỳj</i> ‘ser forte.’
Auxiliar verbal	-	<i>hàtô</i> ‘ser muito.’ <i>ncre</i> ‘ser seco.’ <i>pa</i> ‘viver.’
Estrutura comparativa	-	<i>cati</i> ‘ser grande.’ <i>mpej</i> ‘ser bom’ <i>wapej</i> ‘ser agudo.’

No quadro acima, evidenciamos que há uma predominância de descritivos menos ativos com o grupo de traços 2 [- evento, - performance e - controle] em ocorrências como modificadores verbais e nominais, auxiliares verbais e em estruturas comparativas. Precisamos, contudo, de mais dados e testes para verificar se esses contextos são mesmo exclusivos de verbos descritivos menos ativos. No próximo tópico, dissertaremos sobre o outro grupo de verbos monovalentes: os intransitivos.

2.1.2 Os verbos intransitivos

No começo do capítulo, revisamos a tese de Castro Alves (2004) sobre propriedades morfossintáticas dos verbos no Canela. No que se refere aos verbos monovalentes, vimos que o Canela possui diferentes tipos de verbos como ilustrado a seguir:

	Descritivo		Intransitivo		Verbo com sujeito dativo
(54).	a. <i>i=cacro</i>	b.	<i>ca</i> <i>apu</i> <i>cre</i>	c.	<i>i=mã</i> <i>pa</i>
	1 =ser.quente		2 PRG cantar		3 =DAT ter.medo
	‘Eu estou quente’		‘Você está cantando’		‘Eu estou com medo’
	(Castro Alves, 2004, p. 55)		(Castro Alves, 2004, p. 57)		(Castro Alves, 2004, p. 56)

A autora divide, conforme podemos verificar nos exemplos acima, os tipos de verbos monovalentes, de acordo com características morfossintáticas e semânticas que caracterizam os três tipos supracitados. Podemos identificar, por exemplo, as diferentes formas pronominais empregadas com cada tipo de verbo: descritivo (clíticos pessoais), intransitivos (pronomes livres) e sujeito dativo (clíticos pessoais marcados posposicionalmente).

Funcionalmente, podemos mencionar também que os três tipos de verbos monovalentes requerem tipicamente um participante agente (intransitivo), paciente (descritivo) e experienciador (verbo com sujeito dativo). Esses são papéis semânticos prescritos por Givón (2001) para o único participante de verbos monovalentes. Cabe dizer que associamos a função semântica à sintática de forma prototípica, ou seja, temos consciência que essa relação não é uma regra taxativa (ver Barros & Castro Alves, 2021).

Para uma melhor compreensão desses tipos de verbo, separamos um *corpus* maior de exemplos extraídos do dicionário Canela (Grupp, 2015). Já mostramos a análise dos exemplos de descritivos no tópico 2.1.1 e, agora, falaremos sobre os intransitivos especificamente.

A primeira distinção entre descritivo e intransitivos é a codificação pronominal no alinhamento padrão da língua: a intransitividade cindida. Nesse alinhamento, a codificação pronominal de pessoa do argumento único do descritivo (So) se dá por clíticos pessoais, ao passo que, em intransitivos, se dá por pronomes livre (Sa). Ilustramos mais uma vez essa distinção:

Figura 7 - Alinhamento de Intransitividade Cindida

	Intransitivo (Sa=A)	Descritivo (So=O)
Orações	(Sa)	(So = V)
Monovalente	wa ha amti 1 irr sonhar	a = carĩc 2-ser.silecioso
	“Eu vou sonhar.” (Grupp, 2015, p. 101)	“Você é silencioso.” (idem, p. 108)

Oração	(A)	(O)
Divalente	wa ha 1 irr	a = cakwĩ 2-bater
	“Eu vou te bater.” (idem, p. 32)	

O alinhamento descrito acima é o alinhamento padrão para o Canela. Nele o argumento único de intransitivos (Sa) é codificado da mesma maneira que o argumento que mais se parece com agente de verbos transitivos (A); e o argumento único de descritivos (So) é codificado da mesma maneira que o outro argumento de verbos transitivos (O).

É preciso mencionar, entretanto, que a língua possui outras configurações estruturais e possui diferentes alinhamentos, em outros contextos morfossintáticos, e que interfere na categoria de verbos intransitivos da língua.

Castro Alves (2010) publicou o resultado de uma ampla pesquisa sobre os tipos de alinhamento da língua Canela do ponto de vista tanto sincrônico como diacrônico. Neste trabalho, a autora descreveu mais dois tipos de alinhamento morfossintático para a língua. Ela identificou os seguintes alinhamentos:

(i). **Ergativo-absolutivo**: alinhamento condicionado pelo tempo passado recente, em que argumentos que mais se parecem com o agente de orações transitivas (A) sempre vêm marcados pela posposição 'te' e o verbo é empregado em sua forma não finita. Nesse caso, o A é diferenciado gramaticalmente de S e O, portanto $A \neq S=O$. Logo, o S, único argumento

de monovalentes, não é cindido em Sa e So, pois sempre vem codificado por clíticos pessoais quando está passado recente:

		A		O=V	
(55).	a.	<i>cahãj</i>	<i>te</i>	<i>ih=pỳn</i>	
		mulher	ERG	3=carregar.NF	
		‘A mulher o levou’ (Castro Alves, 2010, p. 447)			

		S=V	
	b.	<i>a=wrỳc</i>	
		2=descer.NF	
		‘Você desceu.’ (idem, p. 448)	

(ii). **Nominativo-absolutivo**: alinhamento condicionado, pelo uso de auxiliares verbais na língua, em que argumentos que mais se parecem com o agente de oração transitiva (A) são codificados pronominalmente similarmente ao S, enquanto o outro argumento de orações transitivas (O) também é codificado pronominalmente similarmente ao S. Isso se dá pela característica estrutural de orações com um auxiliar verbal em posição final que requerem a ocorrência do S codificado duplamente:

		A		O=V	Aux
(56).	a.	<i>pê</i>	<i>ca</i>	<i>ih=ton</i>	<i>nare</i>
		PD	2	3=fazer.NF	NEG
		‘Você não fez isso.’ (Castro Alves, 2010, p. 452)			

		S1		S2=V	Aux
	b.	<i>ca</i>	<i>ha</i>	<i>a=j-àhcukren</i>	<i>mpej</i>
		2	IRR	2=PR-CORRER.NF	ser.bom
		‘Você vai correr bem.’ (idem)			

Citamos esses alinhamentos, pois, ao analisarmos as propriedades dos intransitivos, podemos nos deparar com situações em que o S não é cindido em dois grupos (Sa/So) como, por exemplo, nos casos desses alinhamentos condicionados pelo passado e por auxiliares

verbais. Começaremos, de agora em diante, a dissertar sobre as propriedades gramaticais gerais dos verbos intransitivos

- **Clíticos pessoais:**

Uma das propriedades típicas dos verbos monovalentes é a possibilidade de ter a codificação da noção de pessoa por meio de pronomes clíticos pessoais. No caso dos descritivos, essa codificação é sempre por meio de clíticos, independente do alinhamento. Os intransitivos, diferentemente, podem ter essa noção de pessoa codificada por pronomes clíticos ou só por pronomes livres de acordo com o alinhamento morfossintático. Dessa forma, encontramos intransitivos nos três contextos abaixo:

Intransitividade cindida	Ergativo- absolutivo	Nominativo- absolutivo
Sa	S absolutivo	S nominativo e absolutivo
(57). a. wa <i>ha</i> <i>nõ</i>	b. i=ntoj	c. quê <i>ha</i> i=pictor <i>nare</i>
1 IRR deitar	3=pular	3 IRR 3=perder.NF NEG
‘Eu vai deitar.’	‘Ele pulou.’	‘Ela não vai ser perdida.’
(Grupp, 2015, p. 91)	(idem, p. 141)	(idem, p. 145)

Nos exemplos acima, vemos como o S, único argumento de um verbo intransitivo, pode ser codificado por diferentes pronomes a depender do alinhamento morfossintático. Ele é codificado como clítico pronominal no alinhamento ergativo-absolutivo (57b), como pronome livre no alinhamento de intransitividade cindida (57a) e pelos dois pronomes obrigatoriamente no alinhamento nominativo-absolutivo (57c). Por isso, é importante lembrarmos as séries pronominais do Canela descritas nos trabalhos de Castro Alves:

Quadro 14: Séries pronominais no Canela

	Clíticos pessoais	Pronomes livres
1^a	i=	wa
1^a.INCL	pa=	cu
2^a	a=	ca
3^a	i(h)=/h=/ø=/cu=	quê/ø

Fonte: Barros & Castro Alves (2021, p. 3)

Tendo em vista que essas séries se manifestam diferentemente, em consonância com o tipo de alinhamento morfossintático, elaboramos um quadro para guiar quais são os pronomes para o argumento S em cada alinhamento:

Quadro 15: Comparação entre série pronominal e alinhamento morfossintático

Alinhamento	Intransitividade cindida		Ergativo-absolutivo	Nominativo-absolutivo	
	Sa	So	S absoluto	S nominativo	S absoluto
Clítico pessoal	-	X	X	-	X
Pronome livre	X	(X)	(X)	X	-

Conforme esquematizado no quadro acima, os pronomes clíticos pessoais são comuns em verbos intransitivos desde que a oração esteja nos alinhamentos ergativo-absolutivo, quando a sentença está no passado recente; e no nominativo-absolutivo, quando há a presença de um auxiliar verbal no fim da oração. Listamos, a seguir, os exemplos do dicionário Canela de orações intransitivas com a presença de clíticos pessoais:

S absoluto

(58). a. *i=xwɣr*

1=banhar.NF

‘Eu banhei.’

(Grupp, 2015, p. 167)

b. *wa i=j-õt*

1 **1**=PR-dormir.NF

‘Eu dormi.’

(Grupp, 2015, p. 26)

c. *ih=roj*

3=esquivar-se

‘Ela se esquivou.’

(Grupp, 2015, p. 127)

d. *mentuw i=ncrer*

jovens **3**=cantar.NF

‘Os jovens, eles cantam.’

(Grupp, 2015, p. 141, adaptado)

e. *in=toj*

3=pular

‘Eles pularam.’

(Grupp, 2015, p. 6)

f. *i=crer cahê na*

1=cantar.NF ao.lado LOC

‘Eu cantei ao lado dele.’

(Grupp, 2015, p. 6)

- g. *ihnô=kam i=j-àhhĩc*
ontem 1=PR-espirrar.NF
'Ontem eu espirrei.'
(Grupp, 2015, p. 59)
- h. *i=j-àhtũm*
1=PR-esperar
'Eu preciso esperar.'
(Grupp, 2015, p. 62)
- i. *i=j-àpĩr*
1=PR-descobrir.NF
'Eu descobri.'
(Grupp, 2015, p. 72)
- j. *wa i=j-àpêt ne i=pỳm*
1 1=PR-assustar-se e 1=cair.NF
'Eu me assustei e ele caí.'
(Grupp, 2015, p. 71)
- k. *h=ãm*
3=levantar
'Ele levantou.'
(Grupp, 2015, p. 76)
- l. *i=x-ãm*
1=PR-estar.em.pé
'Eu fiquei de pé.'
(Grupp, 2015, p. 55)
- m. *i=j-ỹ*
1=PR-sentar
'Eu me sentei.'
(Grupp, 2015, p. 102)
- n. *h=àr*
3=entrar.NF
'Ele entrou.'
(Grupp, 2015, p. 159)
- o. *japôc mã i=rĩt*
binóculos POSP 3=olhar
'Eu olhei através.'
(Grupp, 2015, p. 72)
- p. *ih=pỳm*
3=nascer.NF
'Ela nasceu.'
(Grupp, 2015, p. 88)

Todos os exemplos acima mostram verbos intransitivos com o argumento S , codificado pronominalmente por clíticos pessoais e, eventualmente, pronomes livres também. Cabe lembrar que eles estão no tempo passado recente em que a língua opera com o alinhamento ergativo-absolutivo ($A \neq S = O$). Outra característica dos verbos nesse alinhamento é a exigência da forma não finita nos verbos como, por exemplo, *crer* 'cantar', *xwỳr* 'banhar'.

Os próximos exemplos que separamos são de verbos intransitivos em orações com auxiliares, em posição final, que o argumento S obrigatoriamente seja expressa duas vezes

(um nominativo e um absolutivo). Observe que as orações que compilamos como exemplos do dicionário ocorrem com um auxiliar verbal ao fim, condição para o alinhamento:

S nominativo e absolutivo

- (59) a. *ame pa=j-àptõ nare*
 PL 1.INCL=PR-preocupar-se NEG
 ‘Não se preocupe conosco.’
 (Grupp, 2015, p. 74)
- b. *wa i=j-àptõ nare*
 1 1=PR-preocupar NEG
 ‘Eu não me preocupo.’
 (Grupp, 2015, p. 74)
- c. *wa i=j-õt nare na apẽ*
 1 1=PR-dormir.NF NEG POSP manhã
 ‘Eu não dormi até de manhã.’
 (Grupp, 2015, p. 26)
- d. *wa i=j-àhtàt nare*
 1 1=PR-ser.tímido NEG
 ‘Eu não sou tímido.’
 (Grupp, 2015, p. 21)
- e. *wa nee ahkri i=j-àpên nare*
 1 NEG por.tempo 1=PR-trabalhar.NF NEG
 ‘Eu não vou trabalhar por muito tempo.’
 (Grupp, 2015, p. 2)

Até o momento, verificamos que os intransitivos, como os descritivos, podem apresentar em sua morfologia pronomes clíticos pessoais, como foi exemplificado nos exemplos acima. Diferentemente dos descritivos, todavia, isso ocorre quando os intransitivos estão nos contextos morfossintáticos dos alinhamentos ergativo-absolutivo e nominativo-absolutivo. Esses alinhamentos são condicionados, respectivamente, pelo passado recente e auxiliares verbais. Importa mencionar que no alinhamento intransitividade cindida, padrão geral, os pronomes clíticos pessoais não ocorrem.

Uma observação importante sobre a ocorrência de clíticos pessoais em intransitivos é presente em Grupp (2015). Neste trabalho, o autor mostra que itens lexicais da classe de intransitivos podem vir marcados por diferentes formas para o clítico pessoal de terceira pessoa. Isto é, os intransitivos apresentam diferentes morfemas de terceira pessoa de acordo com o item lexical, conforme exemplificado a seguir:

Quadro 16: A Terceira Pessoa em Verbos Intransitivos

Prefixo	ih=	i=	ø	
Exemplos de Verbos	<i>tê(m)</i> ‘Ir.’ <i>hêj</i> ‘Mentir.’ <i>tor</i> ‘Fugir.’ <i>cajcoc</i> ‘Boiar.’ <i>pehpec</i> ‘Pingar.’	<i>mpê</i> ‘Quebrar.’ <i>mpât</i> ‘Suar.’ <i>mpra(r)</i> ‘Andar.’ <i>ncaca</i> ‘Respirar.’ <i>ncre(r)</i> ‘Cantar.’ <i>ncjêj</i> ‘Entrar.’ <i>ntoj</i> ‘Pular.’	<i>rît</i> ‘Olhar.’ <i>antuw/pĩntuw</i> ‘Mudar.’	<i>mõ(r)</i> ‘Ir.’

Grupp, 2015, p. 18 (adaptado)

Vemos, no quadro acima, a divisão feita por Grupp para a expressão de terceira pessoa no Canela em verbos intransitivos. É perceptível que alguns são condicionados fonologicamente como, por exemplo, a distinção entre verbos que tomam o *im=* ou *in=* de acordo com o contexto de fonemas. Precisamos acrescentar também o morfema *h=* que também é uma marca de terceira pessoa na língua, conforme descrito por Castro Alves (2004). A seguir, separamos mais alguns exemplos presentes, ao longo do dicionário, além dos separados por Grupp no quadro 11:

i=	h=	ih=	in=
(60) a. <i>i=picahur</i> <i>in=cwỳr</i> 3=correr ‘Ele correu.’ (Grupp, 2015, p. 168)	(61). a. <i>h=àr</i> 3=entrar ‘Ele entrou.’ (idem, p. 159)	(62). a. <i>ih=roj</i> 3=esquivar-se ‘Ela esquivou.’ (idem, p. 127)	(63). a. 3=chorar ‘Ele chorou.’ (idem, p. 135)
	b. <i>h=àhtũm</i> 3=esperar ‘Ele leva tempo.’ (idem, p. 62)	b. <i>ih=pỳm</i> 3=cair.NF ‘Ele caiu.’ (idem, p. 71)	
	c. <i>h=àhkêt</i> 3=aumentar ‘Eles se aumentaram.’ (Grupp, 2015, p. 60)		

d. *h=arĩhrĩ*
 3=pular
 ‘Ele pulou.’
 (Grupp, 2015, p. 7)

Sobre a morfologia de verbos intransitivos, temos que destacar também a existência de raízes com padrões distintos. Isto é, o Canela possui itens lexicais do grupo de intransitivos que apresentam mais de uma forma morfológica, em que se pode verificar um padrão de mudanças nessas raízes verbais. Grupp (2015) montou listas de grupos de verbos intransitivos com base nessas mudanças morfológicas. Exemplificamos abaixo os tipos de mudanças em intransitivos:

- (61) a. *ahcukrê* > *hàhcukren* ‘Correr com tora.’ (Grupp, 2015, p. 19)
 akru > *hàkrun* ‘Dançar.’ (idem, p. 19)
 awjakô > *hũjakô* ‘Fumar.’ (idem, p. 19)
- b. *acxa* > *ipixar* ‘Sorrir.’ (Grupp, 2015, p. 23)
 ajcaca > *ipicaca* ‘Dançar.’ (idem, p. 23)
 acto > *ipictor* ‘Perder-se.’ (idem, p. 25)

Os exemplos acima mostram como Grupp (2015) agrupou verbos intransitivos com formas distintas. Pela intuição do lexicógrafo, essas alterações nas raízes intransitivas são formas irregulares dentro do grupo de verbos intransitivos que seguem um padrão de mudança como (i). *ah/aw-* para *hà(h)-* ou (ii). *ac/aj/ah/an/am-* para *-pi-*, conforme nos exemplos 61a e 61b. Adicionalmente a essa separação, o autor também descreve que as formas *hà(h)-* e *-pi-* são presentes na maior parte das vezes no passado, quando o verbo assume uma forma não finita (nominal/longa).

É importante dizer que essas alterações morfológicas são objetos de trabalhos de pesquisas em Línguas Jê recentes, inclusive sobre o Canela. Como nessas mudanças, incluem-se alternâncias de valência, aprofundaremos mais esse assunto no capítulo 3. Nos próximos tópicos, mostraremos a compilação de verbos intransitivos, de acordo com propriedades gramaticais de verbos no Canela, já explicadas anteriormente.

- **Prefixo relacional**

O prefixo relacional é um morfema, como já mencionamos, presente somente em certos verbos. Logo, ele é uma propriedade morfológica distribuída lexicalmente. Importa dizer que o morfema ocorre entre o verbo e seu argumento interno, quando o verbo intransitivo se encontra nos contextos de alinhamento ergativo-absolutivo e nominativo-absolutivo. Abaixo listamos os verbos intransitivos presentes no dicionário Canela em que se encontra esse prefixo:

(62)	a.	<i>j-ðhcacu</i>	‘sentir mal.’	j.	<i>j-ÿr</i>	‘sentar.’
	b.	<i>j-àhcupu</i>	‘fazer berubu.’	k.	<i>j-apôj</i>	‘sair.’
	c.	<i>j-àptô</i>	‘preocupar-se.’	l.	<i>j-àhhïc</i>	‘espirrar.’
	d.	<i>j-àhkĩj</i>	‘roubar.’	m.	<i>j-àhtàatre</i>	‘ser tímido.’
	e.	<i>j-apry</i>	‘fazer incesto.’	n.	<i>j-àmtàr</i>	
			‘proteger-se.’			
	f.	<i>j-òt</i>	‘dormir.’	o.	<i>j-àhtĩn</i>	‘esperar.’
	g.	<i>j-àpèn</i>	‘trabalhar.’	p.	<i>x-ãm</i>	‘ficar em pé.’
	h.	<i>j-àhcucran</i>	‘ser pintado.’	q.	<i>x-àr</i>	‘entrar.’

Os exemplos em (62) mostram uma lista de verbos intransitivos que ocorrem a marcação do prefixo relacional com as formas *j-* ou *x-*. Junto com a presença do prefixo, ocorre também a forma não finita dos verbos como, por exemplo, *apê/-àpèn* ‘trabalhar’ e *-òr/-òt* ‘dormir’. Isso se dá também pelos contextos de passado recente e auxiliarização verbal que condicionam os alinhamentos e requerem verbos com essas formas. No próximo tópico, falaremos mais um pouco sobre as formas não finitas.

- **Formas não finitas**

A forma não finita, também conhecida nas gramáticas de línguas indígenas brasileiras da família Jê como forma nominal ou forma longa, é uma forma do verbo que ocorre em certos contextos como, por exemplo, o passado recente ou em orações com auxiliares verbais. Nesses contextos, o verbo assume uma forma que geralmente vem com uma consoante *a* mais no final (*-n*, *-r*). Outra característica própria dessas formas não finitas é que elas sempre são marcadas por clíticos pessoais quando codificam uma pessoa pronominalmente. Abaixo

listamos alguns verbos intransitivos presentes no dicionário Canela em que se encontra essas formas:

- | | | | | | | |
|------|----|-------------------|-----------|----|------------------|--------------|
| (63) | a. | <i>xwa/xwỳr</i> | ‘banhar.’ | f. | <i>tě/těm</i> | ‘ir.’ |
| | b. | <i>mđ/mđr</i> | ‘ir.’ | g. | <i>kđ/kđm</i> | ‘beber.’ |
| | c. | <i>amti/hũtir</i> | ‘sonhar.’ | h. | <i>wrỳ/wrɣc</i> | ‘descer.’ |
| | d. | <i>cre/crer</i> | ‘cantar.’ | i. | <i>apê/jápên</i> | ‘trabalhar.’ |
| | e. | <i>gđr/jđt</i> | ‘dormir’ | | | |

Os exemplos em (63) mostram verbos intransitivos em duas formas: finita/ não finita. Separamos exemplos de verbos em que a forma não finita exhibe uma consoante (-r, -n) como, por exemplo, *mđ/mđr* ou *apê/-ápên*. Essa é uma forma mais nominal, haja vista que requer clíticos pronominais como nomes e ocorre em contextos com auxiliarização verbal e nominalizações. Vamos falar sobre as possibilidades de nominalizações no próximo tópico.

- **Clíticos nominalizadores**

Vimos, anteriormente, que o Canela possui clíticos nominalizadores para derivar verbos para a classe de nomes. Entre esses clíticos estão o =xà, =xi e o =catê. Esses clíticos podem derivar um nome, a partir de um verbo, com sentidos agentivo, passivo ou locativo. Abaixo listamos os verbos intransitivos presentes no dicionário Canela em que se encontra essas formas:

- | | | | | | |
|------|----|---|------------------------|-----------|--------------|
| (64) | a. | <i>i=te</i> | <i>i=j-ápên=xà</i> | <i>to</i> | <i>ih=jê</i> |
| | | 1=ERG | 1=PR-trabalhar.NF=NMLZ | POSP | 3=completar |
| | | ‘Completei o trabalho.’ (Grupp, 2015, p. 194) | | | |
| | b. | <i>wa</i> | <i>i=prar=xà</i> | <i>to</i> | <i>pra</i> |
| | | 1 | carro | POSP | andar |
| | | ‘Eu dirijo meu carro.’ (Grupp, 2015, p. 133) | | | |
| | c. | <i>a=te</i> | <i>i=rĩt=xà</i> | <i>to</i> | <i>a=rĩt</i> |
| | | 2=ERG | binóculos | POSP | 2=ver |
| | | ‘Você viu com binóculos.’ (Grupp, 2015, p. 196) | | | |
| | d. | <i>i=těm=xà</i> | <i>wỳr</i> | | |

3=ir.NF=NMLZ POSP

‘Antes da minha viagem.’ (Grupp, 2015, p. 2015)

e. *in=cwỳr=xà*

3=chorar.NF=NMLZ

‘Chorador.’ (Grupp, 2015, p. 135)

f. *me pah=kôt=xà jō amcro*

PL **1.INCL=descansar=NMLZ** GEN dia

‘Domingo (nosso dia de descanso).’ (Grupp, 2015, p. 118)

g. *cu=te pahpãm mã i=ncrer=xà*

3=ERG Deus DAT 3=cantar.NF=NMLZ

na cu=te i=pijamãar

SUB **3=ERG 3=acertar.NF**

ne cu=te cu=mã i=ncrer

e **3=ERG 3=DAT 3=cantar.NF**

‘Ele cantou o cântico certo para Deus.’ (Grupp, 2015, p. 6)

h. *cu=te a=mōr=xà na a=mã h=arkwa*

3=ERG 2=ir.NF=NMLZ SUB 2=DAT 3=mandar

‘Ele mandou você ir.’ (Grupp, 2015, p. 167)

i. *pawrô pimtir=xà*

Paulo **sonhar.NF=NMLZ**

‘O sonho de Paulo.’ (Grupp, 2015, p. 144)

j. *cupê te h=àhkij=xi to amji pĩr*

branco ERG **3=roubar=NMLZ** POSP RFL afogar.NF

‘O branco afogou o ladrão na água.’ (Grupp, 2015, p. 188)

k. *Jeju pê meh=kên catia pê*
 Jesus POSP PL=ser.ruim grande POSP

me to h=apôj=catê
 PL POSP 3=sair=NMLZ

‘Jesus é libertador dos pecados.’ (Grupp, 2015, p. 72)

Nos exemplos de (64), temos vários sentidos que os nominalizadores trazem para os verbos intransitivos. Um exemplo (64k) mostra o nominalizador =*catê* junto com a raiz *apôj* ‘sair’ formando o sentido de ‘pessoa que liberta’: -*apôj=catê* - o libertador. Todos os outros exemplos são de verbos intransitivos com o clítico =*xà*. Esse clítico forma a noção instrumental em dois casos: *prar=xà* ‘carro’ e *rît=xà* ‘binóculos’. E outros muitos exemplos trazendo noção de ação, a partir de raízes verbais, como, por exemplo, *crer=xà* ‘cântico’, *âpên=xà* ‘trabalho’, *pimtir=xà* ‘sonho’, *ahkîj=xà* ‘roubo’, *môr=xà* ‘ida’, *têm=xà* ‘viagem’ e *kôt=xà* ‘descanso’.

Estudamos, até o momento, as propriedades da morfologia verbal em intransitivos. Nos próximos tópicos, exploraremos as categorias de modo, modalidade e aspecto verbal.

- **Categorias de modo e modalidade**

As categorias de modo e modalidade no Canela são expressas por partículas nas sentenças, conforme já citamos no tópico 2.1. Há na língua, por exemplo, a partícula *ha* que indica o modo *irrealis* e verbos que atuam como auxiliares verbais de modalidade como, por exemplo, *mpej* ‘ser.bom’. Abaixo listamos os verbos intransitivos que se encontram no modo *irrealis*:

(65). a. *capi te catôc pyr pyrjâpên*
 Capi ERG arma pegar.NF CONJ

quê ha i=pictor nare
 3 IRR 1=perder NEG

'Se Capi pegou a espingarda, ela não vai ser perdida.' (Grupp, 2015, p. 145)

b. *quê ha harkwa ajpỳ*
3 IRR boca fechar
'Ele vai fechar a boca.' (Grupp, 2015, p. 145)

c. *wa ha krĩ ajxê*
1 IRR aldeia correr
'Eu vou andar ao redor da aldeia completamente.' (Grupp, 2015, p. 144)

d. *quê ha me ajcaxê*
3 IRR PL ajuntar-se
'Eles vão ajuntar.' (Grupp, 2015, p. 41)

e. *ca ha mō*
2 IRR ir
'Você vai ir.' (Grupp, 2015, p. 148)

f. *quê ha mō*
3 IRR ir
'Ele irá.' (Grupp, 2015, p. 148)

g. *wa ha nō ne gōr*
1 IRR deitar e dormir
'Eu vou (deitar e) dormir.' (Grupp, 2015, p.65)

h. *ca ha ikō*
2 IRR beber
'Você vai beber.' (Grupp, 2015, p.65)

i. *pō quê ha pôr*
palha 3 IRR queimar
'A palha vai queimar.' (Grupp, 2015, p.65)

j. *wa ha amti*
1 IRR sonhar

'Eu sonharei.' (Grupp, 2015, p.65)

Os exemplos em (65) mostram vários exemplos de orações com verbos intransitivos no modo *irrealis*. Nelas vemos a presença da partícula *ha* e orações que indicam proposições futuras ou hipotéticas. Alguns exemplos do dicionário indicam outro modo da língua: o imperativo. Nas orações a seguir, vemos a formação do modo imperativo, por meio da disposição dos verbos intransitivos *axà* 'entrar' e *ankrê* 'ficar.quieto':

- (66). a. *axà*
entrar
'Entre!' (Grupp, 2015, p. 75)
- b. *ankrê*
aquietar
'Quieto!' (Grupp, 2015, p. 144)

As categorias de modalidade (avaliativa), diferente dos modos verbais, são expressas por descritivos que funcionam como auxiliares modais para indicar a perspectiva do falante para a oração com verbos. Nos exemplos abaixo, temos orações com verbos intransitivos (*apê* 'trabalhar', *tê* 'ir', *pỹm* 'cair') que são modificadas por verbos descritivos indicando certeza (*tỳj* 'ser forte') ou incerteza (*hêj* 'mentir'):

- (67) a. *wa ha i=tỳj amji kam apê*
1 IRR **1=ser.forte** RFL LOC **trabalhar**
'Com certeza vou me esforçar para trabalhar.' (Grupp, 2015, p. 17)
- b. *wa ha i=tỳj nabar mã tẽ*
1 IRR **3=ser.forte** Barra DAT **ir**
'Com certeza eu vou para a Barra.' (Grupp, 2015, p. 130)
- c. *wa ha i=pê inxũa pyràac ne i=tỳj cu=mã apê*
1 IRR 1=GEN pai ser.similar e 1=ser.forte 3=DAT **trabalhar**
'Eu serei igual ao meu pai e certamente trabalharei para ele.' (idem, p. 50)
- d. *wa i=te h=ũtir im=pej=ti*
1 1=ERG **3=sonhar.NF** **3=ser.bom=AUM**
'Eu tive um sonho bonito (...)' (Grupp, 2015, p. 101)
- e. *wa i=j-õt ne i=te i=pĩmtir kêan=re*

1 1=PR-dormir e 1=ERG 1=sonhar.NF ser.ruim=DIM

ne *i=j-ðt* *nare* *na* *apẽ*

e 1=PR-dormir NEG POSP manhã

'Eu dormi e sonhei ruim e não dormi bem até de manhã.' (Grupp, 2015, p. 26)

Uma categoria também presente em orações intransitivas é a polaridade. A negação verbal no Canela se dá, majoritariamente, pela inserção do auxiliar verbal *nare* ao final da oração. Em algumas orações, também há a presença de partículas de negação como, por exemplo, *quêt* (negativo enfático) e o *nee* (negativo categórico). Abaixo os exemplos de orações negativas com verbos intransitivos:

(68) a. *capi* *te* *catõc* *pyr* *pyrjapên*

Capi POSP espingarda pegar.NF CONJ

quê *ha* *i=pictor* *nare*

3 IRR 1=perder-se.NF NEG

'Se Capi pegou a espingarda, ela não vai ser perdida.' (Grupp, 2015, p. 145)

b. *ame* *pa=j-àptõ* *nare*

PL 1.INCL=PR-preocupar-se NEG

'Não se preocupe conosco!' (Grupp, 2015, p. 74)

c. *i=j-àptõ* *nare*

1=PR-preocupar-se NEG

'Não me preocupo.' (Grupp, 2015, p. 74)

d. *ipicahur* *ne* *nee* *i=cator* *nare*

3=correr.NF e NEG 3=chegar.NF NEG

'Eu corri mas nem (mesmo) cheguei.' (Grupp, 2015, p. 168)

e. *wa* *i=j-ðt* *ne* *i=te* *i=pĩmtir* *kêan=re*

1 1=PR-dormir e 1=ERG 1=sonhar.NF ser.ruim=DIM

ne *i=j-ðt* *nare* *na* *apẽ*

e 1=PR-dormir NEG POSP manhã

'Eu dormi e sonhei ruim e não dormi bem até de manhã.' (Grupp, 2015, p. 26)

f. *wa nee ahkri i=j-àpên nare*
1 NEG tempo 1=PR-trabalhar.NF NEG

'Eu não vou trabalhar por muito tempo.' (Grupp, 2015, p. 2)

g. *wa Pahpãm camtà rũm nee amji*
1 Deus POSP POSP NEG RFL

na i=j-àhtàt nare
POSP 1=PR=ser.tímido NEG

'Não sou acanhado pois (confio em) Deus (para cuidar de mim).'
(Grupp, 2015, p. 106)

h. *g=apacta ne mõi nee i=mã a=kĩn nare*
2=sair e ir NEG 1=DAT 2=gostar NEG

'Saia! Eu não gosto mais de você.' (Grupp, 2015, p. 70)

i. *quê wa ha nee naBar mã ih=têm nare*
NEG 1 IRR NEG Barra POSP 3=ir.NF NEG

'Não, eu não vou para a Barra.' (Grupp, 2015, p. 180)

j. *quê wa nee curi i=têm nare*
NEG 1 NEG lá 1=ir.NF NEG

'Não, eu não fui para lá.' (Grupp, 2015, p. 180)

Nos exemplos em (62), podemos encontrar várias orações negativas formadas por verbos intransitivos e o auxiliar de negação *nare*. Além disso, algumas orações também fazem uso de outras partículas de negação como o *nee* (68d, f, g e j) - negativo enfático - e o *quê* (68i) - negativo categórico. Algumas orações, portanto, utilizam dupla e até tripla negação. O próximo tópico tratará de outra propriedade gramatical: o aspecto.

- **Aspecto**

O aspecto é uma propriedade das orações verbais no Canela que se manifesta por meio de partículas como, por exemplo, o *apu* que indica o aspecto progressivo. Assim como também auxiliares verbais que ocorrem, geralmente, no final da oração com a composição do pré-verbo *to* e um verbo monovalente como, por exemplo, *to=mõ* e *to=tẽ* que também indicam progressividade. Veremos, nos próximos exemplos, orações intransitivas com o auxiliar verbal em posição final, o qual resulta em uma interpretação progressiva:

- (69) a. *ne me h=àhkêt to=mõ*
 e PL 3=aumentar PV=**ir**
 'E eles se aumentaram.' (Grupp, 2015, p. 60)
- b. *cô ita j=apxê to=mõ*
 água DEM PR=diminuir PV=**ir**
 'Esta água está diminuindo (ficando rasa e lamacenta).'
 (Grupp, 2015, p. 74)
- c. *ajpẽn j=ahôt to=mõ*
 RCP PR=cuidar PV=**ir**
 'Cuidar um do outro.' (Grupp, 2015, p. 148)
- d. *ca i=cahti na apu acjêj to=mõ*
 2 1=meio SUB PRG entrar PV=**ir**
 'Você se mete sempre na minha vida.' (Grupp, 2015, p. 104)

Os próximos exemplos mostram também as orações intransitivas, com o aspecto progressivo, mas que ocorrem com a partícula *apu* para indicar esse aspecto:

- (70) a. *wa apu i=j-arĩhrĩ*
 1 PRG 1=PR-dançar
 'Eu estou dançando.' (Grupp, 2015, p. 7)
- b. *cahãj tee apu mõr to h=ahkre*
 mulher em.vão PRG ir.NF POSP 3=tentar
 'A mulher está tentando/querendo ir sem sucesso.'
 (Grupp, 2015, p. 167)

c. *jũ ri qué apu mõi*
 INTERR LOC 3 PRG ir

'Ninguém sabe onde ele está andando.' (Grupp, 2015, p. 150)

Por último, compilamos também exemplos do dicionário Canela em que há a manifestação do aspecto progressivo, porém indicada duas vezes na mesma oração. Isto é, há a partícula *apu* e o auxiliar verbal *to=mõi* ou *to=ipa*:

(71) a. *Capi apu meh=cunea mã h=õhto j=apôj to=mõi*
 Capi PRG PL=todos DAT 3=língua PR=sair PV=ir
 'Capi mostra sua língua para todos.' (Grupp, 2015, p. 89)

b. *wa apu amji na i=j-ũpar to=mõi*
 1 PRG RFL POSP 1=PR-OUVIR PV=ir
 'Eu os ouvi falarem sobre mim.' (Grupp, 2015, p. 21)

c. *rop tyc=ti apu carõrõ to=ipa*
 cão ser.preto=AUM PRG farejar PV=viver
 'A onça preta está andando farejando e bufando.' (Grupp, 2015, p. 35)

Vimos, nos exemplos de (69), (70) e (71), a presença do aspecto progressivo em orações intransitivas. Desse modo, atestamos como a partícula *apu* ou o auxiliar *to=mõi* são empregados para a noção de progressividade. No próximo tópico, faremos uma revisão geral de todas as propriedades de verbos intransitivos no Canela.

- **Resumo das Propriedades Gramaticais dos Intransitivos**

Ao longo do tópico 2.1, mostramos propriedades gramaticais dos verbos intransitivos. Nele vimos a presença de morfemas como clíticos pessoais e clíticos nominalizadores que podem fazer parte da estrutura dos verbos, assim como formas não finitas e supletivas de itens lexicais da classe. O quadro abaixo resume essas propriedades morfológicas:

Quadro 17: Resumo das propriedades morfológicas em intransitivos

	Propriedades	Exemplos
Propriedades morfológicas	Clítico pessoal	<i>i=jâpên</i> 'eu trabalhar.'
	Prefixo relacional	<i>j-âpên</i> 'trabalhar.'
	Clíticos nominalizadores	<i>âpên=xâ</i> 'trabalho.' <i>âhkĩj=xĩ</i> 'ladrão.' <i>apôj=catê</i> 'libertador.'
	Forma não finita	<i>apê/âpên</i> 'trabalhar.'
	Formas irregulares	<i>acto/pictor</i> 'perder-se.' <i>ajcapôn/picapôn</i> 'partir.' <i>-âhcucran/ahcucran</i> 'pintar.' <i>amti/ûtir</i> 'sonhar.'

Na sintaxe, verificamos a presença de diferentes alinhamentos morfossintáticos, como também categorias de aspecto e modalidade distribuídas na oração.

Quadro 18: Resumo das propriedades sintáticas em intransitivos

Propriedades distributivas		Exemplos
Modo	Imperativo	<i>axà</i> 'entre!'
	Irrealis	<i>ca ha mō</i> 2 IRR ir 'Você vai ir.'
Aspecto Progressivo	Partícula <i>apu</i>	<i>wa apu i=j-arĩhrĩ</i> 1 PRG 1=PR-dançar 'Eu estou dançando.'
	Auxiliar <i>to=mō</i>	<i>cô ita j=apxê to=mō</i> água DEM PR=diminuir PV=ir 'Esta água está diminuindo (ficando rasa e lamacenta).' (Grupp, 2015, p. 74)
Modalidade	Avaliativa	<i>wa ha i=tyj nabar mǎ tẽ</i> 1 IRR 1=ser.forte Barra DAT ir 'Com certeza eu vou para a Barra.'
Polaridade	Negativa	<i>i=j-àptō nare</i> 1=PR-preocupar-se NEG 'Não me preocupo.'

Vemos, no quadro acima, como a inserção de partículas ou auxiliares podem modificar orações intransitivas implicando mudanças no modo, na modalidade, no aspecto ou na polaridade. Alguns exemplos do dicionário também mostram outras partículas atuando e provocando um sentido aspectual diferente, como nos exemplos abaixo:

- (72) a. *ca hōtpê cacô=tyc=re kwỳ kur*
2 sempre café um.pouco comer.NF

'Você sempre toma do meu café.' (Grupp, 2015, p. 72)

- b. *ca hôtpe cacô=tyc=cre kwỳ*
2 **sempre** liquido=preto=dim um.pouco

to i=pê a=kôm
POSP 1=PD 2=beber.NF

'Você sempre tomou meu café.' (Grupp, 2015, p. 194)

- c. *cormã acjêj*
ainda entrar

'Eles estão ainda entrando.' (Grupp, 2015, p. 134)

- d. *ramã amcro j=ipy to=tê*
já dia PR=aproximar-se PV=ir

'Já está se aproximando o dia marcado.' (Grupp, 2015, p. 85)

Nos exemplos presentes em (72), vemos mais palavras que funcionam como modificadores de noções aspectuais nas orações intransitivas como o *hôtpe* 'sempre', *cormã* 'ainda' e *ramã* 'já'. Além disso, em (72f) temos a presença de mais um auxiliar aspectual: o *to=tê*. Esse auxiliar também indica a noção de progressividade e é formado pelo pré-verbo *to* com o verbo de movimento *tê* 'ir'. É importante lembrarmos, também, dos diferentes contextos morfossintáticos que se encontram em orações intransitivas. Resumimos no quadro a seguir esses contextos:

Quadro 19: Resumo dos contextos sintáticos em intransitivos

Contextos morfossintáticos		Exemplos
Alinhamentos morfossintáticos	Intransitividade cindida	<i>wa ha amti</i> 1 IRR sonhar 'Eu sonharei.'
	Ergativo-absolutivo	<i>h=àr</i> 3=entrar.NF 'Ele entrou.'
	Nominativo-absolutivo	<i>wa i=j-àhtàt nare</i> 1 1=PR-ser.tímido.NF NEG 'Eu não sou tímido.'
Auxiliarização Verbal		<i>cô ita j=apxê to=mõ</i> água DEM PR=diminuir PV=ir 'Esta água está diminuindo (ficando rasa e lamacenta).' (Grupp, 2015, p. 74)

Vemos, no quadro acima, que os intransitivos ocorrem em orações, com diferentes contextos morfossintáticos, estruturam diferentes alinhamentos, e também podem funcionar como auxiliares verbais como o *mõ* 'ir' em *wa ha jôt to=mõ* 'Eu vou indo coxeando'.

Ainda sobre essas propriedades, também devemos dizer que elas já estavam descritas e identificadas em trabalhos anteriores da língua. A compilação de dados do dicionário Canela, todavia, pôde mostrar com mais exemplos como se manifesta essas propriedades. No próximo tópico, falaremos dos verbos divalentes.

2.2 Os verbos divalentes

Nesta seção iremos apresentar os verbos transitivos no Canela. Para isso, vamos definir as características principais desse grupo por meio da revisão de trabalhos anteriores

sobre a língua. Depois disso, assim como exploramos os outros tipos de verbos, vamos apresentar a separação de orações transitivas presentes no dicionário Canela a fim de entendermos melhor como funcionam esses verbos em um maior número de exemplos. Para, enfim, realizamos uma comparação léxico-semântica entre os itens dessa classe.

Givón (2001, p. 126) define propriedades prototípicas para verbos transitivos. No que diz respeito à característica sintática, o autor postula que verbos transitivos em regra são verbos que formam orações com um objeto direto. Isto é, além de um participante definido tradicionalmente para a gramática de muitas línguas como sujeito, o verbo ocorreria com a presença de um outro participante, o qual possui uma relação imediata com o verbo.

Além de definições sintáticas para categorias gramaticais, o autor defende o estudo dessas categorias também no campo funcional (semântico e pragmático). Desse modo, ele também postula que a categoria de verbos transitivos produz orações que implicam eventos com agentividade (possui um participante deliberadamente agentivo), afetação (tem um outro participante afetado pelo evento) e perfectividade (envolve um evento concluído, acabado e pontual). Por fim, ele mostra como essas propriedades semânticas e sintáticas norteiam a formulação de uma oração transitiva prototípica, mas lembra do cuidado ao postular regras gerais para todas as gramáticas de línguas variadas:

'While the prototypes are indeed valid in all languages, and while the bulk of syntactically transitive verbs in most languages indeed abide by mapping constraints, languages nonetheless differ enormously in how closely they add to mapping constraint. That is, in how rigid or lax they may be in allowing non-agents to be the subjects of syntactically-transitive verbs, and non-patient to be their direct objects.' (Givón, 2001, p. 126)⁶

Nos estudos de gramática funcional realizados por Givón, podemos encontrar um norte para a pesquisa em uma língua pouco estudada. Ou seja, as propriedades sintáticas e semânticas gerais para orações transitivas nos ajudam a verificar como uma língua manifesta a transitividade em orações. Veremos agora como se manifesta o grupo de verbos transitivos no Canela por meio da revisão de trabalhos anteriores sobre a língua.

⁶ Tradução livre: embora os protótipos sejam válidos em todas as línguas e, embora a maior parte dos verbos sintaticamente de verbos transitivos apresentam, na maioria das línguas, restrições de mapeamento, as línguas, no entanto, diferem enormemente na restrição do mapeamento. Isto é, no nível de rigidez que uma língua permite, por exemplo, sujeitos de verbos sintaticamente transitivos serem não agentivos e objetos serem não pacientivos, pode haver grande variação entre as línguas do mundo.

Castro Alves (2004) realizou pesquisas sobre as propriedades morfossintáticas de categorias verbais no Canela, o que inclui os verbos transitivos. Ela mostrou que orações transitivas simples, na língua, são formadas por verbos que requerem um sujeito e um objeto direto como nos exemplos a seguir:

(73) a. *ropti* *te* *ih=curan*
 onça ERG 3=matar
 'A onça o matou.' (Castro Alves, 2004, p. 116)

b. *ca* *ha* *cupẽ=kà* *j-aprõ*
 2 IRR não.indígena=pele PR-levar
 'Você vai comprar o pano.' (idem)

A autora também descreveu várias propriedades gramaticais presentes em orações transitivas como, por exemplo, formas não finitas e categorias de TAM (tempo, aspecto e modalidade). A primeira propriedade gramatical importante sobre o qual se deve falar sobre orações transitivas é a codificação dos participantes de pessoa por meio de pronomes. Essa propriedade é essencial, haja vista a marcação de função e distinção de alinhamento morfossintático que ela pode indicar. Vamos falar um pouco, então, dessa propriedade.

- **Pronominalização**

As séries pronominais no Canela foram descritas por Castro Alves (2004). A autora identificou ao menos duas séries distintas de pronomes: uma série livre com pronomes independentes e outra série clítica à raiz verbal. Em orações transitivas simples, como evidencia a autora, a série de pronomes livres codifica a função A (argumento que mais se parece com o agente) e a série de pronomes clíticos codifica a função O (outro argumento da oração).

	A		O=V
(73) a.	<i>ropti</i>	<i>te</i>	<i>ih=curan</i>
	onça	ERG	3=matar
	'A onça o matou.' (Castro Alves, 2004, p. 116)		

	A		O		V
b.	<i>ca</i>	<i>ha</i>	<i>cupê=kâ</i>		<i>j-apró</i>
	2	IRR	pano		PR-levar
	'Você vai comprar o pano.' (idem)				

Em (73 a), é possível verificar que o argumento O é marcado pelo pronome clítico de terceira pessoa e, em (73 b), o pronome livre de segunda pessoa codifica a função A na oração transitiva. Relembramos mais uma vez as duas séries de pronomes no Canela:

Quadro 20: Séries pronominais no Canela

	Clíticos pessoais	Pronomes livres
1 ^a	i=	wa
1 ^a .incl	pa=	cu
2 ^a	a=	ca
3 ^a	i(h)=/h=/ø=/cu=	quê/ø

Fonte: Barros & Castro Alves (2021, p. 3)

Castro Alves (2004) postula que uma propriedade gramatical do Canela é que o argumento que mais se parece com o agente (A) na língua é marcado no passado recente pela posposição *-te*. Nesse contexto morfossintático, a língua distingue argumentos de verbo transitivo dos demais argumentos de verbos monovalentes. Isto é, há uma marcação diferencial que indica essa função sintática específica em orações transitivas, formando uma marca de ergatividade, como mostra o exemplo abaixo:

	A	O	V
(74)	<i>cu=te</i>	<i>hĩ</i>	<i>xêt</i>
	3=ERG	carne	assar
	'Ele assou a carne.' (Castro Alves, 2004, p. 126)		

Vemos, portanto, em (74) uma marca que diferencia argumentos A de orações transitivas no Canela quando a língua opera no passado recente. Assim sendo, a língua tem diferentes formas de expressão de argumentos de verbos de acordo com contextos morfossintáticos específicos.

Castro Alves (2010), entre outros trabalhos, descreveu três tipos de alinhamentos morfossintáticos para o Canela: a intransitividade cindida, o ergativo-absolutivo e o nominativo-absolutivo. Comentamos sobre esses alinhamentos na seção sobre verbos monovalentes. Comparamos, no quadro abaixo, as propriedades de verbos monovalentes e transitivos em cada um dos alinhamentos segundo Castro Alves:

Quadro 21: Alinhamentos morfossintáticos no Canela

Alinhamento morfossintático	Orações monovalentes		Orações transitivas
	Descritivo	Intransitivo	Transitivo
<p>Intransitividade cindida</p> <p>(Sa=A/ So=O)</p> <p>Contexto morfossintático: alinhamento padrão na língua.</p>	<p>So=V</p> <hr/> <p><i>i=cacro</i></p> <p>1=ser.quente</p> <p>'Estou quente.'</p> <p>(C.A, 2004, p. 112)</p>	<p>Sa V</p> <hr/> <p><i>quê apu ahcukre</i></p> <p>3 PRG correr</p> <p>'Você vai correr.'</p> <p>(C.A, 2004, p. 152)</p>	<p>A O=V</p> <hr/> <p><i>wa ha a=cakwĩ</i></p> <p>1 IRR 2=bater</p> <p>'Eu vou te bater.'</p> <p>(C.A, 2004, p. 156)</p>
<p>Ergativo-absolutivo</p> <p>(A ≠ S=O)</p> <p>Contexto morfossintático: passado recente.</p>	<p>S=V</p> <hr/> <p><i>a=cakôc</i></p> <p>2=falar</p> <p>'Você falou.'</p> <p>(C.A, 2004, p. 58)</p>	<p>S=V</p> <hr/> <p><i>i=môr</i></p> <p>1=andar</p> <p>'Eu andei.'</p> <p>(C.A, 2004, p. 21)</p>	<p>A O=V</p> <hr/> <p><i>i=te i=pyr</i></p> <p>1=ERG 3=pegar.NF</p> <p>'Eu a peguei.'</p> <p>(C.A, 2004, p. 22)</p>
<p>Nominativo-Absolutivo</p> <p>(S=A/ S=O)</p> <p>Contexto Morfossintático: Orações com auxiliares pós-verbais.</p>	<p>S S=V Aux</p> <hr/> <p><i>cu nee apu pah=pahãm=nõ</i></p> <p>1 NEG PRG 1.INCL=ter.vergonha=NEG</p> <p><i>nare</i></p> <p>NEG</p> <p>'Nós não estamos namorando.'</p> <p>(C.A, 2004, p. 93)</p> <p><i>quê ha hũmre i=ncrer nare</i></p>	<p>A O=V Aux</p> <hr/> <p><i>a=te i=pupun nare</i></p> <p>2=ERG 1=ver.NF NEG</p> <p>'Você não me viu.'</p> <p>(C.A, 2004, p. 129)</p>	

	3 IRR homem 3 =cantar.NF NEG 'Ele não vai cantar.' (C.A, 2004, p. 111)	
--	--	--

No quadro (21), vemos separadamente exemplos de orações monovalente e transitivas do Canela nos três alinhamentos da língua: (i). Intransitividade Cindida, (ii). Ergativo-Absolutivo e (iii). Nominativo-Absolutivo. Cada alinhamento é presente em diferentes contextos. O primeiro é padrão na língua, o segundo somente em orações no passado recente e o terceiro em orações com auxiliares ou outros operadores pós-verbais.

É importante observar as formas pronominais empregadas nesses contextos. As orações transitivas usam de pronomes livres para marcar a função A na intransitividade cindida e no alinhamento nominativo absolutivo. Nesses mesmos alinhamentos, a língua usa pronomes clíticos para a função O. No alinhamento ergativo-absolutivo, todavia, há o uso de pronomes clíticos para as duas funções, mas com a marcação proposicional *-te* que distingue a função A.

O Canela, portanto, faz uso de pronomes como distinção de funções sintáticas nas orações verbais. Nos trabalhos de Castro Alves, encontramos também a descrição de outra distinção entre os alinhamentos no Canela: as formas não finitas. Essas formas são empregadas em verbos nos alinhamentos ergativo-absolutivo e nominativo-absolutivo. Na Intransitividade Cindida, no entanto, a forma verbal é a finita.

Separamos abaixo exemplos do dicionário Canela de orações transitivas em que também é possível verificar essas distinções nos alinhamentos morfossintáticos do Canela:

Intransitividade Cindida

- | | |
|---|---|
| <p>(75). a. <i>wa ha ahna hĩ ca</i>
 1 IRR LOC carne assar
 'Eu assarei a carne (no carvão).'</p> <p>(Grupp, 2015, p. 5)</p> | <p>b. <i>wa ha a=cakwĩ</i>
 1 IRR 2=bater
 'Eu vou te bater.'</p> <p>(Grupp, 2015, p. 32)</p> |
| <p>c. <i>wa ha a=camxê</i>
 1 IRR 2=ferir
 'Eu vou te fazer chorar.'</p> <p>(Grupp, 2015, p. 107)</p> | <p>d. <i>wa ha a=capô</i>
 1 IRR 2=pegar
 'Eu vou te pegar.'</p> <p>(Grupp, 2015, p. 108)</p> |

e. *quê ha cuku*
3 IRR comer
 'Capi vai comê-lo.'
 (Grupp, 2015, p. 168)

f. *quê ha in=krẽ*
3 IRR **3**=comer
 'Ele vai comê-lo.'
 (Grupp, 2015, p. 180)

Ergativo-Absolutivo

(76). a. *wa i=te crow cahôn*
1 1=ERG buriti amolecer
 'Eu amoleci o buriti.'
 (Grupp, 2015, p. 31)

b. *cu=te i=cahtô*
3=ERG **1**=satisfazer
 'Ele me satisfez (com a comida).'
 (Grupp, 2015, p. 104)

c. *wa i=te a=catur*
1 **1**=ERG **2**=urinar.NF
 'Eu fiz xixi em ti.'
 (Grupp, 2015, p. 108)

d. *cu=te i=pynar*
3=ERG **1**=seguir.NF
 'Ele me seguiu.'
 (Grupp, 2015, p. 98)

Nominativo-Absolutivo

(77). *xà wa ha a=nĩn nare*
 INTERR **1** IRR **2**=transar NEG
 'Será que não posso dormir contigo?'
 (Grupp, 2015, p. 136)

As orações transitivas no Canela, à vista do que revisamos até o momento, compõem orações com verbos que requerem dois participantes (A e O) que se comportam gramaticalmente, de forma distinta, em acordo com um dos três alinhamentos morfossintáticos identificados na estrutura da língua. Essa distinção é notada na codificação de pronomes livres ou clíticos para os participantes nas funções A e O. Além disso, a língua apresenta o participante A marcado ergativamente pela posposição *te* em contextos de passado recente.

Daqui em diante, vamos verificar propriedades gramaticais que relatamos para outros grupos de verbos como as marcas morfológicas do prefixo relacional, clíticos nominalizadores, formas não finitas, bem como categorias de modo, modalidade e aspecto em orações transitivas.

as raízes e clíticos pessoais como o *i=*, *a=*, exceto o clítico *h=*. Abaixo há exemplos de verbos transitivos com a ocorrência de prefixos relacionais no dicionário Canela (Grupp, 2015):

(80).	a. <i>j-apac</i>	'Ouvir.'	p. 191	b. <i>j-ahêr</i>	'Caçar.'	p. 59
	c. <i>j-agãñ</i>	'Empurrar.'	p. 57	d. <i>j-ahkjê</i>	'Abrir.'	p. 60
	e. <i>j-àhtûm</i>	'Esperar.'	p. 23	f. <i>j-akep</i>	'Cortar.'	p. 45
	g. <i>j-amre</i>	'Acabar.'	p. 118	h. <i>j-apê</i>	'Ter.compaixão.'	p.7
	i. <i>j-arên</i>	'Falar.'	p. 167	j. <i>j-àxwÿr</i>	'Flechar.'	p. 1
	k. <i>j-icu</i>	'Parar.'	p. 168	l. <i>j-ipêj</i>	'Terminar.'	p. 84
	m. <i>j-ipô</i>	'Abrir.'	p. 84	n. <i>j-ìprôn</i>	'Aconselhar.'	p.85
	o. <i>j-irãr</i>	'Tomar.um.lugar.'	p. 85	p. <i>j-ixarti</i>	'Cair e cortar.'	p. 86
	q. <i>j-ôka</i>	'Enganar.'	p. 47	r. <i>j-ôhpôc</i>	'Abrir o ventre'	p. 89
	s. <i>j-ũhpjêr</i>	'Levar.'	p. 96	t. <i>j-ũhhÿr</i>	'Tirar'	p. 95
	u. <i>j-ũnar</i>	'Seguir.'	p. 98	v. <i>j-ũrên</i>	'Jogar.'	p. 100
	w. <i>j-ũwahi</i>	'Guardar para si.'	p. 100	y. <i>j-anãr</i>	'Opor-se.'	p. 11
	z. <i>j-arĩ</i>	'Saltar.'	p. 17	aa. <i>j-aprãr</i>	'Estender.'	p. 17
	bb. <i>j-ômpu</i>	'olhar.'	p. 148	cc. <i>j-itep</i>	'Cortar.'	p. 138

Os exemplos, acima, mostram exemplos de verbos transitivos que podem vir com o prefixo relacional. No próximo tópico, falaremos sobre as formas não finitas.

● Formas não finitas

As formas não finitas, também conhecidas como formas longas ou formas nominais, são presentes em verbos transitivos nos alinhamentos ergativo-absolutivo e nominativo absolutivo. Separamos abaixo as formas não finitas de verbos transitivos que encontramos no dicionário Canela. A maior parte dos verbos sofre o acréscimo de uma consoante a mais na última sílaba, geralmente *-n* ou *-r*. Alguns, todavia, podem ter alterações em outras sílabas, conforme pode ser verificado nos exemplos a seguir:

(81).	a. <i>ca/hàr</i>	'Assar'	p.5	b. <i>cahhy/cahhyr</i>	'Bater'	p.153
	c. <i>cato/cahôn</i>	'Amolecer'	p.31	d. <i>cahto/cahhôn</i>	'Pôr.fogo'	p.193
	e. <i>cajpa/cajpar</i>	'Encontrar'	p.105	f. <i>cajro/cajror</i>	'Mexer'	p.105
	g. <i>cakê/cakên</i>	'Arranhar'	p.196	h. <i>câmpu/câmpun</i>	'Vigiar'	p.106
	i. <i>câmxê/câmxêr</i>	'Ferir'	p.189	j. <i>caprã/caprâr</i>	'Curar'	p.189
	k. <i>carê/carên</i>	'Coçar'	p.108	l. <i>xô/xôr</i>	'pendurar'	p.139
	m. <i>caxà/caxàr</i>	'Puxar'	p.137	n. <i>cucrà/cucràn</i>	'Pintar'	p.109
	o. <i>cupê/cupên</i>	'Embaraçar'	p.111	p. <i>cura/curan</i>	'Matar'	p.147
	q. <i>gã/gãn</i>	'Quebrar'	p.55	r. <i>hahê/hahêr</i>	'Caçar'	p. 59
	s. <i>hahkjê/hahkjên</i>	'Abrir'	p.60	t. <i>hajÿr/hane</i>	'Ser.assim'	p.60
	u. <i>hamã/hamâr</i>	'Cuidar'	p.65	v. <i>harê/harên</i>	'Contar'	p.132
	x. <i>hiprô/hiprôr</i>	'Aconselhar'	p.85	w. <i>hũhkà/hũhkàr</i>	'Ganhar'	p. 95
	y. <i>ijũhpjê/ijũhpjêr</i>	'Levar'	p. 96	z. <i>hũhta/hũhhyr</i>	'Jogar'	p. 95
	aa. <i>pynar/hũnar</i>	'Seguir'	p. 98	bb. <i>kê/kên</i>	'Ralar'	p.116
	cc. <i>kôpî/kôpir</i>	'Verificar'	p.118	dd. <i>krê/krêr</i>	'Comer'	p. 13
	ee. <i>ku/kur</i>	'Comer'	p.122	ff. <i>mã/mãn</i>	'Ralhar'	p. 49
	gg. <i>mê/mên</i>	'Jogar'	p. 51	hh. <i>nî/nîn</i>	'Transar'	p.136
	ii. <i>pa/par</i>	'Ouvir'	p.152	jj. <i>pê/pêr</i>	'Mostrar'	p.140
	kk. <i>pî/pîr</i>	'Afogar'	p.196	ll. <i>pupu/pupun</i>	'Ver'	p.177
	mm. <i>py/pyr</i>	'Pegar'	p. 69	nn. <i>pytà/pytâr</i>	'Proteger'	p.101

oo. <i>rê/rên</i>	'Lançar'	p. 33	pp. <i>re/rer</i>	'Deixar'	p.146
qq. <i>hahpa/hahpan</i>	'Trocar'	p.190	rr. <i>to/ton</i>	'Fazer'	p.150
ss. <i>tu/tur</i>	'Urinar'	p.129	tt. <i>xa/xar</i>	'Morder'	p.138

Os exemplos, acima, mostram verbos que têm a pessoa codificada por pronomes clíticos pessoais e ocorrem em contexto de auxiliarização verbal e passado recente. No que diz respeito à estrutura dessas formas, a grande maioria exibe uma consoante acrescentada ao fim e algumas como, por exemplo, *hũhta/hũhhyr* 'jogar', *cahto/cahhôn* 'pôr.fogo', *hane/hajjyr* 'ser.assim'. No próximo tópico, mostraremos os clíticos nominalizadores em verbos transitivos.

- **Clíticos Nominalizadores**

Mostramos que há três clíticos nominalizadores para os verbos monovalentes no Canela: =*catê*, =*xà* e =*xi*. Para verbos transitivos, também há o emprego dos mesmos três clíticos. Entre os transitivos, encontramos mais verbos com o clítico =*catê* que forma um nome agentivo como nos exemplos abaixo:

- (82) a. *pyre* *krã* *cahhêc=catê*
 animal cabeça quebrar.NF=NMLZ
 'Quebrador de cabeça de animal de caça.' (Grupp, 2015, p. 103)
- b. *me* *capĩr=catê*
 PL fazer.barulho.NF=NMLZ
 'Alguém que gosta de falar.' (Grupp, 2015, p. 107)
- c. *i=ncràn=catê*
 3=perdoar=NMLZ
 'Alguém que distribuí, livra-se das coisas.' (Grupp, 2015, p. 134)
- d. *ata* *pê* *ih=kra* *j-ũrên=catê*
 DEM POSP 3=criança PR-jogar.para.baixo=NMLZ
 'Ela sempre aborta sua criança.' (Grupp, 2015, p. 100)

- e. *cu=te amji to cati prãm=catê*
 3=ERG RFL POSP ser.grande querer=NMLZ
 'Eu quero trabalhar.' (Grupp, 2015, p. 46)
- f. *me pah=pytâr=catê*
 PL 1.INCL=proteger.NF=NMLZ
 'Nosso salvador.' (Grupp, 2015, p. 101)
- h. *a=te i=pytâr=catê*
 2=ERG 3=proteger.NF=NMLZ
 'Protetor.' (Grupp, 2015, p. 101)
- i. *a=te i=kên pê pytâr=catê*
 2=ERG 1=ser.ruim COP proteger.NF=NMLZ
 'Você é o quem me protege do mal.' (Grupp, 2015, p. 101)
- j. *krĩ pytâr=catê*
 aldeia proteger.NF=NMLZ
 'Defensor da aldeia (daí o cacique da aldeia).' (Grupp, 2015, p. 156)
- k. *jeju pê me pah=pytâr=catê*
 Jesus POSP PL 1.INCL=proteger.NF=NMLZ
 'Jesus é nosso salvador.' (Grupp, 2015, p. 101)
- l. *cu=te ih=kên mã amji rên=catê*
 3=ERG 3=ser.ruim DAT RFL lançar=NMLZ
 'Ele é uma pessoa que faz coisas feias
 (que se joga mesmo no mal muitas vezes).
 (Grupp, 2015, p. 146)
- m. *Mojxe tehcajpar=catê*
 Moisés ajudar.NF=NMLZ
 'Arão é o assistente de Moisés.' (Grupp, 2015, p. 128)

- n. *pahpãm* *pê* *Atãw* *ton=catê*
 Deus POSP Adão fazer.NF=NMLZ
 'Deus é o criador de Adão.' (Grupp, 2015, p. 198)

Nos exemplos acima, vemos a formação de nomes agentivos como *cahhêc=catê* 'quebrador', *capîr=catê* 'aquele que faz barulho', *hũhcapîr=catê* 'aquele que é generoso', *incràn=catê* 'aquele que joga para baixo', *ũrên=catê* 'lançador', *prãm=catê* 'aquele que deseja', *pytâr=catê* 'protetor', *rên=catê* 'lançador', *tehcajpar=catê* 'auxiliar' e *ton=catê* 'aquele que faz'. Esses nomes são compostos com o acréscimo do clítico =*catê* à raízes verbais como *cahhêc* 'quebrar', *capîr* 'fazer.barulho', *hũhcapîr* 'ser.generoso', *incràn* 'arremessar para baixo', *ũren* 'lançar', *prãm* 'querer', *pytâr* 'proteger', *rên* 'lançar', *tehcajpar* 'ajudar' e *ton* 'fazer'. Cabe dizer que todos esses verbos quando nominalizados estão na forma não finita como *pyta/pytâr* 'proteger' e *to/ton* 'fazer'. Veremos, a seguir, exemplos de nominalização com o clítico =*xà*:

- (83) a. *amji* *cucràn=xà*
 RFL pintar=NMLZ
 'Cor para pintar o corpo.' (Grupp, 2015, p. 109)
- b. *kên* *te* *amji* *pê* *hũhkâr=xà*
 pedra POSP RFL POSP ganhar=NMLZ
 'Coisas para ganhar sobre si feito de pedra.' (Grupp, 2015, p. 95)
- c. *h=õmpun=xà* *pê* *h=ũràc*
 3=ver.NF=NMLZ POSP 3=ser.igual
 'A aparência dele é igual à ele.' (Grupp, 2015, p. 91)
- d. *ih=tũm* *j-ũrên=xà*
 3=ser.sujo PR-jogar.para.baixo=NMLZ
 'Coisa que tira sujeira.' (Grupp, 2015, p. 100)
- e. *pahhi* *te* *ahna* *mên=xà*
 cacique ERG LOC jogar=NMLZ
 'As ordens do cacique.' (Grupp, 2015, p. 166)

f. *i=prõ to i=j-apac=xà*
 1=esposa POSP 1=PR-ouvir=NMLZ
 'Eu tenho muitas saudades da minha esposa.' (Grupp, 2015, p. 191)

g. *pahhi te ahna prãm=xà*
 cacique POSP LOC querer=NMLZ
 'O desejo; vontade do chefe.' (Grupp, 2015, p. 175)

h. *ahna amji pupun=xà caxuw*
 LOC RFL VER.NF=NMLZ FNLD
 'Para experimentar alguma coisa.' (Grupp, 2015, p. 3)

j. *me a=pytâr=xà ata*
 PL 2=proteger.NF=NMLZ DEM
 'Vossa salvação.' (Grupp, 2015, p. 101)

k. *ma ca a=te h=ahpan=xà na i=pê i=kra*
 ma 2 2=ERG 3=trocar=NMLZ POSP 1=POSP 1=filho

to hy mã i=pê ih=tyc
 POSP hy DAT 1=POSP 3=morrer

'E você almadicoou/ fez adoecer a minha filha
 em troca para que ele morra.'
 (Grupp, 2015, p. 193)

l. *cu=te i=mã h=õr wa i=te tapan=xà na cu=mã*
 3=ERG 1=DAT 3=dar.NF 1 1=ERG trocar=NMLZ POSP 3=DAT

h=irôapê h=õr
 3=mais.do.que 3=dar

'Ele me deu, mas eu dei/devolvi/reembolsei mais do que emprestei.'
 (Grupp, 2015, p. 184)

Vemos, acima, vários exemplos do uso do morfema =xà como um nominalizador em verbos transitivos. Temos a formação de nomes como *cawpa=xà* 'advertência', *cucràn=xà* 'pintura', *hũhkàr=xà* 'vitória', *hõmpun=xà* 'aparência', *hũrên=xà* 'tirador', *mẽn=xà* 'as ordens', *hapac=xà* 'saudades', *pytâr=xà* 'salvação' e *hahpan=xà* 'a troca'. É importante notar a formação de conceitos metafóricos como *mẽn=xà* 'as ordens', formado, por meio do acréscimo do clítico =xà à raiz *mẽn* 'arremessar' e *apac=xà* 'saudades', formado, a partir do acréscimo do clítico à raiz *pac* 'ouvir'.

Além disso, podemos notar com os exemplos do dicionário a diferença de sentido com o emprego de diferentes clíticos nominalizadores =xà e =catê na mesma raiz verbal. Separamos alguns exemplos em que é possível averiguar tal distinção:

- (84) a. *pytâr* 'proteger.' > *pytâr=catê* 'protetor.' > *pytâr=xà* 'salvação.'
- b. *ũrên* 'lançar.' > *ũrên=catê* 'lançador.' > *ũrên=xà* 'lançado.'

É possível mencionar, com os exemplos (84a) e (84b), como o nominalizador =catê indica uma nominalização agente e o nominalizador =xà indica uma nominalização de ação.

Encontramos apenas um exemplo de nominalização com o clítico =xi em verbos transitivos. Em (85) é possível ver a formação do nome caluniador com a inserção do clítico =xi no verbo *xwỳ* 'difamar.':

- (85) *cu=te me ahna xwỳ=xi*
 3=ERG PL LOC difamar=NMLZ
 'Caluniador, difamador.' (Grupp, 2015, p. 206)

Vimos que clíticos pessoais, clíticos nominalizadores e prefixos relacionais podem compor a estrutura morfológica de verbos transitivos. Também vimos que eles podem assumir uma forma não finita em determinados contextos. Iremos agora analisar as categorias de modo, modalidade e aspecto em orações transitivas:

- **Modo**

O Canela possui duas possibilidades de indicação de um modo verbal: o *irrealis* e o imperativo, conforme descrito em trabalhos anteriores da língua. O modo imperativo se dá pelo emprego do verbo só e, às vezes, um participante S em intransitivos e O em transitivos.

Não há um morfema para indicar imperativo, mas vemos pelos exemplos abaixo esse modo sendo formado pela simples disposição dos verbos:

- (86) a. *ahna a=ca*
 LOC 2=assar
 'Asse-a.' (Grupp, 2015, p. 5)
- b. *a=py*
2=pegar
 'Pegue! (Grupp, 2015, p. 145)
- c. *cahhõ!*
 chupar
 'Chupa!' (Grupp, 2015, p. 133)
- d. *cruc ne krẽ hane*
 pegar e comer ser.assim
 'Pega e come!' (Grupp, 2015, p. 42)
- e. *nãmhã h=icu*
 basta 3=parar
 'Deixa!' (Grupp, 2015, p. 168)

Os exemplos mostram verbos transitivos usados sem morfologia extra ou alguma marca de pessoa (86c), (86d) e (86d). Outros exemplos, porém, apresentam a presença de (O) por meio de clíticos pessoais (86a), (86b). A noção indicada no modo imperativo também pode ter a sua contraparte negativa, a qual é nomeada de proibitivo em trabalhos tipológicos. Separamos alguns exemplos, com orações transitivas, que apresentam a noção de proibitivo como emprego da partícula negativa *nare*:

- (87) a. *nee apu pa nare*
 NEG PRG temer NEG
 'Não tenho medo!' (Grupp, 2015, p. 47)
- b. *ajkam g=apac nare*

ajkam 2=ouvir NEG
 'Não medite.' (Grupp, 2015, p. 10)

c. *hajÿr nare*
 ser.assim.NF. NEG
 'Não desta maneira.' (Grupp, 2015, p. 63)

O outro modo verbal do Canela é o *irrealis*. Ele ocorre com a presença de um morfema de segunda posição *ha*. Separamos orações transitivas com a ocorrência do morfema de modo *irrealis* com um sentido de situação ainda por acontecer:

- (88) a. *wa ha rop j=apê*
 1 IRR cão PR=ter.compaixão
 'Eu vou ter compaixão com o cachorro.' (Grupp, 2015, p. 71)
- f. *wa ha py to a=cucrà*
 1 IRR urucu INST 2=pintar
 'Eu vou te pintar com urucu.' (Grupp, 2015, p. 109)
- g. *wa ha pĩ kam ampo cuhte*
 1 IRR madeira LOC algo amarrar
 'Eu vou amarrar qualquer coisa à madeira.' (Grupp, 2015, p. 109)
- h. *quê ha Capi po cura*
 3 IRR Capi veado matar
 'Capi vai matar o veado.' (Grupp, 2015, p. 180)
- i. *quê ha catôc j=ixê*
 3 IRR espingarda PR=engatilhar
 'Ele vai engatilhar a espingarda.' (Grupp, 2015, p. 86)
- j. *wa ha a=jÿwahi*
 1 IRR 2=guardar.para.si
 'Eu vou lhe impedir de trabalhar.' (Grupp, 2015, p. 101)
- k. *wa ha i=j-ÿrkwa pyxwÿ*

- 1 **IRR** 1=PR-casa arrumar
 'Vou montar minha casa.' (Grupp, 2015, p. 102)
- l. *wa* **ha** *kwỳr* *kê*
 1 **IRR** mandioca ralar
 'Vou ralar mandioca.' (Grupp, 2015, p. 116)
- m. *wa* **ha** *a=kôpĩ*
 1 **IRR** 2=experimentar
 'Eu vou te experimentar (descobrir como é que você vai me tratar).'
 (Grupp, 2015, p. 118)
- n. *ca* **ha** *pàrhõ* *kryj*
 2 **IRR** fumo dividir
 'Você vai dividir o fumo.' (Grupp, 2015, p. 122)
- o. *ca* **ha** *me* *cu=pa*
 2 **IRR** PL 3=escutar
 'Você vai escutá-lo.' (Grupp, 2015, p. 49)
- p. *ca* **ha** *ih=pêpêj*
 2 **IRR** 3=comer
 'Você vai comer tudinho.' (Grupp, 2015, p. 125)
- q. *quê* **ha** *i=pin* *pa*
 3 **IRR** 3=comer tudo
 'Ele vai comer todinho.' (Grupp, 2015, p. 144)
- r. *quê* **ha** *i=pĩ*
 3 **IRR** 1=sufocar
 'Vai me sufocar, engasgar.' (Grupp, 2015, p. 144)
- s. *wa* **ha** *rôr* *pỳ*
 1 **IRR** cumpim pegar
 'Eu vou pegar cupins (eu vou morrer).'
 (Grupp, 2015, p.183)

t.. *wa* **ha** *me* *a=re*
 1 **IRR** PL 2=deixar.para.trás
 'Eu vou deixar vocês.' (Grupp, 2015, p. 146)

u. *wa* **ha** *cuhy* *prà* *na* *hĩ* *xêt*
 1 **IRR** fogo carvão POSP carne assar
 'Eu vou assar a carne no carvão do fogo (na brasa).'
 (Grupp, 2015, p. 125)

É possível notar nos exemplos acima um padrão de posição para a partícula *ha* que indica o *irrealis*. Esse modo em orações transitivas é marcado gramaticalmente sempre pela presença da partícula logo após o participante A. No próximo tópico, vamos verificar a formação da categoria de modalidade em orações transitivas no Canela:

- **Modalidade**

A categoria de modalidade é formada pelo uso de verbos descritivos modificando as orações verbais como, por exemplo o *mpej* 'ser bom', *tỳj* 'ser forte', *hêj* 'mentir' e o *kên* 'ser ruim'. Ao empregar esses descritivos, o evento denotado pelo verbo principal, no caso transitivo, recebe uma características de avaliação como bem, mal, certeza ou incerteza como podemos averiguar nos seguintes exemplos:

(89) a. *g=õ* *pur* ***pôc*** ***pej=ti***
 2=GEN roça **queimar.NF** **ser.bom=AUM**
 'A tua roça está bem queimada.' (Grupp, 2015, p. 157)

b. *i=mã* *ih=pore* *to* *ahpa*
 1=DAT 3=dinheiro POSP trocar

wa ***i=tỳj*** *a=mã* *to* ***ahpa***
 1 **3=ser.forte** 2=DAT POSP **trocar**

'Troca o dinheiro para mim - com certeza vou trocar para ti.'
 (Grupp, 2015, p. 190)

c. *a=te mǎn fogeti j=ũwahi im=pej na nee cu=te*
 2=ERG POSP foguete PR=guardar 3=ser.bom SUB NEG 3=ERG

g=ũhkra to caxàr nare
 2=mão POSP queimar.NF NEG

'Se você tivesse segurado o foguete correto, não teria
 queimado a sua mão.'

(Grupp, 2015, p. 160)

d. *hapackre kên*
aprender ser.ruim

'Aprender devagar.' (Grupp, 2015, p. 70)

e. *wa i=tyj i=pjê to amji mǎ hane carà to*
 1 1=ser.forte 1=marido POSP RFL DAT ser.assim veado POSP

'Espero que o meu marido traga um veado.' (Grupp, 2015, p. 63)

f. *ca ih=hêaj ne a=te Jeju caca=xà*
 2 3=mentir e 2=ERG Jesus pensar=NMLZ

ita cryc me pan=caca=xà j=icu
 DEM ser.zangado PL 1.INCL=pensar=NMLZ PR=parar

'Você parece estar acompanhando agora Jesus
 e esquecendo a nossa cultura.'

(Grupp, 2015, p. 43)

Vemos mais uma vez, nos exemplos acima, que os descritivos trazem um acréscimo de sentido para os eventos verbais como incerteza dada pelo descritivo *hêj* 'mentir', certeza dada pelo descritivo *tyj* 'ser forte', avaliação positiva pelo descritivo *mpej* 'ser bom' e negativa pelo descritivos *kên* 'ser ruim'. Interessantemente, o exemplo (69d) mostra o descritivo *kên* atuando também com o significado de 'devagar', dada a natureza plurissignificativa de vários verbos descritivos. No próximo tópico, mostraremos a negação em orações transitivas.

- **Polaridade**

A negação de orações verbais no Canela é realizada principalmente pela inserção do morfema *nare* na oração. Esse morfema, de acordo com Castro Alves (2004), funciona como um auxiliar verbal e segue o caminho de gramaticalização de auxiliares no Canela. Do dicionário da língua, separamos várias orações transitivas com a polaridade negativa:

(90) a. *cu ne ajpu nare a=kĩnte i=cri=re*
 1 e lutar NEG 2=em.comparação 1=ser.pequeno=DIM
 'Nós não lutaremos porque eu sou pequeno em comparação a ti.'
 (Grupp, 2015, p. 117)

b. *incrô na hĩ xàr nare*
 carvão POSP carne assar.NF NEG
 'Não asse a carne no carvão-de-pedras.' (Grupp, 2015, p. 43)

g. *apu h=ajÿr nare cõt wa i=pÿm*
 PRG 3=ser.assim.NF NEG OU 1 1=cair.NF
 'Não faça isso ou eu vou cair.' (Grupp, 2015, p. 41)

h. *i=kra pÿm na h=amãr nare*
 1=filho cair.NF SUB 3=deixar NEG
 'Não deixe meu filho cair.' (Grupp, 2015, p. 65)

i. *wa cormã catõc to i=te amji hi nare*
 1 ainda espingarda POSP 1=ERG RFL acabar NEG
 'Eu ainda não acabei com a espingarda.' (Grupp, 2015, p. 187)

j. *ca ha nee jũm j-ũjarẽn tête me h=iprõn*
nare
 2 IRR NEG alguém PR-falar.NF fora PL 3=proibir.NF NEG
 'Não proíba alguém de as contar.' (Grupp, 2015, p. 85)

k. *quê ha capi hõcô to h=ũràc nare*
 3 IRR Capi hõcô POSP 3=ser.igual NEG

'Capi não vai vencer hõcô (não vai ficar semelhante a ele).'
(Grupp, 2015, p. 193)

- l. *cu=mã amji kñ nare*
3=DAT RFL gostar NEG
'Eu estou feliz/ eu não estou infeliz.' (Grupp, 2015, p. 168)
- m. *wa ajkam me a=mã ca ne me amji mñ nare*
1 ajkam PL 2=DAT 2 e PL RFL difamar NEG
'Eu quero que vocês dois não falem mal dos outros.'
(Grupp, 2015, p. 13)
- n. *wa ha ahti na jũm par nare*
1 IRR ahti POSP alguém ouvir NEG
'Eu não obedeco aos (rumores de) outros.' (Grupp, 2015, p. 8)
- o. *cu=te i=kam hapac ne me i=par nare*
3=ERG 1=LOC ouvir e PL 1=ouvir.NF NEG
'Ele me ouviu mas não agiu; escutou.' (Grupp, 2015, p. 132)
- p. *ca ha ahna i=ràn nare wa ha nee ton nare*
2 IRR LOC 3=animar NEG 1 IRR NEG fazer.NF NEG
'Se você não entrar no meu lugar (para me ajudar),
não vou fazer (isto).' (Grupp, 2015, p. 145)

É importante verificar a estrutura em que se dá a polaridade negativa em orações transitivas: o morfema de negação *nare* ocorre no fim das orações funcionando como um auxiliar verbal com o verbo principal na forma não finita. Os exemplos com a negação encontrados no dicionário em sua maioria são de orações complexas, tendo em vista que muitos são trechos de textos ou diálogos em Canela. Nos três exemplos abaixo, há o uso da negação por meio de mais de um morfema. Isso mostra a possibilidade da formação da negação, enfática e categórica, pelo uso dos morfemas *nee* e *kêt*, respectivamente, além do *nare*.

- (91) a. *tacu hũre kam tẽ ne nee cu=te ampo curan nare*
agora mão LOC ir e NEG 3=ERG algo matar.NF NEG

'Agora ele vai com a mão limpa ele não matou nada.'

(Grupp, 2015, p. 183)

b. *to wa i=te amji pê i=j-apac=kêt nare*
POSP 1 1=ERG RFL POSP 1=PR-OUVIR=NEG NEG

'Eu não esqueço (a tua lei).' (Grupp, 2015, p. 191)

c. *wa i=te im=par ne nee i=te i=mpar nare*
1 1=ERG 3=ouvir.NF e NEG 1=ERG 3=ouvir.NF NEG

'Eu ouvi mas não o compreendi.' (Grupp, 2015, p. 132)

A última categoria, que abordaremos sobre orações transitivas, é o aspecto verbal. No próximo tópico iremos mostrar como verbos transitivos são modificados, em relação ao aspecto, que denotam de acordo com a ocorrência de partículas e auxiliares também presentes em verbos monovalentes.

- **Aspecto**

Os exemplos, a seguir, mostram o uso da partícula *apu* para indicar o aspecto progressivo em orações transitivas:

(92) a. *wa ma apu pôhy kre caca*
1 DIR PRG milho plantar odiar

'Com certeza eu não gosto de plantar milho.' (Grupp, 2015, p. 15)

b. *ne ma apu cu=pê ameh=cakhûm*
e DIR PRG 3=POSP PL.3=espalhar-se

'E todos se espalham dela.' (Grupp, 2015, p. 10)

c. *wa apu me amji cahyt*
1 PRG PL RFL contar

'Eu estou nos contando.' (Grupp, 2015, p. 32)

d. *wa i=te ramã 5 cahyt*
1 1=ERG já 5 contar

'Eu já contei 5 (estórias).' (Grupp, 2015, p. 32)

- e. *wa apu kwỳr=xôm cajro*
1 PRG farinha.de.mandioca torrar
'Eu estou torrando farinha seca.' (Grupp, 2015, p. 105)
- f. *wa apu Pjat capô*
1 PRG Pjat perseguir
'Estou perseguindo Pijat (a intervalos sem atingir).' (Grupp, 2015, p. 108)
- g. *wa ha cormã po cura*
1 IRR **já** veado matar
'Eu vou ainda matar um veado.' (Grupp, 2015, p. 41)
- h. *po cati Carên apu hahê*
veado ser.grande Carên PRG perseguir
'Carên está perseguindo o veado grande.' (Grupp, 2015, p. 5)
- i. *apu a=xũn*
PRG 2=xingar
'Ele xinga você.' (Grupp, 2015, p. 98)
- j. *wa apu tôn kre kwỳ*
1 PRG tatu buraco cavar
'Eu estou cavando no buraco do tatu.' (Grupp, 2015, p. 198)
- k. *wa apu wapo=ti xwa=põ*
1 PRG fãca=AUM amolar
'Estou amolando o facão.' (Grupp, 2015, p. 200)
- l. *wa apu põhy me kwỳr me aryjhy kre*
1 PRG milho PL mandioca e arroz plantar
'Eu estou plantando milho, mandioca e arroz.' (Grupp, 2015, p.161)

Além da partícula *apu* como nos exemplos acima, a noção aspectual progressiva também se dá pelo emprego de auxiliares verbais ao fim das orações como o *to=mõ* e o

to=ipa. Nos exemplos que separamos, temos esses auxiliares formados com a posposição *to* e um verbo monovalente para indicar progressividade nas orações:

- (93) a. *Prejaka hõ kàhhôc to amji j-ahôt to=mõ*
 Prejaka GEN livros POSP RFL PR-cuidar PV=**ir**
 'Prejaka está cuidando dos seus livros.' (Grupp, 2015, p. 61)
- b. *Mūrwa i=tēm=xà na i=jahôt to=mõ*
 Mūrwa 3=ir.NF=NMLZ SUB 3=cuidar PV=**ir**
 'Mūrwa cuidava de mim na viagem.' (Grupp, 2015, p. 61)
- d. *Capi ahna apu me aràn to=ipa*
 Capi LOC PRG PL completar.NF PV=**viver**
 'Capi anda ajudando-lhes a completar o trabalho.' (Grupp, 2015, p. 145)

Outras partículas como o *ramã* 'já', *cormã* 'ainda', *hõtpê* 'sempre' e *hipêr* 'novamente' também podem indicar aspectualidade para orações como nos exemplos em (94):

- (94) a. *wa i=te ramã 5 cahyt*
 1 1=ERG **já** 5 contar
 'Eu já contei 5 (estórias).' (Grupp, 2015, p. 32)
- b. *i=te ramã i=jõ pur cunea j=apôc par*
 1=ERG **já** 1=GEN roça todos PR=dominar tudo
 'Já "dominei" todas as minhas roças.' (Grupp, 2015, p. 72)
- c. *cu=te ramã cuhê j=ixêr co he*
 3=ERG **já** arco PR=engatilhar co he
 'Ele já armou/estendeu/abrir o seu arco.' (Grupp, 2015, p. 88)
- d. *a=te ramã i=kôpĩr tu*
 2=ERG **já** 1=corrigir tudo
 'Você já corrigiu (meus erros) muito.' (Grupp, 2015, p. 118)
- e. *pê hõtpê rop mehĩ ku*
 PD **sempre** onça índio comer

'Onças sempre comem indígenas nesses dias.' (Grupp, 2015, p. 92)

f. *ramã* *i=te* *ih=pôc*

já 1=ERG 3=queimar

'Eu já queimei a minha roça.' (Grupp, 2015, p. 157)

- **Resumo das propriedades gramaticais dos grupos principais de verbos**

Nas três seções deste capítulo, revisamos as propriedades gramaticais de três grandes grupos de verbos: descritivos, intransitivos e transitivos. Nota-se, com essas revisões que várias propriedades ocorrem em todos os tipos, sendo, por conseguinte, propriedades gerais da classe de verbos. Encontramos, porém, duas exceções: (i). Os intensificadores *=re* e *=ti* que ocorrem somente em descritivos e (ii). formas supletivas das classes de intransitivos. Os quadros abaixo mostram a comparação entre propriedades das três classes de verbos:

Quadro 22 - Resumo das propriedades gramaticais dos grupos principais de verbos

		Monovalente		Transitivo
		Descritivo	Intransitivo	
Clíticos intensificadores	=re	<i>tyc=re</i> 'ser preto.'	-	-
	=ti	<i>tũm=ti</i> 'ser sujo.'		
Formas irregulares		-	<i>acto/pictor</i> 'perder-se.' <i>ajcapô/ajcapôn</i> 'partir.' <i>ahcucra/-âcucran</i> 'pintar.' <i>ũtir/amti</i> 'sonhar.'	-
Clíticos pessoais		<i>i=cati</i> 1=ser.grande 'eu sou grande.'	<i>h=âr</i> 3=entrar 'ele entrou.'	<i>cu=te i=pynar</i> 3=erg 1=seguir.NF 'ele me seguiu.'
Prefixo relacional		<i>j-apêj</i> 'ser fino'	<i>j-ôt</i> 'dormir.'	<i>j-icu</i> 'parar.'
Clíticos nominalizadores	=xà	<i>kên=xà</i> 'o mal.'	<i>môr=xà</i> 'a ida.'	<i>prãm=xà</i> 'o desejo.'
	=catê	<i>kên=catêje</i> 'pessoa má.'	<i>apôj=catê</i> 'o libertador.'	<i>rẽn=catê</i> 'lançador.'
	=xi	<i>kên=xi</i> 'o mal.'	<i>âhkij=xi</i> 'o roubo.'	<i>xwỳ=xi</i> 'difamador'
Forma não finita		<i>cato/cator</i> 'chegar.'	<i>te/tẽm</i> 'ir.'	<i>cura/curan</i> 'matar.'

		Monovalente		Transitivo
		Descritivo	Intransitivo	
Modos	<i>irrealis</i>	<i>quê ha cati</i> 3 IRR ser.grande 'Quando ele crescer.'	<i>ca ha ih=pépêj</i> 2 IRR 3=comer 'Você vai comer tudinho.'	<i>wa ha a=kôpĩ</i> 1 IRR 2=provar 'Eu vou te experimentalizar.'
	Imperativo	<i>a=cato</i> 'Saia!'	<i>jỹ</i> 'Sente!'	<i>a=py</i> 'Pegue!'
Modalidade	Avaliativa	<i>ih=cakôc</i> 3=falar <i>kên=xi</i> ser.ruim=NMLZ 'Pessoa falando mal.'	<i>wa i=te</i> 1 1=ERG <i>h=ũtir</i> 3=sonhar.NF <i>im=pej=ti</i> 3=ser.bom=AUM 'Eu tive um sonho bonito (...)'	<i>hapackre kên</i> aprender ser.ruim 'Aprender devagar.'
Aspecto Progressivo	<i>to=mõ</i>	<i>ih=jôc to=mõ</i> 3=ser.velho PV=ir 'Eu estou envelhecendo.'	<i>cô ita</i> água DEM <i>j=apxê</i> PR=diminuir <i>to=mõ</i> PV=ir 'Esta água está diminuindo (ficando rasa e lamacenta).'	<i>me a=to</i> PL 2=POSP a=pa 2=ouvir <i>to=ipa</i> PV=viver 'Ele vive com saúde de você.'
		<i>apu i=cakôc</i>	<i>wa apu i=j-arĩhrĩ</i>	<i>apu a=xũn</i>

	<i>apu</i>	PRG 1=falar 'Estou falando.'	1 PRG 1=PR-dançar 'Eu estou dançando.'	PRG 2=xingar 'Ele xinga você.'
Polaridade	Negativa	<i>nee i=kam</i> NEG 3=LOC <i>a=cryc nare</i> 2=ser.zangado NEG 'Me perdoe! não fique zangado comigo.'	<i>wa i=j-àptõ</i> 1 1=PR-preocupar <i>nare</i> NEG 'Eu não me preocupo.'	<i>cu=te po</i> 3 =ERG veado <i>curan nare</i> matar.NF NEG 'Ele não matou um veado.'

Nos quadros acima, verificamos a presença de propriedades morfológicas (prefixo relacional, clíticos pessoais, clíticos nominalizadores e formas não finitas), assim como propriedades distributivas (modo, modalidade, aspecto e polaridade) são próprias da classe de verbos.

A estrutura argumental, no entanto, pode distinguir três tipos de verbos. Isto é, a maneira como o verbo se relaciona com participantes requeridos por ele se diferenciam quando codificados gramaticalmente entre descritivos, intransitivos e transitivos. Desde o início do capítulo lembramos da descrição em trabalhos anteriores de um sistema de intransitividade cindida no Canela em que a categoria de intransitivos alinham diferentes participantes (Sa e So) a argumentos A ou O, respectivamente, de transitivos. Além disso, também podemos verificar que a formação da modalidade e aspectualidade no Canela se dá pela gramaticalização de verbos monovalentes (descritivos) e não de transitivos.

Na próxima seção, vamos explorar a relação entre propriedades gramaticais dos verbos e grupos de itens lexicais em transitivos.

2.3. Os verbos trivalentes

Castro Alves (2004) descreveu um grupo pequeno de verbos que requerem dois participantes com status de argumento no Canela: os verbos trivalentes ou ditransitivos. Um exemplo desse tipo de verbo é o verbo *-õr* 'dar' como no exemplo abaixo do tese da autora:

- (95) *i=te ramã Pedro mã mǎcõ j=õr*
 1=ERG já Pedro DAT Mocó PR=dar
 'Eu dei o mocó para Pedro.' (Castro Alves, 2004, p.63)

Nesse tipo de verbo, há a presença de três participantes em sua estrutura argumental: A, T e R. O argumento A é aquele que mais se parece com o agente, enquanto os participantes T e R são os outros argumentos desse verbo. Cabe dizer que o participante R é posposicionado. Essa tipologia de participantes T e R podem ser encontrados nos trabalhos de diversos tipólogos como Haspelmath (2011). Nesse intuito, os participantes do exemplo (95) são rotulados da seguinte maneira:

A (95) <i>[i=te]</i>	<i>ramã</i> 1=ERG já	R <i>[Pedro mã]</i> Pedro DAT	T	V <i>[mãcó] [j=õr]</i> Mocó PR=dar
--------------------------------	-------------------------	--	----------	---

'Eu dei o mocó para Pedro.' (Castro Alves, 2004, p.63)

A investigação das relações gramaticais que se dão entre o verbo e esses participantes foi realizada por Castro Alves (2021). A autora verificou similaridades entre o comportamento sintático dos participantes R e T como participantes O de orações transitivas básicas. Desse jeito, ela comparou propriedades desses participantes como, por exemplo, (i). a indexação verbal, (ii). a marcação de caso, (iii). a ordem dos constituintes, (iv). a relativização e (v). o controle de apagamento em orações subordinadas. Referenciamos abaixo os exemplos de Castro Alves para orações ditransitivas no Canela em comparação com transitivas:

(i). Indexação verbal: a codificação de participantes em uma oração simples pode ocorrer por meio de clíticos pronominais indexados ao verbo. No caso dos participantes T da oração ditransitiva e do O de transitivos essa indexação é imediata como nos exemplos abaixo:

A	O=V	A	R	T=V
(96) a.	<i>a=te ih=pỳn</i> 2=ERG 3=abraçar 'Você a abraçou.' (Castro Alves, 2021, p. 8)	b.	<i>cu=te cu=mã h=arẽn</i> 3=ERG 3=DAT 3=falar 'O outro contou a história para ele.' (idem)	

(ii). **Marcação de Caso:** O participante R de orações ditransitivas é marcado posposicionalmente como no exemplo (97 b) em que a posposição *mã* (dativo) ocorre com esse participante. Lembramos que o mesmo não ocorre com participantes O e T:

		A		O		V		A	R	T	V	
(97)	a.	<i>cahãj-te</i>		<i>tep</i>		<i>krên</i>		b.	<i>i=te</i>	<i>cu=mã</i>	<i>tep</i>	<i>j-ôr</i>
		mulher-ERG		peixe		comer.NF			1=ERG	3=DAT	peixe	PR-dar
		'A mulher comeu o peixe.'							'Eu dei o peixe para ela.'			
		(Castro Alves, 2021, p. 9)							(idem, p. 10)			

(iii). **Ordem dos constituintes:** a ordem dos constituintes mostra um padrão em orações transitivas (AOV) e ditransitivas (ARTV) com os participantes O e T imediatamente anteriores ao verbo.

		A		O=V		A		R		T=V	
(98)	a.	<i>hũmre-te</i>		<i>h=akep</i>		b.		<i>hũmre-te</i>		<i>mehwej mã</i>	
		homem-ERG		3=cortar				homem-ERG	velha	DAT	3=dar
		'O homem a cortou.'						'O homem dá arroz para a velha.'			
		(Castro Alves, 2021, p. 10)						(idem)			

(iv). **Relativização:** Em orações relativas, os argumentos T e O são referenciados de forma por clíticos pessoais pronominais como em (99a) e (99b), mas por pronomes com posposições quando é o participante R como em (99c)

(99)	a.	<i>i=te</i>	<i>ropti</i>	<i>pupun mã</i>	<i>hũmre</i>	<i>te</i>	O	<i>ih=curan</i>
		1=ERG	cão	ver.NF DS	homem	ERG		3=matar.NF
		'Eu vi a o cão que o homem matou.' (Castro Alves, 2021, p. 13)						

T

b. *i=te tep pupun mã hũmre te cahãj mã h=õr*
 1=ERG peixe ver.NF DS homem ERG mulher DAT 3=dar
 'Eu vi o peixe que o homem deu para a mulher.' (idem)

R

c. *i=te cahãj pupun mã hũmre te cu=mã tep j-õr*
 1=ERG mulher ver.NF DS homem ERG 3=DAT peixe PR-dar
 'Eu vi a mulher para quem o homem deu o peixe.' (idem)

(v). **Controle de apagamento na oração subordinada:** Em orações complexas, o apagamento do participante na oração subordinada se dá pelos argumentos P, T e R. Segundo Castro Alves (2021, p. 15) P e T controlam o apagamento de orações encabeçadas pela posiçãoção *nã*, mas R em orações encabeçadas pela posiçãoção *kam*.

(100) a. *hũmre te [ø ih=krẽr nã] a=pupun*
 homem ERG (2) 3=comer.NF LOC 2=ver
 'O homem viu você comendo (a carne).' (Castro Alves, 2021, p. 14)

A P

b. *i=te ihxẽc par [ø rop j-arẽn nã]*
 1=ERG **Ihxẽc** ouvir ø onça PR-contar LOC
 'Eu ouvi o Ihxẽc contando a (história da) onça.'
 (Castro Alves, 2021, p. 15)

R A

c. *i=te ahkrare mã [ø hĩ kur]*
 1=ERG **criança** DAT [3 carne comer.NF

kãm livru j-ðr
 LOC livro PR-dar

'Eu dei o livro para a criança comendo carne.' (idem)

Nas orações acima, podemos verificar que o participante A das orações em subordinação, os quais são apagados nos três exemplos, são controlados por participantes O (100 a), T (100 b) e R (100 c) das orações principais.

No quadro a seguir, sistematizamos as propriedades gramaticais dos argumentos O, T e R, segundo Castro Alves (2021):

Quadro 23 - As propriedades gramaticais dos argumentos O, T e R

	O	T	R
(i). Indexação verbal	Pronomes clíticos pessoais indexados aos verbos.	Pronomes clíticos pessoais indexados aos verbos.	Pronomes não indexados ao verbo.
(ii). Marcação de caso	-	-	Participante marcado pela posposição <i>mã</i> .
(iii). Ordem dos constituintes	A O V	A R T V	A R T V
(iv). relativização	Referência do sintagma relativo por pronomes clíticos indexados ao verbo.	Referência do sintagma relativo por pronomes clíticos indexados ao verbo.	Não são referenciados por pronomes indexados aos verbos, mas por sintagmas posicionados.
(v). Controle do apagamento em orações subordinadas	Controla o apagamento em orações locativas encabeçadas pela posposição <i>nã</i> .	Controla o apagamento em orações locativas encabeçadas pela posposição <i>na</i> .	Controla o apagamento em orações locativas encabeçadas pela posposição <i>kam</i> .

Fonte: adaptado de Castro Alves (2021).

Depois de revisarmos o trabalho de Castro Alves sobre as propriedades gramaticais dos argumentos O, T e R comparativamente, vamos mostrar as orações ditransitivas que

Nos exemplos acima, há mais orações com o verbo *-õr* 'dar' que mostra a forte natureza ditransitiva desse verbo (102a-e). Ademais, há exemplos com o verbo mostrar (*hahkre*) com orações um pouco diferentes por apresentarem mais de um participante posicionado (102f-h), as quais serão melhor exploradas nas próximas seções deste capítulo. Isso mostra como a classe de verbos ditransitivos pode sofrer variações em sua estrutura gramatical.

Sobre as propriedades gramaticais de relativização e apagamento em orações subordinadas de participantes R e T, importa dizer que não encontramos orações relativas no dicionário com esse tipo de oração. Achamos, porém, dois exemplos de orações subordinadas com verbos ditransitivos:

Ainda sobre os verbos ditransitivos, pudemos verificar propriedades gerais da classe de verbos como, por exemplo, os clíticos nominalizadores, o modo irrealis, a modalidade avaliativa e partículas aspectuais. Listamos abaixo esses exemplos:

Clíticos nominalizadores

114. a. *h=ũjahkre=xà*
 3=mostrar=NMLZ
 'Promessa.' (Grupp, 2015, p. 192)
- b. *j-ahkre=pej=catê*
 PR-saber=ser.bom=NMLZ
 'Pessoa sábia.' (Grupp, 2015, p. 61)

Modo irrealis

115. *cu=te ipyrjàpên* *quê* *ha* *i=mã* *cu=gõ*
 3=ERG COND 3 IRR 1=DAT 3=dar
 'Se ele a achou, vai me dá-la.' (Grupp, 2015, p. 145)

Modalidade avaliativa

116. a. *ca ha a=tỳj to h=ahkre*
 2 IRR 2=ser.forte POSP 3=mostrar
 'Você tem que estudar bem/mesmo.' (Grupp, 2015, p. 190)

b. *cu=pê hahkre kêatre*
 3=POSP mostrar ser.ruim
 'Ele não é educado. Ele é inculto, sem instrução.' (Grupp, 2015, p. 61)

Partículas Aspectuais

117. a. **ramã** *cu=te wapo to h=ũjahkre*
já 3=ERG faça POSP 3=mostrar
 'Ele já prometeu dar o facão.' (Grupp, 2015, p. 192)

Neste capítulo, mostramos as propriedades gerais dos tipos de verbos no Canela. Sobre os trivalentes, atestamos as características próprias da classe como aspecto, tempo, entre outras. Uma propriedade ainda não explorada, mas muito importante é a valência, a qual será analisada mais intensamente no próximo capítulo.

Capítulo 3: Mudança de valência no Canela

Entre os temas frequentes nas pesquisas em estudos linguísticos de descrição gramatical, pode-se citar a relação entre estratégias gramaticais de mudança de valência e traços funcionais para esses contextos de alternância como um assunto recorrente. Nesse sentido, entender os contextos funcionais - aspectos lexicais e traços semânticos de grupos de verbos - que orientam a possibilidade e/ou necessidade de se mudar a estrutura argumental de itens desse grupo é uma das tarefas da investigação linguística em uma língua. Dessarte, é indubitavelmente relevante que apresentemos, nesse capítulo, os resultados obtidos com a busca pela relação entre tipos de verbos e mudança de valência que realizamos para o Canela.

Até o momento, apresentamos um panorama teórico sobre mecanismos de mudança de valência presente, em diversas línguas do mundo, por meio da revisão bibliográfica de autores seminais do campo da tipologia linguística; e um panorama sobre propriedades verbais gerais dos verbos no Canela, em que exploramos categorias morfossintáticas que perpassam a classe e diferenças internas entre subgrupos da classe. A partir desse ponto, vamos discutir e levantar hipóteses a fim de encontrarmos a relação entre as singularidades dos subgrupos de verbos e as alternâncias na língua.

Payne (2006, p. 240), ao estudar tipologia de línguas variadas, apresenta algumas possibilidades de aumento ou diminuição de valência nas línguas do mundo como: construções médias, voz passiva, omissão de sujeito, antipassivas, omissão de objeto, demissão de objeto, incorporação de objeto, causativas, aplicativas, alçamento do possuidor, *dative shift* e dativo de interesse.

No que diz respeito à gramática do Canela em específico, Castro Alves (2004, 2014) investigou quatro possibilidades de mudança de valência encontradas na gramática da língua: a detransitivização, a voz média, as causativas e as aplicativas. A exemplo, dispomos os dados abaixo a fim de ilustrar rapidamente essas alternâncias:

Aumento de Valência

- **Causativa:** como orações causativas, estou considerando as construções na língua Apãniekrá que fazem uso do clítico *to=* (causativizador, provavelmente derivado do

verbo ‘fazer’, cuja forma também é *to*) para derivar verbos transitivos de intransitivos. (Castro Alves, 2004, p. 75).

- (1) a. *hĩ x=àr* → b. *a=te hĩ to=h=àr*
 carne PR=ser.cozida 2=ERG carne CAUS=3=ser.cozido
 'A carne é cozida.' 'Você cozinhou a carne.'
 (Castro Alves, 2004, p. 73) (idem)

- **Aplicativa:** nos monovalentes agentivos, o argumento Sa (da oração básica) ocorre na função A na construção derivada (uma aplicativa), e o participante acrescentado é formalmente marcado pela posposição *to*. (Castro Alves, 2004, p. 18)

- (2) a. *a=kôm* → b. *(ca) cô to a=kôm*
 2=beber.NF 2 água INST 2=beber.NF
 'Você bebeu.' (C.A, 2004, p. 75) 'Você bebeu água.' (idem)

Diminuição de valência

- **Detransitivização:** o mecanismo de detransitivização dos transitivos se faz via uso do prefixo *aw-* no verbo (indicando ‘objeto’ genérico). (Castro Alves, 2004, p. 73)

- (3) a. *i=te pryre j=ahêr* → b. *quê ha mẽ aw=j-ahê*
 1=ERG animais PR=caçar 3 IRR PL DTR=PR-caçar
 'Eu cacei animais.' 'Eles vão caçar.'
 (Castro Alves, 2004, p. 78) (idem, adaptado)

- **Voz média:** As construções prototipicamente transitivas têm sua valência reduzida pelo morfema *pi-* (voz média) prefixado ao verbo. (Castro Alves, 2004, p. 71)

- (4) a. *i=te caraw cahêc* → b. *caraw. pi=cahec*
 1=ERG garrafa quebrar.NF garrafa VOZ.MÉDIA=quebrar.NF
 'Eu quebrei a garrafa.' 'A garrafa quebrou.'
 (Castro Alves, 2004, p. 72) (idem, adaptado)

Os exemplos acima mostram as descrições de Castro Alves, realizadas por meio de anos de pesquisa, na estrutura gramatical do Canela, para morfemas clíticos em verbos ou construções especiais quando há uma alteração no número de participantes presentes em orações verbais na língua. No acréscimo de um participante agente a orações monovalentes, por exemplo, há o acréscimo do clítico *to=* ao verbo (1). Por outro lado, no decréscimo de

um participante paciente (3) ou agente (4), há a adição, respectivamente, dos morfemas *aw=* e *pi=*. Outrossim, para indicar a colocação de novos participantes à estrutura argumental verbal, há uma nova estrutura como em (2).

De agora em diante, iniciaremos a discussão para a seguinte questão norteadora de pesquisa: Há alguma restrição lexical para a possibilidade de uso de alguma das quatro estratégias de alternância de valência no Canela?

Essa questão é levantada, uma vez que, em diversas línguas do mundo, é possível encontrar restrições léxico-semânticas para a mudança de valência. Nesse ínterim, cabe lembrar trabalhos como Levin (1990), em que se traçou dezenas de classes de valência para o inglês; como de Mithun (2006), em que se analisou construções de mudança de valência no Mohawk específicos para alguns grupos verbos intransitivos; ou como o de Aikhenvald (2000), em que se verifica a possibilidade de morfemas aplicativos somente a uma classe de monovalentes.

No próximo tópico, iniciaremos nossa pesquisa, no que diz respeito a essa dinâmica (forma e função), na gramática do Canela. Para isso, em (3.1), trataremos das estratégias que a língua emprega para acrescentar participantes agentes - Causativas Morfológicas e Sintáticas - bem como participantes não agentes - Aplicativas; e, em (3.2) trataremos das estratégias que a língua emprega para diminuir participantes - Detransitivização e Voz média.

3.1 Aumento de valência no Canela

Esta seção contém discussões acerca dos mecanismos de mudança de valência em que há o acréscimo de um participante a orações monovalentes: construções causativas e construções com acréscimos de participantes não agentivos.

Convém, antes de apresentarmos a separação de grupos de verbos, revisaremos quais são os mecanismos de mudança de valência descritos para a língua Canela. Com esse intuito, revisaremos os trabalhos de Castro Alves (2004, 2014) em que se encontram análises gramaticais para construções de aumento de valência na língua Canela.

Um estudo sobre propriedades gramaticais do Canela é registrado na tese 'O Timbira falado pelos Canela Apãniekrá: uma contribuição aos estudos da morfossintaxe de uma língua Jê', de Castro Alves (2004). Nesse trabalho, a autora apresenta a análise de características gramaticais da língua desde fonemas e morfemas a orações simples e complexas. Ademais pode-se encontrar nele a descrição de alternâncias de valência em orações simples (causativização, construção applicativa, voz média e detransitivização). Comentaremos as duas

possibilidades de aumento de valência nessa língua a partir de agora - construções causativas (3.1.1) e construções com acréscimo de participantes não agentivos, conhecidas na literatura sobre o Canela como aplicativas (3.1.2).

Depois da revisão sobre trabalhos anteriores da língua, apresentaremos os resultados de pesquisa com novos dados de orações com aumento de valência do Canela a partir da compilação de dados do dicionário Canela (Grupp, 2015) e participação de colaboradores falantes da língua.

3.1.1 Construções causativas

Sobre as construções causativas, sentenças em que um participante *causador* é adicionado a orações simples, Castro Alves (2004) identificou duas estratégias para a língua falada pelos Canela: uma causativização de forma perifrástica e uma causativização de forma morfológica.

Na causativização perifrástica, a língua lança mão do verbo ‘fazer’ adicionado com o acréscimo de um participante agentivo para gerar o sentido causativo (5b); e, na causativização morfológica, há o uso do clítico *to=* com a chegada de um participante agentivo, o que acrescenta também o sentido causativo (6b):

Causativa sintática

		causador		causee			
(5)	a.	<i>i=jôr</i>	→	b.	<i>i=te</i>	[<i>arrigo j-ôr</i>]	<i>nã ih=ton</i>
		1-dormir		1-ERG	Arrigo	PR-dormir	SUB 3= fazer .NF
		'Eu dormi.'			'Eu fiz o Arrigo dormir.'		
		(PDN)			(Castro Alves, 2004, p. 88)		

Causativa morfológica

		causador		causee			
(6)	a.	<i>ih-cacro</i>	→	b.	<i>a=te</i>	<i>cô</i>	to=cacro

3-ser.quente	2-ERG	água	CAUS=ser.quente
'Ele está quente.'		'Você esquentou a água.'	
(PDN)		(Castro Alves, 2004, p. 73)	

É possível atestar nas orações acima duas estratégias gramaticais distintas para uma só função: acrescentar um participante agentivo a uma oração monovalente. Nesse sentido, pode-se notar como, no exemplo (5b), há o acréscimo do verbo *to/ton* 'fazer' como núcleo da oração principal e o verbo monovalente ocorrendo na oração subordinada; e, no exemplo (6b), há o acréscimo do morfema *to=* ao verbo anteriormente monovalente.

Tendo em vista que são postuladas, para a gramática do Canela, duas possibilidades de construções para se adicionar um participante na língua, cabe refletir sobre essa distinção entre as estruturas: será que haveria alguma diferença funcional para a ocorrência dessas duas estratégias? Para responder o questionamento, realizamos a compilação de orações causativizadas no dicionário Canela e trabalhamos com esses casos com colaboradores Canela.

- **Tipos de verbos e causativas sintáticas**

No que se refere à possibilidade de se realizar causativas sintáticas na língua, o primeiro registro desse tipo de construção é encontrado em esboços gramaticais de missionários do SIL (Popjes & Popjes, 1986). Nesse esboço, encontra-se o emprego de orações subordinadas com o verbo *to/ton* 'fazer' suscitando a semântica de causativização.

(7) *Capi te [i=j-ðt na] i=ton*
 Capi ERG 1=PR-dormir SUB 1=fazer
 'Capi me faz dormir.' (Popjes & Popjes, 1986, p. 143, adaptado)

(8) *i=te [i=prõ j-àpên na] ø=ton*
 1=ERG 1=esposa PR-trabalhar.NF SUB 3=fazer.NF
 'Eu fiz minha esposa trabalhar.' (idem)

(9) *Capi te [i=pej na] i=ton*
 Capi ERG 1=ser.bom SUB 1=fazer.NF
 'Capi nos fez bom.' (idem)

Os exemplos, acima, elucidam a estratégia sintática de causativização no Canela. Nesses casos, a língua usa essas formas quando o contexto comunicativo necessita dizer que 'alguém fez alguém fazer algo'. Eles foram utilizados pelos autores a fim de ilustrar como se dá a causativização na língua. É possível verificar que neles se encontram construções sintáticas para a formação da função causativa em (7-9). Além disso, a ocorrência da posposição *na* marcando a fronteira da oração subordinada e o verbo *to/ton* como predicado da oração principal. Percebe-se, desde então, também a possibilidade de causativização sintática em diferentes tipos de verbos: intransitivos (*jõt* 'dormir', *jàpên* 'trabalhar') e descritivos (*pej* 'ser.bom').

Castro Alves (2004, p. 88) identificou também em sua tese a formação de causativas sintáticas na língua, conforme o exemplo que mostramos anteriormente:

- (10) *i=te* [*Arrigo* *j-õt* *na*] *ih=ton*
 1=ERG Arrigo PR-dormir.NF SUB 3=fazer.NF
 'Eu fiz o Arrigo dormir.' (Castro Alves, 2004, p. 88)

Em (10), é possível observar que a mesma construção identificada por Popjes & Popjes para a formação de causativas sintáticas foi descrita por Castro Alves. Nela há a presença do verbo monovalente *-õt* 'dormir' em oração subordinada à oração com o verbo *to/ton* 'fazer'.

Tendo como base a construção causativa sintática descrita para o Canela nos trabalhos anteriores, iniciamos uma pesquisa em busca dessas construções com variados tipos de verbos. Essa investigação justifica-se com base em trabalhos tipológicos como o de Dixon & Aikhenvald (2000), em que se postularam restrições léxico-semânticas ou de transitividade para a possibilidade de causativização em diversas línguas do mundo.

A exemplo de restrições léxico-semânticas, Dixon (2000, p. 63) ilustra que, na língua Bahasa (Indonésio), apenas verbos de processo podem receber prefixos causativos; enquanto que, nas línguas Berber, apenas verbos de mudança de estado ocorrem com morfologia causativa. A exemplo de restrições de transitividade, ele exemplifica que, em línguas australianas (Kayardild, Uradhi e Yidiny), apenas verbos intransitivos podem conter certos mecanismos de causativização. Importa salientar que essas restrições tendem a ocorrer no caso de causativas morfológicas e não sintáticas, por isso, veremos como se dá essa dinâmica no Canela.

Para início de uma pesquisa com tal cunho no Canela, buscamos no dicionário Canela

(Grupp, 2015) exemplos de construções causativas sintáticas. Com esse intuito, encontramos os seguintes exemplos com essa estrutura:

- (11) *a=te [ø rop cahhyr na] i=ton*
 2=ERG 3 cão bater.NF SUB 1=fazer.NF
 'Você me fez bater no cachorro.' (Grupp, 2015, p. 8)

- (12) *capêr te [capi mac hyr na] ø=ton*
 Capêr ERG Capi manga tirar.NF SUB 3=fazer
 'Capêr fez Capi tirar as mangas.' (Grupp, 2015, p. 7)

Os três exemplos acima foram encontrados, ao longo do dicionário Canela. Em todos os casos, há o uso do verbo *ton* 'fazer' e posposição *na* no limite da oração subordinada para indicar a realização da ação por um novo participante agentivo. Adicionalmente, verificamos um baixo número de uso de construções causativas desse tipo, tendo em vista o grande número de exemplos da obra, que pode indicar uma lacuna nos dados compilados.

Outro dado interessante que obtivemos com a compilação de dados do dicionário Canela foi uma construção com núcleo do predicado nominal em que há a intenção causativa:

- (14) *wa ha [[jũm kra]i ata] tê*
 1 IRR alguém criança DEM escolher

ne øi-to i-kritxwỳ
 e 3=inst 1-compadre

'Eu vou escolher a criança de alguém e fazer (com ela) meu compadre.' (idem, p. 136)

O exemplo (14) apresenta uma ocorrência não muito comum do uso do morfema *to* em função análoga à causativização de verbos na língua Canela. Registramos, contudo, a necessidade de testes para corroborar estruturas como essa dentro dos tipos de causativização na língua.

No intuito de buscarmos mais contextos com causativização sintática, trabalhamos com alguns verbos com colaboradores Canela. Separamos, para isso, alguns verbos de diferentes - intransitivos (*apê* 'trabalhar', *amti* 'sonhar'), transitivos (*xèn* 'gostar', *cakré* 'coçar'), com sujeito dativo (*ajkra* 'assustar') e descritivos (*tỳj* 'ser.forte' e *hajore*

'ser.redondo') - para a pesquisa. Pedimos que eles reproduzissem orações com o acréscimo de participantes com o fito de encontrar construções causativas e, de fato, encontramos mais exemplos com esses verbos de causativas sintáticas, conforme listados abaixo:

- (15). *ca hane [i=j-àpên na] i=ton*
 2 ser.assim 1=PR-trabalhar SUB 1=fazer
 'Você faz assim, me faz trabalhar.'
- (16). *i=prõ te [i=pimti na] i=ton*
 1=mulher ERG 1=sonhar SUB 1=fazer.NF
 'Minha mulher me fez sonhar.'
- (17). *ca a=te [i=j-ahkĩj na] 2=ton*
 2 2=ERG 1=PR-roubar SUB 2=fazer.NF
 'Você me fez roubar.'
- (18). *apà [i=t}j na] i=ton*
 comida 1=ser.forte SUB 1=fazer.NF
 'A comida me fortaleceu. (lit: a comida me fez forte)'
- (19). *i=te [a=j-ore na] 1=ton*
 1=ERG 2=PR-ser.redondo SUB 1=fazer.NF
 'Eu fiz você ficar redondo.'
- (20). *i=te [a=j-akry na] a=ton*
 1=ERG 2=PR-ser.frio SUB 2=fazer.NF
 'Eu fiz você ficar frio.'
- (21). *hũmre te [rop j-õjahĩr na] ø=ton*
 homem ERG cachorro PR-vomitar SUB 3=fazer.NF
 "O homem fez o cachorro vomitar."
- (22). *wa i=te [a=rop cakrên na] a=ton*
 1 1=ERG 2=cão coçar SUB 2=fazer.NF
 'Eu fiz você coçar o cachorro.'

Todos os exemplos acima mostram orações com a oração subordinada marcada por *na* e o verbo *to/ton* ‘fazer’ na oração principal, sempre que um novo participante entra no contexto. É importante ressaltar que esses contextos sintáticos não são encontrados com facilidade ao elicitarem dados. É preciso, no entanto, trazer à tona a construção para que sejam formulados dados com ela. Em todo caso, a amostra serviu para indicar que variados tipos de verbos no que diz respeito à sintaxe (intransitivos, descritivos e transitivos) e à semântica (ação, estado, cognição) podem ocorrer na estrutura de causativas sintáticas.

Outra constatação a se notar sobre as causativas sintáticas é que elas mantêm a estrutura argumental do verbo, isto é, quando um verbo possui marcação diferencial de argumentos com posposições, ele continua com essa marcação quando causativizado, como nos exemplos coletados abaixo:

(23). *i=te [a=mã cumxê xen na] a=ton*
 1=ERG 2=DAT bacuri gostar SUB 2=fazer.NF
 'Eu fiz você gostar de bacuri.'

(24). *ca a=te [i=mã i=pikrar na] i=ton*
 2 2=ERG 1=DAT 1=assustar SUB 1=fazer.NF
 'Você fez eu me assustar.'

Em (23) o verbo *xen* 'gostar' marca o experienciador com a posposição dativa *=mã*, assim como em (24) o verbo *pikrar* 'assustar-se' também arrola tal marcação.

Com a visita a trabalhos anteriores, a compilação de dados do dicionário Canela e a ajuda de colaboradores falantes da língua, pudemos corroborar algumas hipóteses sobre a causativização sintática na língua. Dentre elas, citamos, principalmente, o fato de a estrutura poder ocorrer com qualquer tipo de verbo seja descritivo, seja intransitivo, seja transitivo. O quadro abaixo sintetiza as possibilidades de tipos de verbos em que encontramos a causativização sintática:

Quadro 24 - Tipos de verbos e causativização sintática

Transitivos	Intransitivos	Descritivos	Verbos com Sujeito Dativo
<i>cahhyr</i> 'bater'	<i>ahkīj</i> 'roubar'	<i>jakry</i> 'ser.frio'	<i>pikrar</i> 'assustar'
<i>hyr</i> 'tirar'	<i>japên</i> 'trabalhar'	<i>jōjahĩ</i> 'vomitar'	
<i>xen</i> 'gostar'	<i>pimtir</i> 'sonhar'	<i>pej</i> 'ser.bom'	
		<i>tỳj</i> 'ser.forte'	
		<i>ajore</i> 'ser.redondo'	

É possível observar com a pesquisa sobre tipos de verbos e construções causativas sintáticas que ela é formada a partir de qualquer tipo de verbo no que diz respeito à transitividade, conforme pode ser visto no quadro acima. Em adição, deve-se comentar também como verbos com traços semânticos distintos: '*japên*' trabalhar (ativo), '*pej*' ser bom (estativo), '*pikrar*' assustar (psicológico).

O Canela, portanto, assim como inúmeras línguas pesquisadas por Dixon & Aikhenvald (2000), possibilita a causativização perifrástica com vários tipos de verbos (intransitivos, descritivos e transitivos). Em conclusão, a pesquisa corrobora que a possibilidade de construção causativa de maneira sintática é utilizada indiferentemente à transitividade ou à semântica.

A seguir investigaremos as causativas morfológicas na língua.

- **Tipos de verbos e causativas morfológicas**

Sobre a causativização morfológica, Castro Alves (2004) descreve que ela ocorre com o uso de um clítico *to=* em verbos do tipo descritivo (So), quando um novo participante agente é acrescentado em uma oração monovalente. O exemplo (25), logo abaixo, ilustra uma

causativização prototípica no Canela em que o verbo *jakry* 'ser frio' é marcado pelo clítico *to=*, se utilizado em um contexto com um novo participante agentivo (*i=* 'eu'):

- (25). a. *cô h=akry*
 água 3=ser.frio
 'A água é fria.(lit: a água, ela é fria)' (PDN)
- ↓
- causador causee**
- b. *i=te cô to=h=akry*
 1=ERG água CAUS=3=ser.frio
 'Eu esfriei a água.' (C.A, 2004, p. 74, adaptado)

Vemos em (25) que o único argumento de uma oração monovalente (*cô* 'água') ocupa a posição típica do outro argumento de verbos transitivos (O) com o acréscimo de um novo participante (causador). Em orações causativas com verbos descritivos, o *causee* (*cô* 'água') aparece entre o *causador* e o verbo. O pronome preso *h-* (3ª pessoa) é um pronome não referencial, haja vista a possibilidade de não corresponder a nenhum referente na oração.

O exemplo (25) apresenta uma ocorrência não muito comum do uso do morfema '*to*' em função análoga à causativização de verbos na língua Canela. Registramos, contudo, a necessidade de testes para corroborar estruturas como essa dentro dos tipos de causativização na língua.

Não é difícil observar também com o mesmo exemplo que os verbos descritivos (So) cuja semântica tende a ser estativa proporcionam a criação de um significado de evento, com a adição de um participante com papel semântico de agente. E isso também foi postulado em Castro Alves (2004).

Em síntese, as construções causativas no Canela podem ser formadas de forma perifrástica, com o uso do verbo *to/ton* 'fazer', e de forma morfológica, com o emprego do clítico *to=*.

Sabemos, até o momento, pelos estudos anteriores sobre a língua, que a causativização sintática no Canela independe do tipo de verbo, haja vista a possibilidade supracitada de verbos descritivos (So), intransitivos (Sa) e transitivos ocorrerem em construções perifrásticas. A causativização morfológica, todavia, aparentemente, depende do

verbo ser descritivo (So). Isto posto, acreditamos que a investigação de classes de valência no Canela, proposta nesta tese, poderá contribuir para entender melhor a possível restrição semântica em construções causativas morfológicas na língua.

A construção causativa no Canela, conforme estudamos, configura-se por ser uma derivação de oração monovalente em que há o acréscimo de um participante agente e do clítico *to=*. Os estudos gramaticais sobre a língua apontam a necessidade de o verbo ser descritivo (So) para que haja a formação de uma ideia eventiva com a adição de um *causer*.

Os exemplos analisados por Castro Alves (2004) trazem quatro verbos descritivos (*hàr* 'ser cozido', *hakry* 'ser frio', *kên* 'ser ruim' e *pej* 'ser bom') em construções causativas com a estrutura comentada anteriormente:

(26) *a=te* *hĩ* *to=hàr*
 2=ERG carne CAUS=ser.cozido
 'Você cozinhou a carne.' (C.A, 2004, p. 74)

(27) *cu* *ha* *pap* *to=mpej*
 1.INCL IRR jirau CAUS=ser.bom
 'Nós vamos consertar o jirau.' (idem, p.90)

(28) *i=te* *cô* *to=hakry*⁷
 1=ERG água CAUS=ser.frio
 'Eu esfriei a água.' (idem, p. 74)

(30) *hũmre te* *môtô* *to=kên*
 homem ERG motor CAUS=ser.ruim
 'O homem estragou o motor.' (idem, p. 59)

Todos os exemplos acima possuem a estrutura causativa prototípica no Canela: respectivamente, há um *causer* (*a=* 'você', *cu=* 'nós', *i=* 'eu' e *hũmre* 'homem') que age sobre um *causee* (*hĩ* 'carne', *pap* 'jirau', *cô* 'água' e *môtô* 'motor') e exibem um clítico *to=* ao verbo descritivo.

O aspecto fundamental a considerar, quando se observa os exemplos de 26 ao 30, é que a derivação do significado eventivo a partir de um descritivo - ser cozido/cozinhar, ser bom/consertar, ser frio/esfriar, ser ruim/estragar - acontece em verbos do tipo estativo. É

⁷ Decidimos não segmentar uma possível terceira pessoa nesses verbos que iniciam com a consoante *h*, já que o contexto sintático e semântico não requer tal divisão, pois ele não é referenciável.

importante ressaltar que a maioria dos descritivos no Canela possui a semântica estativa, mas não toda a classe. Barros & Castro Alves (2021) realizaram uma pesquisa sobre os traços semânticos de descritivos no Canela. Nessa pesquisa, os autores evidenciaram que, em um conjunto de 177 descritivos, 125 apresentaram o traço semântico [+ estado], enquanto 52 apresentaram o traço semântico [+ evento]:

'Com a aplicação da metodologia empregada por Mithun (1991, 2008), chegamos à seguinte conclusão: os traços [evento] e [P/E/I] são definidores do padrão encontrado na língua. Isso se verifica uma vez que os resultados encontrados em relação aos verbos descritivos mostram um inventário cuja maioria denota significado [-evento] e [-P/E/I], enquanto verbos intransitivos possuem um inventário cuja maioria denota significado [+evento] e [+P/E/I]. Esses resultados indicam, portanto, que a intransitividade cindida em Canela é motivada pela semântica implícita, e que o Canela exibe um padrão mais ativo-estativo.' (Barros & Castro Alves, 2021, p. 17)

Tendo em vista a necessidade de ter verbos da classe de descritivos como pré-requisito para formação de construções causativas no Canela e, também, que os descritivos na língua podem ter a semântica tanto eventiva quanto estativa, a pergunta que fazemos é: o aspecto lexical verbal é também preponderante para a causativização morfológica no Canela? Em busca de respondermos essa questão, realizamos a primeira investigação com verbos em construções causativas com a compilação de exemplos no dicionário da língua.

Por meio da busca de construções causativas no dicionário Canela (Grupp, 2015), nos deparamos com nove verbos, dentre os 385 exemplos com o *to=*. Isto é, sentenças que possuem a estrutura de causativas morfológicas na língua. Com isso, adicionamos mais exemplos que atestam a presença do aspecto léxico-estativo nesse tipo de construção.

Ou seja, o verbos que encontramos também são descritivos com o traço semântico [+ estado]: *hàr* 'ser cozido', *kên* 'ser ruim' e *tỳj* 'ser forte'. A sentença que compilamos com o verbo descritivo *hàr* 'ser cozido', por exemplo, indica, perfeitamente, a função causativa em uma oração com acréscimo do clítico *to=*.

Em (31), o descritivo que recebe o clítico *to=* é usado para indicar a ação de um causer (*wa* '1ª pessoa') agindo sobre o causee (*arỳjhy* 'arroz') e modificando o sentido original do descritivo de estado para evento:

(31) *wa apu arỳjhy to=hàr*
 1 PRG arroz CAUS=ser.cozido

'Eu estou cozinhando o arroz.' (Grupp, 2015, p. 17)

Além do exemplo acima, podemos observar o uso da construção causativa em quatro exemplos com o verbo *kên* 'ser ruim' cuja função causativa também se faz presente:

- (32) *ca ampo to=ihkên nare*
 2 algo CAUS=ser.ruim NEG
 'Não faça coisas más.' (Grupp, 2015,p.194)
- (33) *quê rop nã pyxit apu a=to=ihkên*
 3 cachorro algum um PRG 2=CAUS=ser.ruim
 'Um outro cachorro vai fazer mal a ti.' (idem, p. 124)
- (34) *cawrô te (pry) cahti kam prejaka to=ihkên*
 cavalo ERG caminho meio LOC Prejaka CAUS=ser.ruim
 'O cavalo meteu-se (no caminho) com Prejaka, prejudicando-o.'
 (idem, p. 104)
- (35) *jũm ata te ampo to=ihkên*
 homem DEM ERG algo CAUS=ser.ruim
- ipipân kam amji j-akraj nare kam*
 bêbado LOC RFL PR-ser.respeitado NEG LOC
- 'Este homem fez alguma coisa ruim, sem saber, bêbado.'
 (idem, p. 17)
- (36) *capi te tapan to=ihkên=re nare*
 Capi ERG troca CAUS=ser.ruim=DIM NEG
 'Em troco com isso/ para o restituir. Capi não prejudicou a troca.'
 (idem, p.184)

Colocados os exemplos acima, percebemos o uso recorrente do descritivo *ihkên* 'ser ruim' em situações que implicam um participante agente (*ca* 'você', *cawrô* 'cavalo', *jũm* 'homem', *Capi*) causando o mal a alguém. Isto é, os contextos que podemos deduzir com as traduções livres trazem a função de estragar ou prejudicar outro participante: 'não faça coisas

ruins', 'outro cachorro vai fazer mal a ti', 'o cavalo prejudicou Prejaka', 'este homem fez algo ruim', 'Capi não fez mal para ele'.

Os exemplos (32-36) também nos levam a crer que não há distinção de estrutura causativa em contextos que o *causador* age de forma intencional ou não. Apesar de Dixon & Aikhenvald (2000) listarem a ação intencional do *causador* como um possível motivador de estratégias de causativização distintas, os exemplos (33) 'um outro cachorro vai fazer mal a ti' e (35) 'este homem fez algo ruim, sem saber' deixam a percepção que a ação do novo participante, no mesmo tipo de causativização, pode ser intencional ou não.

A observação de novos exemplos de causativização morfológica no dicionário Canela corrobora, até o momento, as descrições anteriores sobre a língua. No que diz respeito ao papel semântico do participante *causador*, em todos os exemplos temos um novo participante agente. E, no que diz respeito ao aspecto lexical do verbo causativizado, em todos os exemplos temos um aspecto originalmente estativo:

Quadro 25 - Tipos de verbos e causativização morfológica

Intransitivos	Descritivos
X	<i>akry</i> 'ser.frio'
	<i>àr</i> 'ser cozido'
	<i>kên</i> 'ser ruim'
	<i>pej</i> 'ser.bom'
	<i>tỳj</i> 'ser.forte'

Os exemplos com construções causativas morfológicas, conforme é exemplificado no quadro acima, compilados de forma bibliográfica em trabalhos anteriores da língua e no dicionário Canela, implicam a presença de um verbo descritivo com o traço semântico [+estado].

Castro Alves (2014), por exemplo, afirma que os verbos descritivos são propícios para a causativização morfológica. Lembramos, no entanto, que os verbos descritivos tendem a ser majoritariamente estativos, mas possuem um grupo que são ativos (Barros & Castro Alves, 2021). Dessa maneira, buscamos com colaboradores Canela mais dados de causativização morfológica a fim de verificar a restrição para o grupo de descritivos ou para o grupo de descritivos estativos.

Com descritivos estativos, conseguimos encontrar de forma fácil a estrutura esperada para causativas morfológicas na língua. Exemplificamos abaixo dados com esses descritivos com acréscimo do clítico *to=* à raiz verbal e acréscimo de um participante agentivo:

(37) *hũmre ita cô to=cacro*
 homem DEM água CAUS=ser.quente
 "O homem esquentar a água."

(38) *cuhy cô to=horhot*
 fogo água CAUS=ferver
 "O fogo ferve a água."

Diferentemente dos dados acima que possuem tal mecanismo de alternância de valência, as tentativas de encontrar mais dados de causativas morfológicas com grupos ainda não identificados como intransitivos ou descritivos ativos não foram bem sucedidas. Isto é, sempre que tentamos elaborar contextos para o acréscimo de participantes agentivos em verbos intransitivos ou descritivos ativos não obtivemos a estrutura de causativização morfológica - acréscimo do clítico *to=* à raiz verbal - como ocorre com descritivos estativos.

Ao tentarmos obter causativas morfológicas com verbos descritivos ativos como, por exemplo, 'mentir' (*hêj*) ou 'sair' (*cator*), também não chegamos à estrutura causativa morfológica esperada (*to=*Verbo.descritivo). Sempre que tentamos inserir um novo participante agentivo, encontramos a causativa sintática (39):

(39) a. *wa i=te ih=kra caràr na ø=ton*
 1 1=ERG 3=criança gritar SUB 3=fazer
 "Eu fiz a criança gritar."

b. *wa i=te paulo cakôc na ø=ton*
 1 1-ERG Paulo falar SUB 3=fazer.NF
 "Eu fiz o Paulo falar."

Em resumo, com a pesquisa sobre causativização de verbos no Canela, chegamos à conclusão que a causativização de verbos, de forma morfológica, se dá exclusivamente com verbos descritivos do tipo estativo, como mostra o quadro a seguir:

Quadro - 26 - Tipos de verbos e causativização morfológica

Intransitivos	Descritivos	
X	<u>Estativos</u>	<u>Ativos</u>
	<i>hakry</i> 'ser.frio'	X
	<i>hâr</i> 'ser cozido'	
	<i>cacro</i> 'ser. quente'	
	<i>horhot</i> 'ferver'	
	<i>kên</i> 'ser ruim'	
	<i>pej</i> 'ser.bom'	
	<i>tÿj</i> 'ser.forte'	

Ao observar a dinâmica entre tipos de verbos e causativização no Canela, podemos postular que: (i). a causativização sintática se dá com qualquer tipo de verbo no Canela; (ii). a causativização morfológica se dá com verbos descritivos estativos somente. Na próxima seção, discutiremos os verbos que acrescentam participantes não agentivos marcados por posposições.

3.1.2 Acréscimo de participantes não agentivos

Na subseção anterior, vimos que o acréscimo de participante agentivo na língua Canela pode ocorrer, gramaticalmente, de maneira morfológica ou sintática. Uma outra estratégia, para a mudança no número de participantes de verbos monovalentes, é a adição de participantes não agentivos, os quais são, geralmente, marcados por posposições.

Durante a separação de dados do dicionário, verificamos construções muito comuns na língua que é a formação de orações de verbos intransitivos com dois participantes na língua, em que um é marcado por posposição (40b), como no exemplo a seguir:

- (40) a. *ca mrõr*
 2 mergulhar.NF
 "Você mergulhou." (Grupp, 2015, p. 197)

- [x=to]
 (b). *i=te a=to mrõr*
 1=ERG 2=INST mergulhar.NF
 "Eu mergulhei contigo." (idem)

Nos exemplos acima, é possível notar como se dá o acréscimo de um novo participante não agente a um verbo intransitivo como *mrõr* "mergulhar", a partir da inserção de um constituinte posposicionado por *to*, que marca originalmente um constituinte instrumental. A fim de entender melhor como se dá a dinâmica de adição desses participantes, vamos revisar os trabalhos anteriores sobre o assunto (3.1.2.1), bem como apresentar nosso levantamento de dados desse tipo no dicionário Canela (3.1.2.2).

3.1.2.1 Trabalhos anteriores

Desde os primeiros esboços sobre a gramática do Canela, foram identificadas orações intransitivas com participantes posposicionados com 'características de orações transitivas', segundo o postulado por Popjes & Popjes (1986, p. 130) e exemplificado abaixo:

- [x=POSP]
 (41) *i=te a=mã i=cator*
 1=ERG 2=DAT 1=chegar.NF
 'Eu te encontrei (lit: eu cheguei para você).' (idem)

- [x POSP]
 (42) *a=te carà=cahàcre to a=pijapar*
 2=ERG ovelha INST 2=criar.NF
 'Você criou as ovelhas.' (idem)

Nos exemplos (41-42), há a presença de novos participantes, assinalados por posições - *mã* 'dativo' e *to* 'instrumental' -, a verbos monovalentes.

O morfema *to* não parece se comportar como uma posposição comum, haja vista não só a grande produtividade de contextos que ocorre, mas também como ele marca participantes em diferentes contextos léxico-semânticos.

É importante mencionar que há vários sintagmas posicionados por diferentes posposições (*kam* 'locativo', *mã* 'dativo', *na* 'locativo', *pê* 'malefactivo', *wỳr* 'direcional') que operam na língua. Todos esses sintagmas, no entanto não possuem a multifuncionalidade dos posicionados por *to*. No caso das demais posposições, há claramente a semântica da relação estabelecida por elas:

- [x **mã**]
- (43) *quê ha ma naBar mã tẽ*
 3 IRR DIR Barra DAT ir
 'Ele já vai novamente para Barra.' (Grupp, 2015, p. 180)

- [x **kam**]
- (44) *mã xawrô pjê kam ih=pỳm*
 CTFG Saulo chão LOC 3=cair.NF
 'E Saulo cai no chão.' (Grupp, 2015, p. 126)

- [x **na**]
- (45) *pyjê na me=ntoj*
 mulher LOC PL=dançar
 'dança das mulheres no pátio.' (Grupp, 2015, p. 6)

- [x **pê**]
- (46) *a=te hitô=kà to kry pê g=àmtàr*
 2=ERG camisa INST frio LOC 2=proteger-se.NF
 'Você protegeu-se contra o frio com uma camisa.' (p. 68)

- [x **wỳr**]
- (47) *wa ha ma pur wỳr tẽ*
 1 IRR DIR roça DIR ir
 'Eu vou para a roça.' (Grupp, 2015, p. 128)

Nos exemplos acima, percebe-se como sintagmas oblíquos marcados por várias posposições podem ser adicionados a estrutura monovalente, sem qualquer comprometimento

morfossintático ao verbo principal, o que é esperado na gramática de qualquer língua.

Popjes & Popjes (1986) notam o uso da posposição *to* acrescentada como um sintagma oblíquo comum como nos exemplos a seguir:

- (48) *cu=te to i=rĩt*
3=ERG INST 3=ver
'Ele olhou com isso.' (Popjes & Popjes, 1986, p. 187, adaptado)

- (49) *a=te penhóc cucwỳr=ti to a=têm*
2=ERG borracha roda=AUM INST 2=ir.NF
'Você foi com o seu veículo de borracha.' (idem)

Diferentemente de (48-49), em muitas orações, o sintagma *x-to* possui um distanciamento da função de oblíquo instrumental comum. Esses casos de acréscimo dos participantes posicionados por *to* que parecem ser mais argumentos do que oblíquos foram analisados em pesquisas recentes realizadas por Castro Alves.

Castro Alves (2014) verificou que sintagmas posposicionais com o morfema '*to*' se comportam gramaticalmente como argumentos, no que se refere ao controle de correferência, reflexivização, apagamento em imperativas e ordem dos constituintes. Alguns exemplos desse tipo de estrutura presentes nos trabalhos de Castro Alves (2004, 2014) podem ser visualizados a seguir:

- (50) *wa ha ma a=to tẽ carorin wỳr*
1 IRR DIR 2=INST ir Carolina DIR
"Eu vou levar você para Carolina." (Castro Alves, 2004, p. 76)

- (51) *a=têm=xà kãm wa ha a=to apac*
2=ir.NF=NMZ LOC 1 IRR 2=INST lembrar
'Quando você for embora, eu vou sentir saudades suas.' (idem, p. 76)

Os exemplos acima trazem verbos originalmente intransitivos (Sa) (*tẽ* 'ir' e *apac* 'lembrar') com um novo participante posicionado (*a=to*). Para a análise dessas construções presentes em Castro Alves (2014), é necessário lembrar que os verbos que

ocorrem com essa estrutura são intransitivos do tipo Sa, ou seja, apresentam um argumento externo ao sintagma verbal. Além disso, o participante posposicionado adicionado pode ter papel semântico diverso: *a=to* (50) tem papel de associativo e *a=to* (51) de tema.

Castro Alves (2004), já na tese sobre a gramática do Canela, anterior ao trabalho de 2014, também havia observado construções com verbos intransitivos monovalentes que fazem uso de um novo participante posposicionado. Importante mencionar que esses sintagmas posposicionados se comportam como se fossem também argumentos que o verbo seleciona. A autora cita alguns exemplos desse uso como o transcrito a seguir:

- (52) a. *a=kôm* → b. (ca) *cô to a=kôm*
 2=beber.NF 2 água INST 2=beber.NF
 'Você bebeu.' (C.A, 2004, p. 75) 'Você bebeu água.' (idem)

O exemplo (52b) ilustra o acréscimo de um participante posposicionado (*cô 'água'*) a uma oração intransitiva (52a). Cabe dizer que a autora também relaciona esse participante com o outro argumento de orações prototípicas transitivas. Até o momento, vimos que a percepção de que orações intransitivas com acréscimo de um participante, o qual não é o *causador* por não ser agentivo, serem orações com aumento de valência é suscitada pelo fato de esses participantes, marcados pela posposição *to*, ocuparem posição semelhante, no que diz respeito ao comportamento gramatical, a argumentos verbais. Logo, haveria o uso de participantes posposicionados, os quais geralmente exibem marcação oblíqua, como argumentos verbais, ou seja, há um aumento de valência.

Uma discussão mais ampla sobre as construções aplicativas foi realizada por Castro Alves (2014). Nesse trabalho, ela elencou alguns comportamentos gramaticais - controle de correferência (53), apagamento em imperativas (54), reflexivização (55) e ordem dos constituintes (55) - próprios de argumentos e identificado em sintagmas posposicionados com o *to* (*x-to*):

- (53) *mehwej ih=tỳj hemet nã (to) me ih=hy*
 velhos 3=ser.forte remédio LOC fazer PL 3=semente

to me [cacô]j (to) ne me [ø]j to ikõ
 INST PL líquido fazer e PL 3 INST beber

ih=tu=xà to hamre=xà caxuw

3=barriga=dor INST acabar=NMZ POSP

'Os velhos fazem remédio. Eles fazem suco com castanha e a gente (o) bebe. Serve para acabar com a dor de barriga.' (Castro Alves, 2014, p. 8)

[x to]

(54) *[rop to] apêt*

cachorro INST assustar

'Assuste o cachorro.' (idem)

[x to]

(55) *i=te [rop to] i=jàpêt*

1=ERG cachorro INST 1=assustar

'Eu assustei o cachorro.' (idem)

Os exemplos acima analisados em Castro Alves (2014) descrevem o sintagma [x-to] adicionado a orações monovalentes em contextos típicos de argumentos verbais na língua como, por exemplo, o apagamento sob correferência (55), o apagamento em imperativas (56) e a ordem do constituinte (A-O-V) (57).

O termo 'aplicativa' é encontrado na literatura, geralmente, para classificar alternâncias de verbos intransitivos para transitivos por meio do alçamento de sintagmas periféricos a posições argumentais e ele foi empregado, à época, pela autora para nomear essas construções na língua Canela. Quando comparamos as duas construções, podemos verificar diferenças funcionais e formais. Sistematizamos no quadro 2 a diferença entre as formas de aumento de valência de acordo com os trabalhos de Castro Alves (2004, 2014):

Quadro 27 - Comparação entre causativas morfológicas e aplicativas

Tipo de verbo monovalente	Status do único argumento	Acréscimo do novo participante
Intransitivos (Sa)	O argumento Sa da oração básica ocorre, na construção derivada, numa função paralela ao A das orações básicas divalentes.	O participante acrescentado é formalmente marcado pela posposição <i>to</i> .

	(APLICATIVA)	
Descritivos (So)	O verbo da oração básica é formalmente marcado pelo clítico <i>to=</i> na oração derivada. (CAUSATIVA MORFOLÓGICA)	O novo participante é introduzido numa função paralela ao A das orações básicas divalentes.

fonte: Castro Alves (2014, adaptado).

Por meio da comparação acima entre os dois mecanismos de aumento de valência no Canela, descritos até o momento, visualizamos o uso de morfemas *to*, os quais podem ser relacionados diacronicamente, mas que possuem contextos e funções síncronicas distintas na atualidade. Como regra geral, verbos descritivos recebem esse morfema como clítico em construções com acréscimo de um *causador* e verbos intransitivos o recebem em sintagmas posposicionais com semântica não agentiva.

É necessário dizer que não pudemos realizar o mesmo número de testes, durante essa pesquisa, que a autora realizou para atestar as propriedades argumentais desses novos participantes. Todavia, realizamos, na próxima seção, a separação de orações intransitivas com sintagmas posposicionados, de acordo com o tipo de verbo, com a semântica e com a posição a fim de registrar esses contextos sintáticos, além de formar uma base de dados para futuras pesquisas na língua.

3.1.2.2 Dados do Dicionário

Em nossa busca por orações intransitivas com adição de participantes posposicionados no dicionário Canela, pudemos verificar a grande variabilidade no que diz respeito ao aspecto do verbo - movimento, psicológico, ação, emoção... - que agrega esses participantes, bem como à semântica da relação entre eles e a posição (instrumental, benefactivo, malefactivo, companhia...).

Separámos, por conseguinte, as orações intransitivas que possuem a adição de um sintagma posposicional com o morfema *to* no acervo do dicionário Canela. Ressaltamos mais uma vez que o morfema *to* não parece se comportar como uma posição comum, haja vista, não só a produtividade já comentada, mas também como ele marca participantes em diferentes contextos léxico-semânticos.

Para a separação dos dados, utilizamos a separação de tipos de verbo presente em Payne (2007, p. 111): estado, processo, movimento, posição, ação, ação-processo, factivo, cognição, sensação, emoção, elocução e manipulação.

Os exemplos acima trazem verbos intransitivos com adição de um participante posposicionado com semânticas diversas: *h-ũkra to* 'suas mãos' [tema], *a=to* 'te' [paciente], *tep to* 'com peixe' [instrumental], *ampo to* 'coisas' [tema] e *a=to* 'contigo' [associativo]. Ademais, é possível notar que alguns mantêm claramente a semântica instrumental da posposição como no exemplo (58) e, em outros casos como em (59) se distancia muito desse sentido.

Um verbo intransitivo (*antuw/pĩntuw* 'mudar') encontrado em construção com acréscimo do sintagma [x-to] apresenta o aspecto lexical de ação-processo, ou seja, uma ação que indica a mudança:

- (61) *cu=te* **[X=POSP]**
 ø=to *i=pintuw*
 3=ERG 3=INST 3=mudar
 "Ele o/a mudou." (Grupp, 2015, p. 196)

O exemplo acima traz um verbo intransitivo com adição de um participante posposicionado (*ø-to*) com papel semântico de paciente. Outrossim, dois verbos (*aptõ/hàptõ* 'preocupar' e *hapac* 'lembrar') encontrados em construção desse tipo apresentam o aspecto lexical de cognição:

- (62) *wa* **[X=POSP]**
 a=to *aptõ*
 1 2=INST preocupar
 "Eu me preocupo por causa de você." (Grupp, 2015, p. 74)

- (63) **[X=POSP]**
 a=to *i=j-apac=xà*
 2=INST 1=PR-lembrar=NMZ
 "Eu estou com saudades de você." (idem, p. 69)

Os exemplos acima trazem verbos intransitivos com adição de participantes posposicionados com o papel semântico de tema (*a=to* 'de você'). Três verbos (*mõ* 'ir', *pôj* 'sair' e *tẽ* 'ir') encontrados em construção com o acréscimo apresentam o aspecto lexical de movimento:

- (64) *amxy te i=caxwỳr ne ma a=to mōr*
 vespa ERG 1=picar e DIR 2=INST ir.NF
 [X=POSP]
puro ne a=caxwỳr
 diretamente e 2=picar

'As vespas picaram-me e foram diretamente picar você também.'
 (Grupp, 2015, p. 77)

- (65) *pahhi quê ha Nabar pin cato ne ampo to pōj*
 chefe 3 IRR barra LOC chegar e algo INST sair
 [X POSP]
 'O cacique vai chegar de Barra e trazer alguma coisa.' (idem, p. 196)

- (66) *cu=te ahna me h=àhwỳ ne kre wỳr me ø=to tẽ*
 3=ERG 3+LOC PL 3-carregar e buraco DIR PL ø=INST ir
 [X=POSP]
 'Eles o carregaram para o cemitério.' (idem, p. 4)

Os verbos acima mostram como o acréscimo dessa participante *x-to* pode ser adicionado a orações monovalentes com o aspecto de movimento de forma a trazer participantes com papel semânticos variados (comitativo, instrumental, direcional...).

Em oportunidade de trabalho com colaboradores Canela, confirmamos os dados do dicionário Canela, de forma que coletamos os seguintes dados de verbos intransitivos com acréscimo do participante posicionado por *to*:

- (67) a. *i=jàjkĩj*
 1=roubar
 'Eu roubei.'
 ↓
 b. *a=kam wa i=te kaj to i=jahkĩj*
 [X POSP]

- (73) [X POSP]
wa me=cahãj to i=j-àkrun
 1 PL=mulher INST 1=PR-dançar.NF
 'Eu danço com as mulheres.'

Os dados obtidos e exemplificados acima mostram como vários exemplos de verbos intransitivos com acréscimo de [x-to]. Ademais, os exemplos evidenciam como o aspecto lexical é diverso, pois construções com verbos de vários tipos - ação 'dançar', movimento 'ir', processo 'mudar' - podem ter essa mesma formação. Cabe comentar que alguns casos, como em (71) e (73), a semântica instrumental é clara e em outros, como em (72) não tão perceptível.

Como vimos até o momento, essas construções com acréscimo de participantes não agentivos estão presentes em vários tipos de verbos intransitivos (Sa). Mas isto não quer dizer que são exclusivas desse grupo. Ao separarmos os exemplos do dicionário Canela, nos deparamos com verbos descritivos (So) em estruturas similares. Apresentamos, a seguir, exemplos de descritivos nessas construções (76b, 77, 78b e 79b):

- (76) a. *apu a=hêj*
 PRG 2-mentir
 'Você está mentindo.' (Grupp, 2015, p. 48)

↓

[X=POSP]

- b. *ame i=to ih=hêj*
 PL 1=INST 3=mentir
 'Eles contaram mentiras sobre mim.' (Grupp, 2015, p. 113)

[X=POSP]

- (77) *cu=te me a=mã i=to ih=hêj catêjê*
 3=ERG PL 2=DAT 1=INST 3=mentir povo
 '... Aqueles que mentiram para vocês sobre mim.' (idem, p. 113)

- (78) a. *amxy cutor*
 vespas ir.embora.NF
 'As vespas foram.' (Grupp, 2015, p. 54)

↓

[X=POSP]

- b. *wa* *ha* ***ampo to*** *i=cuto*
 1 IRR **algo** INST 1=ir.embora
 'Eu vou partir com as coisas.' (idem, p. 190)

- (79) a. *quê* *ha* *jamã* *toyota cato*
 3 IRR EVD Toyota chegar
 'Parece que a Toyota vai chegar.' (Castro Alves, 2004)

↓

- b. *i=te* [X POSP]
 1=ERG ***wapo to*** *i=cator* *cakrô*
 face INST 1=ir.NF apesar
- nee* *me* *hũkàr* *nare*
 NEG PL comprarNF. NEG

'Apesar de eu trazer facões, eles não quiseram comprar.'
 (idem, p. 32)

Os três verbos nos exemplos (76-79) são do tipo descritivo, isto é, eles apresentam argumento interno (So): *hêj* 'mentir', *cuto/cutor* 'ir.embora' e *cato/cator* 'chegar/sair'. Apesar de serem morfossintaticamente descritivos, apresentam traço semântico [+ evento]. Sob a classificação de tipos verbais de Payne, classificamos o descritivo *hêj* 'mentir' como um verbo de ação; e os descritivos *cuto/cutor* 'ir.embora' e *cato/cator* 'chegar/sair' como verbos de movimento.

Tudo nos leva a crer, hipoteticamente, haver uma restrição lexical para o uso de construções aplicativas (assim como causativas morfológicas) como estratégia de acomodação de um novo participante. Isso se dá por não termos encontrado ainda descritivos estativos em construções aplicativas, conforme mostra o quadro:

Quadro 28 - Tipos de verbos encontrados em Construções com acréscimo de participante não agente posicionado por *to*

Classe do verbo	Grupo semântico	Verbo	Acréscimo de <i>x-to</i>
Descritivo	Estado	-	-
	Ação	<i>hěj</i> 'mentir'	X
	Movimento	<i>cato/cator</i> 'ir' <i>cuto/cutor</i> 'partir'	X
Intransitivo	Ação	<i>acto/pictor</i> 'perder' <i>ajxê/pixêr</i> 'correr' <i>ahcukê/hàhcukên</i> 'encher' <i>hàhkīj</i> 'roubar' <i>ikō/kōm</i> 'beber' <i>mrō/mrōr</i> 'mergulhar' <i>antuw/pīntuw</i> 'mudar'	X
	Emoção	<i>apêt/hàpêt</i> 'assustar'	X
	Cognição	<i>ampo/pimpoc</i> 'mudar de ideia' <i>aptō/hàptō</i> 'temer' <i>apac</i> 'lembrar'	X
	Movimento	<i>mō/mōr</i> 'ir' <i>pōj</i> 'sair' <i>tē</i> 'ir'	X

O quadro acima sistematiza os tipos de verbos dentro do grupo de intransitivos (Sa) em que encontramos o acréscimo de um novo participante posicionado. Sobre os verbos intransitivos (Sa), os quais fazem parte vários tipos aspectuais (ação, ação-processo, emoção, cognição e movimento), são típicos nessas construções. Logo, podemos sintetizar melhor a dinâmica entre tipo de verbo e construções aplicativas seria como o demonstrado no quadro que se segue:

Quadro 29 - Tipos de verbos e acréscimo de [x-to]

Intransitivo		Descritivo
		Ativos
acto/pictor 'perder'	caràr "gritar"	cato/cator 'ir'
ahtwỳ "preocupar-se"	ahcukê/hàhcukên 'encher'	cuto/cutor 'partir'
àjkīj 'roubar"	ikō/kōm 'beber'	hêj 'mentir'
ajxê/pixêr 'correr'	mō/mōr 'ir'	
akru/hàkrun 'dançar'	mrō/mrōr 'mergulhar'	
antuw/pīntuw 'mudar	pīntwa 'mudar'	
ampo/pimpoc 'mudar de ideia'	pōj 'sair'	
apac 'lembrar'	pỳm 'cair'	
apêt/hàpêt 'assustar'	tê 'ir'	
aptō/hàptō 'temer'		

Na tabela acima, pode-se verificar que verbos intransitivos (Sa) dos mais variados ocorrem em construções com acréscimo de [x-to], assim como verbos descritivos (So) do tipo ativo. Além disso, muitos desses verbos intransitivos apresentam morfologia diferencial ligada a processos de diminuição de valência como o ahcukê/hàhcukên 'encher.a.boca' ou ahtwỳ 'preocupar-se', os quais serão discutidos na seção 3.2.

3.2 Diminuição de valência no Canela

A redução de um participante na grade argumental de um verbo transitivo pode desencadear modificações lexicais, morfológicas ou sintáticas para a estrutura oracional de uma sentença. Payne (2006) elenca várias possibilidades para a redução de valência como, por exemplo, as construções reflexivas, recíprocas, passivas, antipassivas, médias, anticausativas e, até, a incorporação de objetos. Entre essas várias possibilidades de diminuição de valência, dois mecanismos morfológicos foram apontados em trabalhos anteriores de línguas Jê Setentrionais: a antipassiva e a anticausativa.

Nesta seção, o nosso intuito é discutir a possibilidade de mecanismos para a diminuição de valência no Canela, a qual foi postulada por pesquisas linguísticas anteriores. Abordaremos, para isso, de forma teórica, com a revisão bibliográfica, os dois possíveis mecanismos de redução de participantes encontrados na língua - a construção com morfemas detransitivizadores *aw-/hũ-*, *a-/hà-* (3.2.1) e a construção com o morfema *pi=* (3.2.2) - e, de forma analítica, como a análise dos dados presentes no dicionário Canela (Grupp, 2015) desses mecanismos. Cabe lembrar, ainda, que a investigação desta tese se dá no âmbito da relação entre tipo de verbo e mecanismos de mudança de valência, por isso, discutiremos as classes de verbo em cada um das estratégias de alternância a serem debatidas a seguir.

3.2.1. Construções com morfema detransitivizador

Do ponto de vista de Dixon & Aikhenvald (2000), as línguas do mundo apresentam alguns mecanismos de redução de valência como, por exemplo, construções passivas, reflexivas, recíprocas, anticausativas e antipassivas. Na gramática do Canela, juntamente com outras línguas Jê Setentrionais, encontram-se estudos que postulam alguns desse mecanismos como a possibilidade de haver construção antipassiva derivadas de transitivas, o que exploraremos a seguir.

Na literatura de linguística tipológica, o termo 'antipassiva' foi um termo utilizado, primordialmente, para designar línguas que possuem a demissão de participantes pacientes

em função O de orações transitivas, muito comuns em línguas ergativas, cujo efeito é o reverso da demissão de participantes A em línguas nominativas, conforme narram Cooreman (1994) e Dixon (1994). Atualmente, é comum a utilização do termo para a detransitivização de verbos transitivos por meio da demissão do participante O (outro argumento de orações transitivas).

Segundo Dixon & Aikhenvald (2000, p. 9), antipassivas são construções em que: (i). o participante O é demovido ou apagado; (ii). o participante A torna-se S; (iii). o participante O pode virar um participante oblíquo; e (iii) há alguma marcação morfológica no verbo quando isso ocorre. Payne (2006, p. 255) exemplifica essa alternância sintática com a língua Yup'ik:

	A	O	V	
(80) a.	<i>Yero-m keme-q</i>	<i>nere-llru-a.</i>		
	Yero-ERG	carne-Abs	comer-PASS-3.SG	
	'Yero comeu a carne.' (Payne, 2006, p. 235)			
	↓			
	S	Oblíquo	V	
b.	<i>Yero-q</i>	<i>(kemer-meng)</i>	<i>nere-llru-u-q</i>	
	Yero-Abs	carne-INST	comer-PASS-INSTR-3.SG	
	'Yero comeu (com carne).' (Payne, 2006, p. 235)			

No exemplo acima, é possível verificar uma alternância entre uma oração transitiva com o verbo comer (*nere*) e dois participantes (A '*Yero-m*' e O '*keme-q*') e uma oração intransitiva com o mesmo verbo e um participante S (*Yero-q*). Outrossim, também nota-se um acréscimo de um morfema *-u-* ao verbo quando ele é intransitivizado, bem como a possibilidade de ele possuir um participante oblíquo, o qual anteriormente era o argumento O.

Castro Alves (2004) identificou em dados do Canela morfemas implicados em orações intransitivizadas. Isso pode ser observado nos exemplos abaixo com os verbos *hahêr/hahêr* 'caçar', *kâmpa/par* 'ouvir' e *hakô/hakôr* 'fumar' em contextos transitivos e intransitivos:

morfemas de Tempo, Aspecto e Modo. Essas propriedades, entre outras, definem itens lexicais como próprios a essa classe. Ainda sobre as propriedades estruturais dos verbos, cabe dizer que alguns itens lexicais diferenciam-se no que diz respeito ao comportamento sintático e, eventualmente, à forma morfológica.

As pesquisas linguísticas realizadas sobre a língua Canela por Castro Alves (UnB) descreveram as propriedades verbais (morfológicas e sintáticas) dessa classe. Entre as morfológicas, pode-se elencar o prefixo relacional (83), os clíticos pessoais (84) e os clíticos nominalizadores (85) como próprias para a classe:

- | | | | | | |
|-------|-----------------|-------|-------------------|-------|------------------|
| (83). | <i>i=j-apôj</i> | (84). | <i>ih=têm</i> | (85). | <i>ih=têm=xà</i> |
| | 1=PR-sair | | 3=ir.NF | | 3=ir.NF=NMLZ |
| | 'Eu saí.' (PDN) | | 'Ele foi.' (idem) | | 'Viagem.' (idem) |

Ademais, no campo sintático, importa citar como propriedades distributivas próprias dos verbos descritas por trabalhos anteriores na língua: a mudança de valência (86) e partículas de tempo, aspecto e modo (87):

- (86). *a=te* *cô* *to=cacro*
 2=ERG água CAUS=ser.quente
 'Você esquentou a água.' (Castro Alves, 2004, p. 74)

- (87). a. *quê* *apu* *mõ*
 3 PRG ir
 'Eles estão indo.' (PDN)
- b. *quê* *ha* *tẽ*
 3 IRR ir
 'Ele vai.' (idem)

Dentre a classe verbal, todavia, há itens lexicais que se distinguem no que concerne a algumas propriedades morfológicas e sintáticas. É possível encontrar, por exemplo, verbos com morfologia e comportamento sintático diferenciados, os quais já foram identificados já em trabalhos anteriores (Popjes & Popjes, 1986; Castro Alves, 2004).

Exemplo disso é o caso de vários verbos intransitivos que apresentam formas diferentes (*finita vs não finita*) iniciadas pela mesma sílaba. O primeiro esboço gramatical do

Canela realizado por Popjes & Popjes (1986, p. 194) identificou uma variação morfológica entre itens lexicais:

- (88). a. *apê/hàpên* 'Trabalhar.'
 b. *ahtép/hàhtép* 'Aproximar.'
 c. *awjahê/hūjahêr* 'Caçar.'

Ao observar a variação presente nos exemplos acima, os autores relacionaram a distinção com o fato de haver diferentes clíticos pessoais de terceira pessoa no Canela e assim, sob seus pontos de vista, essas formas morfológicas substituiriam contextos sem clíticos de terceira pessoa.

A análise para essa variação morfológica na visão dos autores é relacionada, logo, à morfologia da língua e não há, neste trabalho, nenhuma citação à relação com a mudança de valência.

Com o advento de trabalhos acadêmicos sobre as línguas Jê, foi possível, no entanto, formular um outro ponto de vista para a variação em alguns verbos intransitivos. Oliveira (2005, p. 132), por exemplo, identificou inúmeros verbos intransitivos com o prefixo inicial formado pela vogal *a-* e variações (*at-*, *aʔ-*, *ap-* e *aw-*). Ela descreveu, para a gramática do Apinajé, como a variação entre as formas iniciais indicam mudanças funcionais também nas orações intransitivas:

Quadro 30 - Prefixos Intransitivos no Apinajé

Variação de Prefixo	Exemplos	Função
<i>a-</i>	<i>a-gjê</i> 'ir (em)' - <i>gjê</i> 'colocar algo em' <i>a-kuprô</i> 'reunir' - <i>kuprô</i> 'reunir algo'	anticausativas
<i>at-</i>	<i>at-kukê</i> 'quebrar em pedaços' <i>kukê</i> 'quebrar algo'	voz média
<i>aʔ-, ap-, aw-</i>	<i>ap-ku</i> 'comer' <i>ku</i> 'comer algo' <i>aw-j-apró</i> 'comprar' <i>apró</i> 'comprar algo'	pacientes genéricos ou impessoais

fonte: Oliveira, 2005, p. 130-133, adaptado.

A autora identificou a relação entre o prefixo inicial nos verbos intransitivos e funções de detransitivização como a anticausativização, voz média, entre outros. Essa marcação morfológica diferencial nas raízes verbais transitivas foi identificada por pesquisadores de

outros dialetos Timbira como o Parkatejê e o Krahô. No Parkatêjê, por exemplo, há a presença dessas mudanças morfológicas para verbos como *-tfo* 'combinar' e *-arên* 'falar' como ilustrado a seguir:

(90). *wa tfi mē tō ai-tfo mǎ*
 1 esperar PL POSP ai-combinar mã
 'Espera, eu vou combinar [o povo].' (Neves, 2014, p. 71)

(91). *anenã mũ ma ai-rên nã*
 anenã ir QUANT ai-caçar nã
 'Todo mundo foi caçar.' (Neves, 2014 p, 71)

Nos exemplos acima da variedade Timbira Parkatêjê, pode-se notar a variação entre formas supletivas dos verbos. Miranda & Sansò (2019) apresentaram, em conferência de linguística tipológica, comunicação sobre a presença dessa variação, a qual os autores nomearam como antipassiva em língua Jê Setentrionais. Ademais, eles citaram línguas como o Apinajê (92), o Txucahamãe (Mëbêgêkre) (93), o Kîsêdjê (Suyá) (94) e o Krahô (Timbira) (95) para mostrar a presença de morfemas como o *aw-/u-* implicadas em mudança de valência ao longo do ramo linguístico. Separamos alguns dados presentes nesse trabalho que compara esse mecanismo:

(92) *ka na a-mǎ a=č-u=j-arê-n prǎm*
 2SG RLS 2SG-DAT 2SG.ABS=PR-AP=PR-contar-NMLZ gostar
 'Você gosta de contar histórias.' (Oliveira, 2005, p. 371 apud Miranda, 2014)

(93) *a=dʒ-u=j-akop-ø*
 2=SG-ABS=PR-AP=PR=perseguir-NMLZ
 'Você perseguiu (algo).' (Jefferson, 2013, apud Miranda, 2014)

(94) *hên ka a=t-u=j-akhop-ø mbra*
 RLS 2SG.NOM 2SG.ABS=PR-AP=REL-perseguir-NMLZ roer.AUX
 'Você perseguiu alguma coisa.' (Miranda & Sansò, 2014, p. 4)

(95) *[cu-mã] a=j-ũ=pjêr nō*
 RP-DAT 2SG.ABS=PR-AP=desconfiar-NMLZ NEG.IMP
 'Não desconfie dele.' (Miranda & Sansò, 2014, p. 4)

Os dados acima retratam a separação de orações intransitivizadas em línguas Jê Setentrionais em diversas línguas com o morfema *u-* e suas variações. Para os verbos com marcação antipassiva no Krahô, os autores reuniram uma lista com doze verbos que apresentam tal comportamento na língua: *aw-jahi/ũ-jahir* 'cortar', *aw-jak^ho/ũ-jak^hor* 'soprar', *aw-jipro/ũ-jipro* 'colocar', *aw-kanã/ũ-kanãr* 'aguentar', *aw-kapri/ũ-kapri* 'ter.pena', *aw-pã/ũ-pãr* 'sentir', *aw-ja?kre/ũ-ja?kre* 'prometer', *aw-jak^hrã/ũ-jak^hrã* 'compartilhar', *aw-jamã/ũ-jamãr* 'cuidar', *aw-kape/ũ-kaper* 'lançar', *aw-arẽ/ũ-jarẽn* 'falar' e *aw-pa/ũ-par* 'escutar'. Os autores não mostram, no entanto, exemplos oracionais que comprovem que esses verbos possuem contextos transitivos atualmente na língua.

No Canela, há a descrição de Castro Alves (2004), como citado anteriormente e alguns itens lexicais descritos por Popjes & Popjes (1987) com essa alternância morfológica no início da frase. No dicionário Canela (Grupp, 2015), encontra-se um levantamento realizado pelos autores de grupos de verbos com a morfologia apontada acima por Popjes & Popjes (1986):

Quadro 31 - Verbos Intransitivos com Morfemas Detransitivizadores

Grupo a-/hà-				
ahcahôn/hàhcahôn 'queixar-se'	ahcuprô/hàhcuprôn 'está preparado'	ahtât/hàhtât 'respeitar'	ahtwý/hàhhuc 'ficar'	ahcukre/hàhucukren 'correr'
ahcaprî/hàhcaprî 'ter compaixão'	ahhy/hàhhyr 'dividir'	ahte/hàhhêc 'balançar a cabeça'	ahwý/hàhwýr 'suplicar, carregar'	ahkôpî/hàhkôpîr 'verificar'
ahcucrâ/hàhucucrân 'ser pintado'	ahkêt/hàhkêt 'muitos'	ahtëp/hàhtëp 'aproximar'	ahtûm/hàhtûm 'esperar'	ahtî/hàhhîc 'espirrar'
ahcukij/hàhucukjê 'perguntar'	ahkî/hàhkîj 'roubar'	ahtôtôc/hàtôtôc 'fazer.barulho'	akij/ hâkjêr 'chamar'	akô/ hâkôr 'respirar assobiando'
akrê/ hâkrên 'subir escorregando'	akru/ hâkrun 'dançar'	amcwa/ hâmcwýr 'receber'	amgô/hâmjôr 'pagar'	amtâ/hâmtâr 'cercar'
amti/hûmti 'sonhar'	amxwý/hâmxwýr 'baixar'	amca/hâmxâr 'matar'	apâ/hâpân 'comer'	apê/hâpên 'trabalhar'
apê/hâpê 'assustar-se'	api/hâpir 'subir'	apô/hâpôr 'respirar'	aptô/hâptô 'preocupar-se'	awxûn/hâwxûn 'repreender'
Grupo aw-/hû-				
awcana/hûcanar 'suportar'	awpa/hûpa 'ouvir'	awcapê/ hûcapêr 'atirar'	awjahê/ hûjahêr 'caçar'	awjakop/hûjakop 'seguindo'
awjakô/hûjakôr 'fumar'	awjarê/hûjarên 'ser rápido'	awjâmpâ/ hûjâmpân 'suplicar'	awcapê/ hûcapêr 'atirar'	awpjê/hûpjêr 'colocar'
awcapi/hûhcapi 'verificar'	awjamã/ hûjamân 'ser.paciente'			

Tendo em vista essa possibilidade de alternância de valência descrita para o Canela, fizemos uma investigação com o *corpus* do dicionário Canela. Nesse intuito, compilamos todas orações com os verbos que possuem uma morfologia diferencial - acréscimo de

morfemas *aw-*, *hũ-*, *jàh-*, se intransitivos - a fim de verificar quais verbos permitem essa alternância.

Com a lista acima, iniciamos a pesquisa para situar em quais contextos oracionais esses verbos podem ocorrer, uma vez que ainda não é muito claro se todos apresentam essas mudanças morfológicas devido à mudança de contextos de valência ou outro contexto sintático e/ou semântico.

Recentemente, importa mencionar que Castro Alves também realizou uma investigação com esses verbos especiais em parceria com um aluno de iniciação científica. Nesta investigação, Castro Alves & Figueiredo (2022) - relatório de iniciação científica - verificaram em 98 ocorrências, 49 verbos com alternância nos radicais verbais (*aw-/hũ-*, *a-/hà-*) Canela. Como resultado da pesquisa, eles encontraram dez orações com contraparte transitiva. Isto é, de um corpus total com 98 orações, 10 possuíam a indicação de uma possível estratégia de mudança de valência.

Compreende-se, então, que é necessário verificar o comportamento desses casos especiais, uma vez que o contexto distributivo da morfologia diferencial em intransitivos ainda é uma discussão em aberto. Para isso, revisitamos o corpus reunido a partir da compilação de exemplos - 134 orações e 13 com alternância de transitividade - do dicionário Canela (Grupp, 2015) com o fito de entender melhor o comportamento desses verbos peculiares.

3.2.1.2. Análise dos dados de morfologia detransitivizadora

Esta seção pretende apresentar os dados compilados do dicionário Canela e outras fontes bibliográficas de orações com alternância morfológica como o acréscimo do *a-/hà-* e variações (*aw-/hũ-*, *a-/hà-*) a verbos intransitivos. É importante dizer que usamos a terminologia 'detransitivização' para esses casos, haja vista ser o termo mais apropriado para essa alternância, uma vez que não temos a análise contextual e pragmática para afirmarmos ser antipassivas. Assim como também urge falar que as dinâmicas formal e funcional implicadas nessa alternância ainda estão sob investigação linguística e, por isso, essa separação será muito benéfica para entender melhor em quais contextos ocorre essa mudança estrutural nas orações verbais do Canela.

De início, buscamos separar todos os casos em que a alternância de prefixos está explicitamente relacionada com uma mudança de valência. Isto é, é possível verificar, por meio da separação e comparação de exemplos, que há uma forma do verbo para orações

transitivas e outra para orações intransitivas. Nesse sentido, podemos observar os exemplos (96a) e (96b) em que há, respectivamente, uma oração transitiva (AOV) e uma intransitiva (SV) associadas a duas formas para o mesmo verbo: *cucrà* 'pintar' e *àhcucràn* 'ser pintado':

	A		O=V	→	S=V
(96)	a.	<i>wa ha aràm=hôc</i>	<i>to a=cucrà</i>		b. <i>i=j=àhcucràn</i>
		1 irr pau-de-leite	POSP 2=pintar		1=PR=ser.pintado.NF
		'Eu vou te pintar com pau-de-leite.'			'Eu estou pintado.'
		(Grupp, 2015, p. 59)			(Grupp, 2015, p. 58)

Nos exemplos acima, podemos notar o acréscimo do formativo *àh=* ao verbo *cucrà* 'pintar' quando intransitivizado, ou seja, quando o participante O é demovido da oração. Além disso, percebe-se uma noção resultativa para o sentido da oração verbal quando monovalente. Essa mesma dinâmica pode ser encontrada com outros verbos como *cukij* 'perguntar', *hyr* 'cortar', *kôpĩ* 'experimentar', *têp* 'aproximar' e *caprĩ* 'ter compaixão':

	A	O=V	→	S	V
(97)	a.	<i>wa a=cukij</i>		b.	<i>∅ ahcukij</i>
		1 2=perguntar			3 perguntar
		'Eu te perguntei.'			'Ele pergunta.'
		(Grupp, 2015, p. 110)			(Grupp, 2015, p. 20)

	A	O	V	→	S=V
(98)	a.	<i>i=te pĩ</i>	<i>j=ahyr</i>		b. <i>h=àhhyr</i>
		1=ERG madeira	PR=cortar		3=cortar
		'Eu cortei madeira.'			'Ele cortou.'
		(Grupp, 2015, p. 63)			(Grupp, 2015, p. 20)

	A		O=V	→	S	V
(99)	a.	<i>wa ha</i>	<i>a=kôpĩ</i>		b.	<i>∅ ahkôpĩ</i>
		1 IRR	2=experimentar			3 verificar
		'Eu vou te experimentar.'				'Ele verifica.'
		(Grupp, 2015, p. 118)				(Grupp, 2015, p. 20)

- | | | | | | |
|----------|-----------------------------|-----|----------------|---|--------------------------|
| | A | | O=V |  | S=V |
| (100) a. | <i>Capi te</i> | | <i>i=têp</i> | | b. <i>apê=j-àhtêp</i> |
| | Capi | ERG | 1=aproximar-se | | manhã=PR-aproximar |
| | 'Capi se aproximou de mim.' | | | | 'A manhã está chegando.' |
| | (Grupp, 2015, p. 26) | | | | (Grupp, 2015, p. 26) |

- | | | | | | |
|-----------|---|-------------------------|-----------|------------------|---------------------|
| | A | | O | | V |
| (101). a. | <i>pahpãm</i> | <i>hôtpe</i> | <i>me</i> | <i>pah=cunea</i> | <i>caprĩ</i> |
| | Deus | sempre | PL | 1.INCL=todos | ter.compaixão |
| | 'Deus sempre tem muita misericórdia conosco.' | | | | |
| | | | | | (Grupp, 2015, p. 5) |
| | | | | | ↓ |
| | | S=V | | | |
| b. | <i>me</i> | <i>pahpãm=j-àhcaprĩ</i> | | <i>cati</i> | |
| | PL | Deus==PR-ter.compaixão | | ser.grande | |
| | 'Deus é muito misericordioso.' | | | | |
| | (Grupp, 2015, p. 5) | | | | |

Os exemplos de 97-101 mostram a alternância entre contextos de transitividade para alguns verbos que também alteram a forma de acordo com cada contexto. Os quatro exemplos mostram o acréscimo da sílaba inicial *a-/àh-* aos verbos antes transitivos quando estão em contexto morfossintático monovalente. Outra alternância que pode ocorrer é entre a sílaba *a-/à-* também em variação condicionada pela transitividade da oração, como nos exemplos que se seguem:

- | | | | | | |
|----------|--------------------------|-------------|-------------------------|---|----------------------|
| | A | | O=V |  | S=V |
| (102) a. | <i>wa ramã</i> | <i>i=te</i> | <i>cigar j=akôr</i> | | b. <i>h=àkôr</i> |
| | 1 | já | 1=ERG cigarro PR=soprar | | 3=soprar |
| | 'Eu já fumei o cigarro.' | | | | 'Ele soprou.' |
| | (Grupp, 2015, p. 19) | | | | (Grupp, 2015, p. 20) |

Os exemplos (102a) e (102b) mostram também a alternância da vogal *a* para *à* ao início do verbo de acordo com o contexto de transitividade. Essa modificação não é sempre homogênea, pois encontramos variações na forma que ela se manifesta de acordo com o item lexical. Isso pode ser notado nos próximos exemplos com a alternância *am-/àm-* em que é

interessante verificar que nem todos possuem uma regularidade quanto à mudança durante a alternância de transitividade. Isto é, há verbos (*hàmxwỳr* 'descer', *hàmji* 'pensar' e *hàmcwỳr* 'pegar') que variam um pouco na primeira sílaba da raiz verbal para *camxwỳr* 'flechar', *cāmjĩ* e *cwa* 'pegar':

- | | | | | | | | |
|----------|-----------------------|------------|----------------|---|----------|-----------------------|-------------------|
| | A | O | V |  | S | V | |
| (103) a. | <i>wa</i> | <i>tep</i> | <i>camxwỳr</i> | | b. | <i>pur</i> | <i>j=àm-xwỳr</i> |
| | 1 | peixe | flechar.NF | | | roça | PR=DTRZ-descer.NF |
| | "Eu flechei o peixe." | | | | | 'O declive da roça.' | |
| | (Grupp, 2015, p. 107) | | | | | (Grupp, 2015, p. 107) | |

- | | | | | | | | |
|----------|--|-------------|-----------|--------------------|---|----------------------|--|
| | A | | O | V |  | S=V | |
| (104) a. | <i>wa</i> | <i>amji</i> | <i>nã</i> | <i>cothy cāmjĩ</i> | b. | <i>h=àm-jĩ</i> | |
| | 1 | RFL | POSP | Cothy pensar | | 3=DTRZ-pensar | |
| | 'Eu estou pensando se Cothy gosta ou não.' | | | | | 'Ele pensou.' | |
| | (Grupp, 2015, p. 21) | | | | | (Grupp, 2015, p. 21) | |

- | | | | | | | | |
|----------|-------------------------|---------------|------------|---|------------|----------------------|--|
| | A | O | V |  | S=V | | |
| (105) a. | <i>wa</i> | <i>ihpore</i> | <i>cwa</i> | | b. | <i>h=àm-cwỳr</i> | |
| | 1 | dinheiro | pegar | | | 3=DTRZ-pegar.NF | |
| | 'Eu peguei o dinheiro.' | | | | | 'Ele pegou.' | |
| | (Grupp, 2015, p. 135) | | | | | (Grupp, 2015, p. 20) | |

Outra variação possível encontrar nesses grupos de verbos é a presença da alternância *aw/-ũ-* em alguns itens lexicais. Nos próximos exemplos, encontram-se os verbos *pa* 'ouvir' (103), *arẽ* 'falar' (104) e *jahê* 'caçar' (105) em contextos transitivos e intransitivos. Quando se compara esses dois contextos, também verificamos o emprego do clítico *aw=* ao detrasitivizar as orações transitivas:

- | | | | | | | | | |
|-----------|-------------------------|--------------|---------------|---|----------|--------------------------|-------------------|---------------|
| | A | O | V |  | S | V | | |
| (106). a. | <i>i=te</i> | <i>pryre</i> | <i>j=ahêr</i> | | b. | <i>ca</i> | <i>ha aw-jahê</i> | <i>ne prã</i> |
| | | 1=ERG | animais | PR=caçar.NF | | 2 | IRR | DTRZ-caçar |
| | ser.em.vão | | | | | | | e |
| | 'Eu fui caçar animais.' | | | | | 'Você vai caçar em vão.' | | |
| | (Grupp, 2015, p. 59) | | | | | (Grupp, 2015, p. 167) | | |

	A		O		V		S=V
(107) a.	<i>capi</i>	<i>te</i>	<i>pỳp</i>		<i>j-arẽn</i>	b.	<i>hũ-j-arẽn</i>
	Capi	ERG	Pỳp		PR-falar.NF		DTRZ-pr-falar.NF
	'Capi falou de Pỳp.'						'Ele falou.'
	(Grupp, 2015, p. 188)						(Grupp, 2015, p. 246)

	A		O		V		S		V	
(108) a.	<i>wa</i>		<i>i=te</i>		<i>i=mpar</i>	b.	<i>ahkrajre</i>	<i>ata</i>	<i>apu</i>	<i>aw-pa</i>
	1		1=ERG		3=ouvir.NF		criança	DEM	PROG	DTRZ-ouvir
	'Eu os ouvi.'						'A criança está ouvindo.'			
	(Grupp, 2015, p. 30)						(Castro Alves, 2004, p. 77)			

Os pares de exemplos acima mostram o uso da forma verbal com prefixo *aw-* em situações intransitivas. Considerando o que foi exposto, percebe-se com os dados presentes no dicionário uma associação entre formas diferenciais morfológicas e de transitividade em alguns itens lexicais. Reunimos no quadro a seguir os verbos intransitivos com morfologia diferenciada que possuem correspondência transitiva:

Quadro 32 - Verbos intransitivos com forma detransitivizada e contraparte transitiva

Grupo	Verbo	Tradução	Intransitivo	Contraparte Transitiva
a-/hà-	ahcucrà/hàhcucràn	pintar	X	X
	ahcukij/hàhcukjêr	perguntar	X	X
	ahhy/hàhhyr	dividir	X	X
	ahkôpĩ/hàhkôpĩr	verificar	X	X
	ahcaprĩ/hàhcaprĩ	compadecer-se	X	X
	ahtêp/hàhtêp	aproximar-se	X	X
	akô/hàkôr	respirar	X	X
	amxwý/hàmxwýr	baixar	X	X
	amcwar/hàmcwýr	pegar	X	X
	cãmjĩ/hàmjĩ	pensar	X	X
aw-/hũ-	awjahê/hũjahêr	caçar	X	X
	awpa/hũpa	ouvir	X	X
	awjarê/hũjarêr	falar	X	X

No quadro 3, podemos verificar que há uma relação entre formas morfológicas distintas e transitividade verbal. Cabe mencionar que esse grupo é heterogêneo com diferentes possibilidades de mudança como mostra o quadro. Outro fato importante é o pequeno número de orações no dicionário com esses verbos em contextos transitivos - treze verbos de quarenta e três - o que indica uma produtividade pequena ou restrita a alguns verbos dessa propriedade. A maioria das orações em que esse grupo ocorre é em contexto monovalente ou com participante posicionado.

Um contexto oracional muito comum em que encontramos verbos intransitivos com morfologia detransitivizadora foi com dois participantes, sendo um deles posicionado. É

possível encontrar frequentemente o outro argumento de orações transitivas marcados por posições como o *to* (instrumental), *mã* (dativo), *kam* (locativo) e *na* (locativo). Primeiro, mostraremos os casos de verbos com morfologia detransitivizadora que possuem contraparte transitiva e também posposicionada. Nesse intuito, ilustramos com o exemplo (33) o caso do verbo *akij* 'chamar' em que possui forma transitiva (*cukij*) e intransitiva (*hãh=cukij*), bem como intransitiva com acréscimo de um participante posposicionado:

	Transitivo	→	Intransitivo	→	Posposicionado
	A O=V		S V		X=POSP
V					
(109) a.	<i>wa a=cukij</i>		b. <i>∅ ah-cukij</i>		c. <i>cu=mã ∅ akij</i>
	1 2=perguntar		3 DTRZ-perguntar		3=DAT 3 perguntar
	'Eu te perguntei.'		'Ele perguntou.'		'Perguntá-lo.'
	(Grupp, 2015, p. 110)		(Grupp, 2015, p. 20)		(Grupp, 2015, p. 64)

Os exemplos de (109) apresenta o verbo *akij* 'perguntar' em três diferentes contextos de transitividade: (109a) mostra o verbo em oração transitiva; (109b) ele monovalente e, em (109c), o verbo com um sintagma marcado com a posição *mã*. Verifica-se, além disso, que o verbo tem uma forma intransitiva com a marca *ah-*, a qual pode se manter, mesmo com um sintagma posposicionado como é exemplificado no próximo exemplo:

		[X-POSP]	S=V	
(110)	<i>wa i=te pry</i>		<i>na i=j-ãh-cukjêr</i>	
	1 1=ERG caminho		POSP 1=PR-DTRZ-perguntar.NF	
	'Eu perguntei pelo caminho.' (Grupp, 2015, p. 58)			

Em (110) há a presença de uma oração com o verbo *cujêr* 'perguntar' intransitivizado com a adição do prefixo *ãh-*, mas com dois participantes: um participante *i=* (1ª pessoa) e um participante *pry* (caminho) marcado com a posição *na*. Esse exemplo mostra como novos participantes podem ser adicionados a verbos intransitivizados, trazendo uma espécie de novo aumento de valência para esses itens lexicais. Essas construções são muito comuns ao longo do *corpus* que reunimos com os dados do dicionário Canela. Assim sendo, os exemplos 111-114 mostram verbos que possuem contraparte transitiva e intransitivizada com acréscimo de participantes posposicionados:

(111) [X-POSP] S=V
wa i=te catõc ita na i=j-ũ-capi
 1 1=ERG espingarda DEM LOC 1=PR-DTRZ-verificar
 'Eu experimentei esta espingarda...' (Grupp, 2015, p. 94)

(112) [X-POSP] S=V
wa apu amji na i=j-ũ-par to=mõ
 1 PRG RFL LOC 1=PR-DTRZ-OUVIR.NF PV=ir
 'Eu os ouvi falarem sobre mim.' (Grupp, 2015, p. 21)

(113) a. [X-POSP]
capi te i=na hũ-j-arẽn
 Capi ERG 1=POSP DTRZ-PR-falar.NF
 'Capi falou o que ele ouviu sobre mim.' (Grupp, 2015, p. 97)

b. [X-POSP]
i=to hũ-j-arẽn
 1=POSP DTRZ-PR-falar.NF
 'Falar sobre mim.' (Grupp, 2015, p. 97)

(114) [X-POSP]
pàhhi te amji na h=àm-jĩ
 Pàhhi ERG RFL SUB 3=DTRZ-suspeitar
 'Pàhhi pensou sobre o erro que fez e como é que vai sair.'
 (Grupp, 2015, p.21)

Todos os exemplos acima mostram verbos com morfologia diferencial, associada à perda de transitividade, mas que podem ter o acréscimo de novos participantes posicionados. Os três verbos (*capi* 'verificar' e *par* 'ouvir', *arẽn* 'falar') podem ter a adição de sintagmas marcados pela posposição *na* e o verbo *-arẽn* 'falar' pode ter o participante marcado pela posposição *to*. Por fim, o quadro a seguir mostra os verbos com essas possibilidades de transitividade:

Quadro 33 - Verbos que possuem contraparte transitiva e posposicionada

Grupo	Verbo	Tradução	Intransitiv o	Contraparte transitiva	Contraparte posposicionada
a-/hà-	ahcukij/ hàhcukjêr	perguntar	X	X	X
	ahkôpĩ/ hàhkôpĩr	verificar	X	X	X
	ahtêp/ hàhtêp	aproximar	X	X	X
	câmjĩ/ hàmjĩ	pensar	X	X	X
aw-/hũ-	awpa/ hũpa	ouvir	X	X	X
	awjarê/ hũjarên	falar	X	X	X

Até o momento, mostramos que, com o levantamento de dados do dicionário Canela, há um grupo de verbos intransitivos que possui forma morfológica diferenciada de acordo com a transitividade. Os casos em que encontramos formas transitivas para a lista de itens com essa morfologia no dicionário, entretanto, não foram expressivos numericamente.

Por outro lado, um fenômeno comum é a ocorrência de participante posposicionado em orações com esses verbos, como pode ser visto no quadro 4. No que diz respeito a essas construções, encontramos um grande número de orações com verbos com morfologia diferencial que não possuem correspondência transitiva, ao menos no nosso levantamento, mas que possuem orações com sintagmas posposicionados na posição O.

Encontramos, em meio à separação de dados, orações com verbos com morfologia detransitivizadora e sintagmas posposicionados na posição do outro argumento de verbos transitivos. Isso pode ser mostrado nos exemplos a seguir nos sintagmas com posições junto a orações com verbos detransitivizados:

- (115) *i=te h=õ na i=j-àh-wỳr*
 1=ERG 3=comida POSP 1=PR-DTRZ-pedir.NF
 'Eu te pedi comida.' (Grupp, 2015, p. 4)

- (116) *cu ha me a=na ah-wỳ*
 3 IRR PL 2=POSP DTRZ-carregar

'Nós vamos carregar vocês.' (Grupp, 2015, p. 4)

- (117) *cu=mã h=arkwa to h=àh-kêt*
3=DAT 3=boca POSP 3=DTRZ-ser.muito
'Obrigar com as palavras.' (Grupp, 2015, p. 36)

- (118) *mehcunea to g=àh-tàt*
todos POSP 2=DTRZ-respeitar
'Seja paciente com todos.' (Grupp, 2015, p. 191)

- (119) *me cu=pê ampo to ah-kĩ*
PL 3=POSP algo POSP DTRZ-roubar
'Ele rouba coisas deles.' (Grupp, 2015, p. 60)

- (120) *ø apu. a=to ah-tõtõt*
3 PRG 2=POSP DTRZ-fazer.barulho
'Ele está te chateando.' (Grupp, 2015, p. 187)

- (121) *wa a=to a-kru*
1 2=INST DTRZ-dançar
'Eu danço com você.' (Grupp, 2015, p. 20)

- (122) *wa a=to a-ptõ*
1 2=POSP DTRZ-preocupar
'Eu me preocupo por causa de você.' (Grupp, 2015, p. 74)

- (123). *wa ha a=to aw-j-amã*
1 IRR 2=POSP DTRZ-PR-ser.paciente
'Eu vou ter paciência contigo.' (Grupp, 2015, p. 193)

- (124). *i=te capi to i=j-àm-xàr*
1=ERG Capi POSP 1=PR-DTRZ-matar.NF
'Eu matei Capi.' (Grupp, 2015, p. 191)

- (125) *wa nee i=te amji to i=j-àh-tũm nare*
1 NEG 1=ERG RFL POSP 1=PR-DTRZ-esperar NEG

'Não demorei.' (Grupp, 2015, p. 62)

Nos exemplos acima, é possível verificar como sintagmas marcados pela posposição *to* são muito comuns de ocorrerem nas orações verbais do Canela. Assim sendo, é possível ter o participante marcado por ela em situações que os verbos intransitivos possuem essa forma morfológica detransitivizada. Cabe notar que, apesar de um acréscimo de um novo participante, não há o uso da forma morfológica transitiva.

Esses contextos oracionais foram muito presentes em toda a pesquisa com o dicionário Canela. Isto é, orações com o verbo detransitivizado e adição de outros participantes marcados por posposições variadas:

(126) *capêr te pyhtô na h=â-prâr*

Capêr POSP Pyhtô POSP 3=DTRZ-vangloriar

'Capêr vangloriou-se de que era melhor que Pyhtô.' (Grupp, 2015, p. 73)

(127) *Capi te ihpore na Pyp mã h=âh-cahhôn*

Capi ERG dinheiro POSP Pyp DAT 3=DTRZ-queixar-se.NF

'Capi queixou-se à Pyp sobre o dinheiro.' (Grupp, 2015, p. 20)

(128) *wa ha ma mō ne cu=mã am-gõ*

1 IRR DIR ir e 3=DAT DTRZ-pagar

'Eu vou e pagarei para ele.' (Grupp, 2015, p. 67)

(129) *cu=te to cu=mã hũ-jahkre*

3=ERG POSP 3=DAT DTRZ-prometer

'Ele prometeu para ele que isso aconteceria/que ele faria isso.' (Grupp, 2015, p. 192)

(131) *tẽ ne cu=mã aw-pjê*

ir e 3=DAT DTRZ-afastar-se

'Diga-lhe que vá esconder-se.' (Grupp, 2015, p. 99)

(134) *i=te capi pê i=j-àm-târ*

1=ERG Capi POSP 1=PR-DTRZ-pegar

'Eu peguei o lugar do Capi.' (Grupp, 2015, p. 68)

Por fim, observamos, com o levantamento de dados do dicionário, como esta alternância, entre contextos transitivos e intransitivos associada a formas com ou sem morfologia detransitivizadora (*aw-/hũ-*, *a-/hà-*), parece ser restrita a alguns itens lexicais, tendo em vista a baixa ocorrência propriamente transitivas. O quadro a seguir ilustra quais verbos foram encontrados em contextos transitivos/intransitivos ou só intransitivos:

Quadro 34 - Síntese da Pesquisa com Detrazitivização no Canela

Grupo	Verbo	Tradução	Intransitivo	Intransitivo posicionado	Contraparte Transitiva
a-/hà-	ahcucrà/hàhcucràn	pintar	X	-	X
	ahcukij/hàhcukjêr	perguntar	X	X	X
	ahhy/hàhhyr	dividir	X	-	X
	àhkêt/hàhkêt	aumentar	X	X	-
	ahkôpĩ/hàhkôpĩr	verificar	X	X	X
	ahcaprĩ/hàhcaprĩ	compadecer	X	-	X
	àhcahhõn/hàcahhõn	queixar-se	X	X	-
	ahkĩ/àhkĩ	roubar	X	X	-
	ahtàt/hàhtàt	respeitar	X	X	-
	ahtêp/hàhtêp	aproximar	X	X	X
	ahtõtõc/hàhtõtõc	fazer.barulho	X	X	-
	àhwỳ/hàhwỳr	carregar	X	X	-
	ahwỳ/hàhwỳr	pedir	X	X	-
	akô/hàkôr	respirar	X	-	X
	akru/hàkru	dançar	X	X	-
ahtũm/hàhtũm	esperar	X	X	-	

	amgõ/hàmjõr	pagar	X	X	-
	amtâr/hàm târ	ser.tímido	X	X	-
	amxwý/hàm xwýr	baixar	X	-	X
	amcwa/hàm cwýr	pegar	X	-	X
	aptõ/hàptõ	preocupar	X	X	-
	aprã/ hàprãr	procurar	X	X	-
	cãmjĩ/hàmjĩ	pensar	X	X	X
aw-/hũ-	awjahê/hũjahêr	caçar	X	-	X
	awjamã/hũjamã	ser.paciente	X	X	-
	awpa/hũpa	ouvir	X	X	X
	awjahkre/hũjahkre	prometer	X	X	-
	awjarê/hũjarên	falar	X	X	X
	awpjê/hũpjêr	aproximar-se	X	X	-

O quadro acima esquematiza os resultados da investigação com morfemas detransitivizadores no Canela. Nesse esquema, é possível perceber como foi pequena a ocorrência de orações transitivas para os verbos detransitivizados em nosso *corpus*. Em termos numéricos, podemos afirmar que cerca de 27% de verbos detransitivizados possuem uma contraparte transitiva, o que mostra a presença desta diátese em alguns itens lexicais apenas. No próximo tópico, trataremos de outro morfema envolvido na redução de valência no Canela: o *pi=*.

3.2.2 Construções com o morfema *pi=*

Nesta seção, abordaremos o caso das anticausativas - processo de redução de valência - no Canela. Em primeiro plano, informamos que esse termo vem sendo utilizado, em pesquisas de descrição gramatical de línguas Jê, para designar orações que apresentam a demissão de um participante agentivo e apresenta uma forma verbal diferenciada.

A primeira pesquisa, sobre a língua, a descrever um processo de alternância de valência desse tipo se encontra em Castro Alves (2004) em que há a seguinte citação: 'As

construções prototipicamente transitivas têm sua valência reduzida pelo morfema *pi=* (voz média) prefixado ao verbo.' (Castro Alves, 2004, p. 71). À época, a autora utilizou o termo voz média para os dados a seguir:

(135) a. *i=te caraw cahhêc*
 1=ERG garrafa quebrar
 'Eu quebrei a garrafa.' (Castro Alves, 2004, p. 71)

↓

b. *caraw pi=cahhêc*
 garrafa VOZ.MÉDIA=quebrou
 'A garrafa quebrou.' (idem)

(136) a. *a=te ken capôn*
 2=ERG pedra partir
 'Você partiu sua pedra.' (idem)

↓

b. *ken pi=capôn*
 pedra VOZ.MÉDIA=partir
 'A pedra partiu.' (idem)

Os exemplos acima mostram como se dá esse processo de redução de valência, uma vez que se observa a modificação oracional com a demissão de um participante agente e uma mudança morfológica no verbo com a inserção de um clítico (*pi=*). No dicionário Canela, é possível encontrar um conjunto de verbos que possuem uma morfologia parecida com a empregada nos exemplos descritos por Castro Alves, os quais foram compilados da obra e estão sumarizados no quadro a seguir:

Quadro 35 - Verbos com morfema *pi=*

Grupo <i>aj=</i> / <i>pi=</i>				
<i>ajhu</i> / <i>ipihur</i> 'cair'	<i>ajhêc</i> / <i>ipihêc</i> 'ser pintado'	<i>ajcajôc</i> / <i>ipicajôc</i> 'envelhecer'	<i>ajpu</i> / <i>ipijapu</i> 'lutar'	<i>ajxê</i> / <i>ipixêr</i> 'cercado'
<i>ajta</i> / <i>ipihyr</i>	<i>ajcwa</i> / <i>ipicwÿr</i>	<i>ajcamê</i> / <i>ipicamên</i>	<i>ajpÿ</i> / <i>ipijapÿn</i>	<i>ajxô</i> / <i>ipixôr</i>

'separar'	'misturar'	'empurrar'	'fechar partes'	'transformar'
ajcri/ipijacri 'observar tabus'	ajcacà/ipicacà 'dançar'	ajcamuw/ ipicamuw 'misturar'	ajrê/ipijarên 'vangloriar-se'	ajprý/ipiprý 'cometer incesto'
ajhê/ipijahêr 'correr'	ajcacwa/ipicacwýr 'unir'	ajcapô/ipicapôn 'partir'	ajrêr/ipijarêr 'complicado'	ajrê/ipirên 'gabar-se'
ajkrut/ipijakrut 'fazer par'	ajcagãn/ipicagãn 'despedaçado'	ajcaprã/ipicaprãr 'vazar'	ajrô/ipijarô 'balançar'	ajrîj/ipirîj 'navegar'
ajpa/ipijapar 'criar'	ajcahte/ipicahhêc 'quebrado'	ajcaxê/ipicaxêr 'encontrar-se'	ajxwý/ipijaxwýr 'gotejar'	ajte/ipite 'separar'
ajpjê/ipijapjêr 'gotejar'	ajcahu/ipicahur 'correr'	ajcokjê/ipicokjêr 'dividir'	ajkên/ipikên 'saltar'	ajpã/ipipã 'ser bêbado'
ajcrà/ipicrà 'espalhar'	ajkra/ipikrar 'assustar'	ajpên/ipipên 'ser igual'		
Grupo a=/pi=				
ahpo/ipipo 'ser perto'	ahpro/ipipror 'ser paralelo'	acxa/ipixar 'rir'	acwryc/ipicwryc 'movimentos'	acto/ipictor 'perder'
amxu/ipĩmxur 'esconder'	amti/ipimtĩr 'sonhar'	amràc/ipimràc 'ser igual'	ampra/ipĩmprar 'acordar'	ampo/ipimpoc 'mudar'
antuw/ipintuw 'mudar'	antwý/ ipinhuc 'adiar'			

O quadro mostra um conjunto considerável de verbos com a alternância morfológica padronizada em modificação da sílaba inicial do verbo de *aj=* para *pi=* ou *a=/pi=*.

Com o processo de mudança descrito por Castro Alves (2014) e essa lista de verbos presente em Grupp (2015), fomos atrás das orações com anticausativização no Canela. Em primeiro lugar, buscamos exemplos de verbos com morfema *pi=*, mas que tem uma contraparte transitiva, isto é, possui uma oração transiiva com alguma forma verbal relacionada. Nesse ímpeto, encontramos poucas ocorrências - quatro orações - análogas aos exemplos (135) ou (136), cujos exemplos dispomos a seguir:

	A		O		V		S=V
(137)	a.	<i>quê</i>	<i>ha</i>	<i>h=arkwa</i>	<i>ajpý</i>		b. <i>i=pi=j-apýn</i>
		3	IRR	3=boca	fechar		3=VOZ.MÉDIA=PR-fechar.partes.NF
		'Ele vai fechar a boca.'					'Ele fechou partes.'

(Grupp, 2015, p. 143)

- (138) a. **A** **O** **V**
cu=te kruw kwĩn
3=ERG flecha quebrar
'Ele quebrou a flecha.'
(PDN)

(Grupp, 2015. p. 27)

- b. **S** **V**
kruw pi=kwiĩn
→ flecha VOZ.MÉDIA=quebrar.NF
'A flecha quebrou.'
(idem)

- (139) a. **A** **O** **V**
rop có j-axwỳr
cão água PR-derramar
'O cão derramou a água.'
(Castro Alves, 2004, p.72)

- b. **S** **V**
có pi=j-axwỳr
→ água VOZ.MÉDIA=derramar.NF
'A água derramou.'
(Castro Alves, 2004, p.72)

- (140) a. **A** **O=V**
cu=te i=hóc
3=ERG 1=pintar
'Ela me pintou.'
(Castro Alves, p. 71)

- b. **S=V**
i=pi=hóc
→ 3=VOZ.MÉDIA=pintar.NF
'Ele pintou.'
(Grupp, 2015, p.42)

Os dados acima representam exemplos que mostram a relação entre mudança morfológica no verbo e a diferença entre o número de participantes, o que implica uma modificação da valência do verbo. Registramos, logo, os seis verbos em que verificamos essa variação em orações do dicionário e estão sistematizadas no quadro 20:

Quadro 36 - Verbos com morfema *pi=* e contraparte transitiva

Verbo	Tradução	Intransitivo	Contraparte transitiva
ajcapô/picapôn	partir	X	X
ajpý/pijapýn	fechar partes	X	X
ajhóc/pihóc	ser pintado	X	X

ajcahte/picahhêc	quebrado	X	X
ajxwý/pijaxwýr	gotejar	X	X
ajkwĩ/pikwĩn	quebrar	X	X

O quadro sistematiza quais verbos encontramos em orações com essa alternância anticausativa, dentro do corpus que possuímos de exemplos do dicionário Canela. A baixa produtividade dessa construção pode ser uma lacuna dentre os dados compilados, bem como pode indicar uma baixa produtividade dela atualmente na língua.

Além dos exemplos já comentados, encontramos alguns exemplos com verbos desse grupo com acréscimo de participante marcado pela posposição *to*. Um exemplo é o verbo *pijapýn*, que pode ser exemplificado nos três contextos sintáticos:

S=V

- (141) a. *i=pi=j-apýn*
 3=VOZ.MÉDIA=fechar.partes.NF
 'Ele fechou partes.' (Grupp, 2015. p. 27)

- b. **A** **O** **V**
quê ha harkwa ajpý
 3 IRR boca fechar
 'Ele vai fechar a boca.' (idem)

- c. **[X POSP]**
wa kre to ajpý
 1 buraco INST fechar
 'Aperte o buraco do dente.' (idem)

No levantamento de dados que realizamos, não encontramos a maioria dos verbos ocorrendo em construções transitivas. Pelo contrário, a maioria dos contextos oracionais apresentam um participante posposicionado, como nos exemplos que se seguem:

- (142) **[X POSP]**
cu=te h=ũhkra to i=pi=ctor
 3=ERG 3=mãos POSP 3=VOZ.MÉDIA=perder

Deus ERG PL POSP 3=VOZ.MÉDIA=ajuntar

'O chefe juntou eles em casamento. (depois de uma separação).'

Conforme podemos verificar, nos exemplos acima, muitas orações com verbos desse grupo possuem o acréscimo de um participante [x-to], as quais não estão com forma transitiva. Registramos, no entanto, as ocorrências desses verbos com posposição no quadro:

Quadro 37 - Verbos com Morfema pi= e Contraparte Posposicionada

Grupo	Verbo	Tradução	Intransitivo	Contraparte posposicionada
aj=/pi=	ajcaxê/ipicaxêr	encontrar-se	X	X
	ajpa/ipijapar	criar	X	X
	ajpê/ipipê	mostrar	X	X
	ajxô/ipixôr	aumentar	X	X
a=/pi=	acto/ipictor	perder	X	X
	ahpro/ipipror	ser paralelo	X	X
	ampo/ipimpoc	mudar	X	X
	antuw/ipintuw	mudar	X	X

O intuito deste capítulo foi registrar as orações, compiladas com a pesquisa no dicionário Canela, que apresentavam algum mecanismo de mudança de valência. No que diz respeito à diminuição de valência por meio do uso do morfema *pi=*, os dados do dicionário são poucos os que se encontravam em contextos transitivos (11.54%). Em nosso corpus, portanto, percebe-se que os itens lexicais com essa alternância parecem não corresponder a um mecanismo de alternância produtivo como anticausativas ou voz média. Nesse sentido, tais temas necessitam ser mais aprofundados.

Considerações Finais

Ao início de nossa pesquisa de doutorado, tínhamos alguns planos e objetivos a serem cumpridos: montar um *corpus* com dados do dicionário Canela recém publicado a fim de utilizá-lo para analisar melhor um componente tão importante da gramática de uma língua: o verbo.

Ao longo da pesquisa, pudemos destrinchar os exemplos: analisá-los, discuti-los e

dispô-los nessa tese em duas grandes partes: os tipos de verbos e os mecanismos de mudança de valência. Para a primeira parte, verificamos propriedades morfossintáticas descritas em exemplos do dicionário que possibilitaram entendermos melhor essas estruturas da língua Canela. Para a segunda parte, analisamos morfemas e construções relacionadas à mudança de valência, o que possibilitou verificar em números a ocorrência de itens lexicais com essas alternâncias.

Ao fim, durante os anos dessa pesquisa, buscamos formar um banco de dados a partir dos exemplos do dicionário. O tema específico deste banco é a mudança de valência. Com essa formação, chegamos às seguintes conclusões:

(i). A mudança de valência pode ocorrer, de forma morfológica, para o aumento de valência, desde que seja a partir de um verbo descritivo estativo. Ou seja, após a compilação dos exemplos, evidenciamos como esse aspecto lexical restringe a formação de causativas morfológicas.

(ii). Um novo participante pode ser acrescentado, de forma sintática com qualquer tipo de verbo tanto na causativização (acrécimo de um participante agente), como nas construções com o acréscimo de [x-to];

(iii). A diminuição de valência ainda é um campo de pesquisa ainda em aberto. Nesse sentido, os dados do dicionário com os morfemas associados à redução ($aw=/hũ=$, $à=/hà=$, $a=/pi=$, $aj=/pi=$) não mostraram um uso produtivo ligado à alternância de transitividade, uma vez que há baixa ocorrência de orações transitivas correspondentes - detransitivização (26.53%) e construções médias (10.91%) - e, por conseguinte, parece ser algo restrito a alguns itens lexicais e não um mecanismo para se mudar a estrutura argumental de um grupo de verbos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUWERA & KRASNIUKHOVA. 2023. Revisiting postverbal standard negation in the Jê languages / Revisitando a negação padrão pós-verbal nas línguas Jê. *Linguistic Typology*, 27 (3). P. 629-666.

BARROS & CASTRO ALVES. 2021. *Intransitividade Cindida no Canela*. Revista Moara. n° 58. Volume especial em homenagem à Lucy Seki. Disponível em: <<https://www.periodicos.ufpa.br/index.php/moara/issue/view/496/showToc>>.

- BICKEL, Balthasar. 2011. *Grammatical relations typology*. The Oxford Handbook of Language Typology, ed. by Jae Jung Song: 399–444. Oxford: Oxford University Press.
- CASTRO ALVES, Flávia de. 1999. Aspectos fonológicos do Apãniekrá (Jê). São Paulo: Universidade de São Paulo. (Dissertação de Mestrado).
- _____. & Sá, R.M. 2000. As estruturas silábicas do Apãniekrá e Pykobyê: uma contribuição aos estudos da sílaba nas línguas Timbira. 2000b. Atas do II Congresso Nacional da ABRALIN, Florianópolis-SC, v. 1, p. 592-601.
- _____. 2002a. Sistematização das diferenças entre as classes de pronomes pessoais do Apãniekrá (Jê). Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978), v. XXXI, p. 1.
- _____. 2002b. Aspectos da ergatividade cindida em Apãniekrá (Jê). In: Ludoviko Santos; Ismael Pontes. (Org.). Línguas Jê (estudos vários). Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, p. 83-93.
- _____. 2004. O Timbira falado pelos Canela Apãniekrá: Uma contribuição aos estudos da morfossintaxe de uma língua Jê. Ph.D. dissertation, Universidade Estadual de Campinas.
- _____. 2007a. Propriedades formais dos sujeitos em Canela. Topicalizando Macro-Jê, ed. Stella Telles and Aldir Santos de Paula. Recife: NECTAR.
- _____. 2007b. Sistema fonológico do Timbira Apãniekrá (fonemas, sílaba e acento). In: Aryon D. Rodrigues & Ana Suely A.C. Cabral (orgs.). (Org.). Línguas e Culturas Macro-Jê. Brasília: UnB/Finatec, p. 45-55.
- _____. 2008. O papel das nominalizações na evolução do alinhamento ergativo nas línguas Jê: Dimensões funcionais e estruturais. Paper presented at Conference on Structures of Amazonian Languages, Manaus.
- _____. 2009a. Tempo, aspecto e modalidade em Canela. Revista Virtual de Estudos da Linguagem, v. 7, p. 13.
- _____. & AGUIAR, A. G. G. 2009b. Estratégias de indeterminação do sujeito em Canela. Revista Virtual de Estudos da Linguagem, v. 7, p. 6.
- _____. 2010a. Evolution of Alignment in Timbira. International Journal of American Linguistics, v. 76, pp. 439-475.
- _____. 2010b. Nominative-Absolutive: Counter-Universal Split Ergativity in Jê and Cariban. In: Spike Gildea; Francesc Queixalós. (Org.). Ergativity in Amazonia (Typological Studies in Language 89). Amsterdam: John Benjamins, p. 263-318.

_____. 2012. Complement clauses in Canela. AMÉRINDIA (PARIS), v. 35, p. 135-154.

_____. 2014. Aumento de valência em Canela. In: Francesc Queixalós; Stella Telles; Ana Carla Bruno. (Org.). Incremento de valencia en las lenguas amazónicas (Publicaciones del Instituto Caro y Cuervo - Serie Coediciones VI). 1ed. Bogotá: Instituto Caro & Cuervo, p. 191-210.

_____. 2018. Sujeito Dativo em Canela. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. ciências humanas, v. 13, p. 377-403.

COMRIE, Bernard. 1989. *Language universals and Linguistic Typology: Syntax and Morphology*. 2nd edition. Oxford: Blackwell.

DAVIS, I. .1966. Comparative Jê phonology. Estudos Lingüísticos - Revista Brasileira de Lingüística Teórica e Aplicada.

DIK, S. (1978) *Functional Grammar*. Amsterdam: Holanda.

DIXON, R. M. W. 1994. *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press.

DIXON, R. M. W. & Alexandra Aikhenvald. 2000. *Introdução*. Em: R. M. W. Dixon & Alexandra Aikhenvald (eds.), *Changing valency: Case studies in transitivity*, 1–29. Cambridge: Cambridge University Press.

DRYER, M. (1995). *Grammatical relations in Ktunaxa (Kutenai)*. The Belcourt Lecture, Winnipeg: University of Manitoba.

FERREIRA, Marcus Vinicius de Lira. 2011. Atos de fala nas línguas Jê: distinções sintáticas no imperativo e no proibitivo. Dissertação de mestrado em Linguística. Brasília: Universidade de Brasília.

FIGUEREDO, Haru. A construção antipassiva em Canela. 2021. Iniciação Científica. (Graduando em Letras - Japonês) - Universidade de Brasília, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Flavia de Castro Alves.

GIVÓN, Talmy. (1985a). Iconicity, Isomorphism, and Non-Arbitrary Coding in syntax.

Em: J. Haiman (ed. 1985b).

_____. 2001. *Syntax: An introduction*. vol. 2. Amsterdam: John Benjamins.

GRUPP, Bernard. 2015. *Dicionário Canela*. 2ª edição revisadas de Jack e Josefina Popjes, SIL, 1990.

HASPELMATH, M. 2011. *On S, A, P, T, and R as comparative concepts for alignment typology*. *Linguistic Typology*, v. 15: 535–689.

HOPPER, Paul J. & Sandra A. Thompson. 1980. *Transitivity in Grammar and Discourse*. *Language* 56. 251–299.

JEFFERSON, Kathleen. 2013 [1989]. *Gramática pedagógica Kayapó*. Anápolis:

Associação Internacional de Linguística.

LAPOLLA, Randy J. *Valency-Change derivations in Dulong/Rawang*. Em: R. M. W. Dixon & Alexandra Aikhenvald (eds.), *Changing valency: Case studies in transitivity*, 1–29. Cambridge: Cambridge University Press.

KIMENYI, A. (1980) *A Relational Grammar of KinyaRwanda*. Dissertação. University of California, Los Angeles.

MARTIN, Jack B. *Creek Voice: Beyond Valency*. Em: R. M. W. Dixon & Alexandra Aikhenvald (eds.), *Changing valency: Case studies in transitivity*, 1–29. Cambridge: Cambridge University Press.

MITHUN, Marianne. *Valency-changing Derivation in Central Alaskan Yup'ik*. Em: R. M. W. Dixon & Alexandra Aikhenvald (eds.), *Changing valency: Case studies in transitivity*, 1–29. Cambridge: Cambridge University Press.

MITHUN, Marianne & CHAFE, Wallace. 1999. *What are S, A, and O?*. *Studies in Language* 23:579-606.

Nikulin, Andrey. 2020. Proto-Macro-Jê: um estudo reconstrutivo. Tese de doutorado em Linguística. Brasília: Universidade de Brasília.

OLIVEIRA, Christiane C. 2003. Lexical categories and descriptives in Apinajé. IJAL 69: 243–74.

PAYNE, Thomas Edward. *Describing morphosyntax: a guide for field linguists*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. xvi, p. 413.

PLANK, F. (ed.). 1979. Ergativity, New York: Academic Press.

POPJES, Jack e J. Popjes. 1986. Canela-Krahô. In Derbyshire, D. C. e Pullum, G. K. (eds.). 1986. Handbook of Amazonian Languages. Berlin; New York; Amsterdam: Mouton de Gruyter, v.1.

_____. 1971. Tentative phonemic statement of Canela. Summer. Institute of Linguistics.

RODRIGUES, A. D. 1986. Línguas Brasileiras - para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Loyola.

SALANOVA, Andrés Pablo. 2009. A unified analysis of ergativity in Mebengokre) published in Amérindia 32. CÉLIA/CNRS, Paris

SANSÒ, Andrea. Antipassive constructions in Jê languages: typological convergences and divergences. Paper presented at the 13th Conference of the Association for Linguistic Typology - Pavia, 4-6 September 2019.

VAN VALIN, Robert D. Junior. 1990. Semantic parameters of split intransitivity. Language 66 (2).